



Tibério Limeira Secretário avalia o desafio de cuidar de quem mais precisa em meio à pandemia. [Página 4](#)

Paraíba

Conheça os profissionais que "leem" as cenas de crime

Estado possui 135 peritos criminais, profissionais que usam a ciência para colaborar com a investigação policial. [Página 7](#)

Foto: Roberto Guedes



São Miguel de Taipu Município é conhecido pelos passeios ecológicos e pelo autódromo internacional. [Página 8](#)

Diversidade

JP tem 47 metros quadrados de área verde por habitante

Vegetação ocupa 30,67% do território do município e bairros da Zona Sul são os mais arborizados. [Página 20](#)



Pensar Uma reflexão sobre o sentimento de indiferença que alimenta a passividade frente ao sofrimento do outro.

Colunas

/// Aprendi que o exercício mais difícil de fazer na vida talvez seja o de sair do próprio mundo (com seus conhecimentos e histórias) e se deslocar até o outro – sentir e pensar como o outro. [Página 26](#)

Angélica Lúcio

/// O conhecimento é um produto resultante da "informação tratada", ou seja, ao ter acesso a informação, é preciso compreender como operacionalizá-la. Como posso aplicar, na prática, aquilo que acabo de ler ou ouvir? [Página 17](#)

Chico Nunes

Pandemia de covid causa aumento de demanda no MPPB

Promotorias ligadas às áreas de saúde e educação foram as mais afetadas pelo crescimento do volume de trabalho no órgão, que é um fiscalizador dos direitos do cidadão. [Página 13](#)



Foto: Marcus Antonius

Tradição que resiste até ao coronavírus

Localizado no coração de João Pessoa, o Ponto de Cem Réis continua sendo o ponto de encontro preferido de muita gente para rever amigos e ouvir boas histórias. [Página 5](#)

Foto: Roberto Guedes



Ano Cultural Zé Lins Fechado por conta da pandemia, o museu dedicado ao escritor paraibano tem seu acervo disponível na internet. [Página 9](#)

Economia

Negócio duradouro Há anos no mercado, empresas superaram crises e mudanças econômicas, e se reinventam sem abrir mão da tradição, como a Música Urbana, que vende LPs e CDs há mais de 20 anos. [Páginas 17 e 18](#)



Foto: Marcus Antonius

Foto: Albeni Pontes/JP



Memória Há 30 anos, o então goleiro do Nacional de Cabedelo, Adalto Neto, entrava para a história ao defender um pênalti de Roberto Dinamite. [Página 21](#)

Maio Amarelo



RESPEITE AS REGRAS DE TRÂNSITO. RESPEITE A VIDA.



Editorial

"Tudo passa..."

O domingo brasileiro já foi considerado uma espécie de dia nacional da praia, da cerveja, do namoro, do futebol... A vida é mais do que isso, mas o espírito do povo, com a descontração de antigamente, criou o mito do domingo como dia consagrado à "alegria de viver". Mares, rios e açudes eram palcos desse "estava à toa na vida, o meu amor me chamou", como canta o Chico Buarque, antes que a segunda-feira bata à porta e estrague a festa.

"Mas tudo passa, tudo passará/ E nada fica, nada ficará", como dizem os versos da bela canção de Nelson Ned, e o domingo mudou não só no Brasil, como também no mundo inteiro. A pandemia do novo coronavírus veio com esse poder imenso de transformar os costumes e, por mais que pessoas insistam em desrespeitar os protocolos sanitários, as medidas restritivas estão impondo novos hábitos às comunidades do mundo inteiro.

Insistir em levar a vida como se a situação de emergência em saúde não existisse é um paradoxo, quando se trata de frequentar praias, bares e restaurantes, por exemplo, principalmente desrespeitando as orientações das autoridades de saúde, que aconselham – e o poder público determina – evitar aglomerações de pessoas, usar máscaras de proteção e higienizar as mãos, sempre que for necessário, com álcool em gel.

A pandemia de covid-19 exige mudanças de hábitos, caso contrário, continuará levando milhares de pessoas aos hospitais, cemitérios e crematórios. Trata-se de uma questão de consciência; de respeito para com a própria vida e a dos semelhantes. A necessidade do bom senso, diante do surto de coronavírus, é preconizada praticamente todos os dias por médicos e gestores públicos. No entanto, pessoas fazem ouvidos de mercador.

Insiste-se, aqui, que o que está em jogo são vidas humanas. Quem sai às ruas sem usar máscaras está ferindo os acordos legais estabelecidos pela coletividade, por meio de legislações específicas, e, o que é mais grave, colocando em risco a vida de outras pessoas. É desumano, para dizer o mínimo, o que pessoas irresponsáveis estão fazendo com os profissionais de saúde e iguais que tentam a custo livrar-se da doença.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

O movimento dialético

A crise política, econômica e social, por que passa o Brasil na atualidade, faz com que se estabeleça um movimento dialético histórico. A contraposição e contradição de ideias promovem o desenvolvimento da dialética, que em sua compreensão literal quer dizer: caminho entre as ideias. É, portanto, nesse debate no pensar que se constroem novas formas de concepção da vida, principalmente quando nos voltamos para definir rumos políticos.

O ideal, então, é que esse movimento dialético seja melhor aproveitado, sem utilizá-lo como instrumento de divergências para fomentar divisões, clima de beligerância, inimizades. Já dizia o pensador grego Aristóteles, que a dialética é a lógica do provável. Enquanto Hegel completava o entendimento, afirmando que é um erro "atribuir valores exagerados a verdades limitadas, prejudicando a percepção da verdade geral".

Conceitos opostos podem guiar a lógica dos pensamentos, em busca do ingresso na razão. O que está em discussão é a saída adequada para os problemas que vivenciamos momentaneamente, na necessidade de vencermos a desesperança e reencontrarmos o caminho da normalidade que garanta um futuro promissor, num ambiente de harmonia. Esse debate de ideias, se tratado

com sensatez e respeito às diferenças de pensamento, pode nos ajudar no estabelecimento da verdade, despreocupados em eleger ideólogos vitoriosos, nem perdedores na visão crítica circunstancial.

O processo dialético pode nos oferecer as respostas para as diversas questões que nos afligem no momento. Mas, para que isso aconteça, há a necessidade de que aos debatedores se internalize a consciência de que inexiste a onipotência da razão.

Ainda é Hegel que nos ensina: "a História é dialética, possibilitando-nos interpretar os fatos à luz de acontecimentos pretéritos, tendo

Esse debate de ideias, se tratado com sensatez e respeito às diferenças de pensamento, pode nos ajudar no estabelecimento da verdade, despreocupados em eleger ideólogos vitoriosos //

na consequência racional a ação dos homens". As antíteses forçam as mudanças que transformam o real. Divergir não representa dizer que algum lado esteja totalmente errado, nem absolutamente certo. Valendo-nos das experiências do passado, é normal que cada um tenha a sua interpretação que oportuniza imaginar um futuro sem repetição

de erros pretéritos e corrigindo as falhas do presente.

Concluo fazendo um apelo no sentido de que as diferenças ideológicas e políticas sejam elementos de construção de um futuro harmônico, nunca um divisor social que enseje conflitos que, certamente, só dificultarão chegarmos a um consenso em favor coletivo.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Nos palácios de Brasília

Uma coisa ninguém pode negar: o talento para o riso que os parlamentares mais ou menos brasileiros têm revelado e demonstrado na temporada da Comissão de Inquérito em cartaz nos palácios de Brasília. Eu estava dormindo o sagrado sono da sesta quando me acordei com meu próprio riso, em tempo de ver o que se passava: as falas de dois senadores que se digladiavam em plena sessão do congresso – se é que uma sessão do congresso possa ser chamada de plena.

Pelo menos pra isso o parlamento nacional serve: fazer o povo rir, e de graça. Em tempo: eu ia escrevendo, no parágrafo acima, "congresso" com tipos em alta e baixa, como se faz na Imprensa. Mas o computador não aceitou, ó? Até as inteligências artificiais já entenderam a nulidade que representam essas duas instituições na vida política de Pindorama //

Mas nem tudo está perdido no reino de Carlota Joaquina: hoje à noite minha filha trouxe a grana do auxílio da virose, e com ele compramos

o pão da padaria (o do Evangelho fica pra outra vez). Dona Carlota, a maconeira, foi a maior rainha brasileira. Alguém disse que por trás de todo grande homem há sempre uma grande mulher; pois Dona Carlota foi uma grande mulher – maior que as galhas que porventura tenha dado ao marido.

Um homem sozinho não funda o Banco do Brasil, a Imprensa Nacional, a Casa da Moeda, o ensino superior, a Escola Naval, a Escola de Cirurgia da Bahia, a Imprensa Nacional, o Observatório Nacional, o Jardim Botânico, os cursos de Carpintaria Naval e de

Mestre de Obras.

Ninguém se iluda com esse auxílio que o governo Jair está distribuindo nas filas famintas. O Brasil não tem reservas para isso. Não se trata de uma "emergência", como a das secas, a qual o povo e os políticos estavam acostumados:

"Seu Dotô uma esmola para um homem que é são Ou lhe mata de vergonha Ou vicia o cidadão."

Foto: Edilson Rodrigues/Agência Senado



Marcus Antonius

marcusfreefoto@gmail.com

Fotolegenda



Resquícios de uma semana agitada

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiego Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

Estímulo ao turismo sustentável nas comunidades tradicionais

Cerca de 50 alunos paraibanos são capacitadas pela ONG Maracá Cidadania para fomentar atividade turística

Lucilene Meireles
lucilene@epc.pb.gov.br

A ONG Maracá Cidadania está realizando um curso a distância para comunidades tradicionais da Paraíba. Trata-se de um projeto-piloto chamado "Dragões Sonhadores: fomentando o turismo sustentável nas comunidades tradicionais por meio de projetos participativos", que é realizado em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Rede Rota Turismo de Inclusão e o Ministério do Turismo (Mtur). A primeira turma já está participando das aulas.

A pesquisa foi demandada pela Universidade de Brasília (UNB), em parceria com o Ministério do Turismo, e é ministrada pela ONG Maracá Cidadania. Na Paraíba, está sob a coordenação

das professoras Rosalma Diniz Araújo e Fabiane Nagabe, do Curso de Turismo da UFPB, e do professor André Gustavo da Silva, do Instituto Federal do Ceará (IFCE). O curso foi modelado pela Rede Rota Turismo de Inclusão.

O facilitador Gabriel Moura, da ONG Maracá, explicou que, há alguns anos, foram feitas pesquisas e mapeamentos de iniciativas de turismo de base comunitária da Paraíba, que foi o foco dado pela UFPB. A partir desse trabalho e da identificação das iniciativas de turismo de base comunitária, formou-se essa rota de turismo de inclusão que atualmente está organizada em dois trechos, a Rota Brejo e a Rota Litoral.

"Com essa identificação e a articulação dessas comunidades surgiram as

demandas das por atividades de formação no campo da elaboração de projetos e, daí, veio a sugestão de se utilizar o método Dragon Dreaming. A equipe, de professores e ex-professores da UFPB, fez a ponte com a universidade. Assim, chegamos na rede e na concepção desse curso que foi criado conjuntamente, a partir das demandas", disse Gabriel Moura.

"Estamos muito animados e, para nós, é a realização de um sonho estar junto a essas comunidades, em elaborarmos esses projetos com eles. Daremos todo apoio para que as ideias aconteçam e que eles possam usar essa metodologia em outros projetos e, daqui a pouco, nos encontrarmos nas comunidades para realizarmos outros trabalhos", complementou o facilitador.

Foto: Divulgação / Rafael Passos - ONG Maracá



Integrantes do projeto que é realizado em parceria com a UFPB, a Rede Rota Turismo de Inclusão e o Ministério do Turismo

Participação de jovens e de adultos

O projeto envolve desde jovens, como os da Colônia de Pescadores de Cabedelo, e mais experientes como o Mestre Griot, no Quilombo de Mituaçu, envolvendo quem estiver disposto a participar dos projetos da comunidade. No final, as pessoas estarão preparadas para contribuir na área do turismo em suas comunidades. Além disso, no final do curso, a ideia é ter dois projetos construídos, um de cada rota.

Na prática, quem participou do curso, por exemplo, na Comunidade Barra de Gramame, poderá aplicar o método

em sua comunidade para fortalecer iniciativas que já existem. "Se há uma pessoa na comunidade com um quintal cheio de árvore frutífera ela pode até sentir vontade de fazer polpa para vender, mas nunca se organizou para isso, tem dificuldade. Com o método, ela vai perceber o potencial do trabalho que pretende desenvolver e que, para isso dar certo, é preciso planejar, fazer um projeto passo a passo para fortalecer a iniciativa, para que ela seja sustentável e contribua com a comunidade", explicou Gabriel.

Curso para construir projetos

A demanda apresentada pelas comunidades foi com foco na formação e elaboração de projetos para que as comunidades possam elaborar suas ideias. O curso, que é gratuito, começou com uma aula inaugural no dia 16 de abril, com a palestrante Luciana Balbino, liderança da Comunidade de Chã de Jardim, em Areia. Ao todo, são sete sextas-feiras e, no final, a UFPB e a Maracá Cidadania, vão emitir certificados para os participantes. O curso vai passar para as lideranças das comunidades do Litoral e do Brejo o método de construir e planejar projetos de forma coletiva e colaborativa.

Do projeto-piloto, participam dez comunidades, com um total de quase 50 alunos. O curso consiste em oficinas para facilitar o processo

da criação conjunta dos projetos que cada comunidade vai criar. "Estamos propondo a criação de dois projetos, uma para a Rota Litoral e outro para a Rota Brejo. Ainda não sabemos qual vai ser o foco porque isso vai surgir dos participantes, mas é sempre voltado para a questão do turismo. As comunidades terão um trabalho com o turismo de base comunitária", comentou Gabriel Moura.

À frente do trabalho, além dos três professores da UFPB, há quatro representantes da Maracá Cidadania, além de um membro da Parabólica Cultural. O curso é o produto final da Pesquisa Aplicada: Concepção de Referenciais Metodológicos para os Planos Territoriais, Programas e Projetos de Qualificação no Turismo Nacional.

AS ROTAS DO TURISMO

■ **Litoral**
Escola Viva Olho do Tempo (Gramame / João Pessoa)
Quilombo Mituaçu (Conde)
Assentamento Tambaba (Conde)
Aldeia de Barra de Gramame | Povo Tabajara (Conde)
Colônia de Pescadores (Cabedelo)
Porto do Capim (Varadouro / João Pessoa)

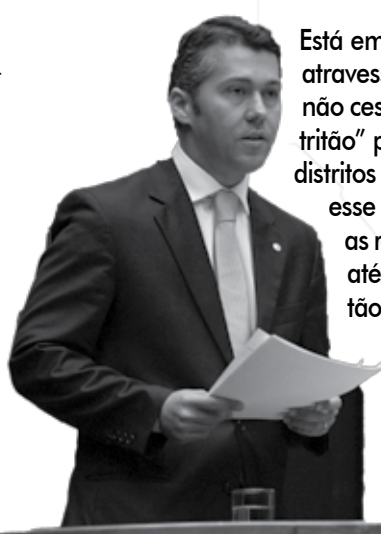
■ **Brejo**
Quilombo Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande)
Quilombo Mundo Novo (Areia)
Comunidade Chã de Jardim (Areia)
Assentamento Nova Margarida (Areia)

Fonte: ONG Maracá.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

Foto: Zeca Ribeiro / Câmara dos Deputados



Está em curso na Câmara dos Deputados um debate que, mesmo ofuscado pela crise sanitária que o país atravessa e outras pautas urgentes que o parlamento tem abraçado, entre as quais a reforma tributária, não cessa: a alteração da Constituição para mudar as atuais regras eleitorais, com a adoção do modelo "distritão" para a eleição proporcional, em que a população só pode votar nos candidatos por distritos previamente definidos. São eleitos os mais votados. Porém, há dificuldades para que uma PEC com esse teor possa tramitar no Congresso e ser votada antes de outubro - pela legislação eleitoral, para que as regras sejam alteradas, de modo a valer para as eleições de 2022, é preciso que esse processo ocorra até um ano antes do pleito. Para o deputado federal Leonardo Gadelha (foto), que é defensor do 'distritão', é muito difícil que a PEC seja votada a tempo. "É duvidoso [que isso ocorra], disse em entrevista à TV, "trata-se de uma PEC, e precisa de 308 votos para ser aprovada". O parlamentar afirma que o sistema atual irá aniquilar os pequenos e médios partidos. "Se, porventura, for mantido as regras atuais, será uma carnificina para partidos menores, porque os partidos maiores são mais atrativos para quem pretende se candidatar. O universo de 35 partidos não é funcional, mas haveria um momento em que os partidos não conseguiriam atingir a cláusula de barreira e, aí, poderia se fundir a outro, de modo que se chegasse a um número de sete ou oito partidos".

"TRAZ CLAREZA AO ELEITOR"

Para Leonardo Gadelha, o "distritão traz clareza ao eleitor". E argumenta: "Para a Assembleia Legislativa, seriam eleitos os 36 mais votados. O mesmo valeria para a Câmara Federal, com a eleição dos 12 mais votados". De acordo com ele, que assumiu cadeira no parlamento, após licença de Ruy Carneiro (PSDB), "na Câmara, a maioria quer o distritão".

"PRECISO SER OUVIDO"

Integrante da base do prefeito Cícero Lucena (PP), o vereador Milanez Neto deu pistas de que não pretende esquentar cadeira no PV: "Posso sair ou posso estar. Agora, no partido em que eu estiver, preciso ser ouvido". Ato contínuo, afirmou que não foi ouvido na eleição do ano passado, quando o PV "apresentou candidata de última hora [ao governo]".

ENCONTRO HISTÓRICO

O encontro entre Lula e FHC, cuja pauta principal foi a eleição presidencial, já é considerado um fato histórico por analistas políticos. O motivo? Nas últimas sete disputas pela Presidência da República, eles estiveram em lados contrários, seja disputando um contra o outro seja apoiando outros candidatos.

"ENTENDO SER NATURAL"

Do governador João Azevêdo, em referência ao apoio de Cícero Lucena (PP) à sua reeleição: "Eu entendo ser natural esse processo de apoio quando passarmos a discutir as eleições. Se o partido [dele] tomar outro caminho, ele decidirá se seguirá o partido ou não", disse, comparando a política com as nuvens, que mudam de forma e lugar, a todo momento.

VISITA TÉCNICA

Presidente da Frente Parlamentar da Água, da ALPB, Jeová Campos (PSB) informa à coluna que, no dia 28, técnicos do Ministério do Desenvolvimento Regional veem à Paraíba para visita técnica às obras da transposição, no Sertão. "Recebi informações de que teremos água da transposição antes do final deste ano, em São José de Piranhas".

"ELE SABE: NÃO DÁ PARA INVENTAR CANDIDATURA"

Após FHC declarar à imprensa que votará em Lula, num eventual segundo turno contra Bolsonaro, o petista registrou em suas redes sociais algo que parece fazer sentido não somente para o tucano, mas para outras lideranças que querem derrotar Bolsonaro: "Ele sempre foi um intelectual e sabe: não dá para inventar uma candidatura".

Tibério Limeira,
Secretário de Desenvolvimento Humano

“Olhar para o lado e ver gente morrendo de fome é a falência da humanidade”

Secretário avalia o desafio de cuidar de quem mais precisa em um contexto de agravamento da fome por conta da pandemia e de cortes dos recursos pelo Governo Federal



Foto: Edson Matos/Arquivo

Desde o início da crise sanitária, a pasta gerida por Tibério Limeira aplicou cerca de R\$ 100 milhões em ações de apoio a famílias, pequenos produtores e pessoas em situação de rua

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

O Estado existe, sobretudo, para ajudar os mais frágeis, quem mais precisa. Para tanto, é preciso sensibilidade para assimilar as demandas e transformá-las em políticas públicas e, principalmente, firmeza para tratar como prioridade a dor dos que mais de-

pendem do poder público. O secretário de Desenvolvimento Humano da Paraíba, Tibério Limeira, apresenta as credenciais necessárias para gerir problemas graves, como é o da insegurança alimentar.

Somente no Estado, segundo o secretário, com base num levantamento feito pelo Governo Federal, em torno de 520 mil

famílias vivem em situação de vulnerabilidade social, de pobreza ou de extrema pobreza. “É um número significativo em um Estado com quatro milhões de habitantes. A ideia é a gente garantir menos sofrimento dessas pessoas, porque dizer que vamos resolver o problema delas, a gente não vai”, explica Limeira.

À frente de uma das

pastas mais importantes da gestão estadual desde 2015, Tibério Limeira constata um agravamento na situação econômica das famílias, não só no Estado, mas em todos os cantos do país desde o início da pandemia. Defende medidas emergenciais para lidar com a questão urgente, mas detalha que não se pode tratar políticas de caráter

emergencial como solução definitiva.

Desde o início da crise sanitária imposta pelo novo coronavírus, a pasta gerida por Tibério Limeira aplicou cerca de R\$ 100 milhões em pelo menos oito ações custeadas com recursos gerenciados pelo Executivo estadual, oriundos dos próprios cofres e de repasses do Governo Federal. As ações be-

neficiam famílias, pequenos produtores rurais e pessoas em situação de rua.

O secretário de Desenvolvimento Humano reconhece que o combate à insegurança alimentar é uma luta impossível de vencer, mas que é possível fazer a vida do máximo de pessoas menos sofrida em tempos de pandemia. Confira abaixo a entrevista:

A entrevista

Como a secretaria tem acompanhado a questão da insegurança alimentar no Estado? Tem monitorado as famílias mais vulneráveis?

Temos em torno de 520 mil famílias em vulnerabilidade social, ou situação de pobreza ou de extrema pobreza. Isso são dados do Governo Federal. É um número significativo em um Estado com quatro milhões de habitantes. A ideia é a gente garantir menos sofrimento dessas pessoas, porque dizer que vamos resolver o problema delas, a gente não vai. É por isso que a gente diversifica tanto para fazer render os recursos do Estado. Primeiro, porque é preciso fazer os recursos do Estado, que são limitados, render, e segundo, para que a gente possa ter várias frentes de atuação, de várias formas. Por isso que a gente se desdobra em um guarda-chuva de vários programas na área de segurança alimentar. São oito programas implementados antes e depois da pandemia para atenuar o problema da insegurança alimentar.

Cuidar dos moradores de rua é uma responsabilidade de todos. A secretaria tem notado um aumento de pessoas nessas situações. Quais foram as ações de ajuda para esse pessoal?

Na concepção do Suas [Sistema Único de Assistência Social], deve haver o compartilhamento da divisão de responsabilidades.

No caso, na ponta, no atendimento direto ao usuário dos serviços de assistência social, cabe aos municípios realizar o atendimento através dos Cras, por meio de seus equipamentos, como em João Pessoa temos o Centro Pop. Os estados não possuem esse tipo de equipamento. O Estado da Paraíba ainda presta um atendimento direto, através dos Creas, que são os Centros de Atendimento Especializado em Assistência Social, que são centros para vítimas de violação de direitos. Mas no caso da população de rua, no papel, essa responsabilidade é dos municípios. Porém, nos últimos anos, vemos uma queda drástica do repasse de recursos do Governo Federal para a política de assistência. Isso prejudica a prestação do serviço e vai sobrecarregando os municípios, que, naturalmente, vão cortando e afetando esse atendimento. Num momento como esse, de pandemia, quando a gente deveria ampliar o investimento em assistência, a gente está cortando. O orçamento caiu para menos de 50% do que era em 2018, que já não era bom. Diante disso, o Governo Estadual, através de parcerias com a sociedade civil, com braços da Igreja Católica, que já prestam esse serviço de maneira reconhecida, tem firmado convênios para atendimento da população em condição de rua, fornecendo refeições diárias. Subimos três mil refeições

diárias a esse público, porque cresceu o número de moradores de rua e de pessoas em vulnerabilidade. E nesse caso, precisamos garantir as três refeições diárias: café, almoço e janta.

O programa Tá Na Mesa vai ajudar 83 cidades com almoços vendidos a R\$ 1. Quantas pessoas devem ser beneficiadas? Qual é a sua expectativa acerca dessa ação?

Esse é um programa que, primeiro, a gente precisa reconhecer a perspicácia do governador João Azevêdo, porque ele pensou nesse programa, embora cada gestor do Governo Estadual tenha dado sua contribuição. O programa tem um caráter duplo porque, além de garantir alimentação a quem precisa a um baixíssimo custo, a R\$ 1, que é o preço que o usuário vai pagar e o Estado vai subsidiar o restante, a gente vai socorrer um dos segmentos mais afetados da pandemia por conta das necessárias medidas de restrição de circulação que é exatamente o setor de restaurantes e congêneres. Quando o “Tá Na Mesa” estiver funcionando nas 83 cidades, vai fornecer em média 25.100 refeições diárias. Nas cidades de 10 a 20 mil habitantes, nós vamos fornecer cerca de 250 refeições diárias; nas cidades acima de 20 mil habitantes, 400 refeições diárias. Em todas as situações, somente o almoço. O programa terá uma duração mínima de três meses, mas

vai investir de recursos próprios, somente neste período, mais de R\$ 13 milhões. É um grande investimento, somando-se aos demais investimentos que o Governo já faz na área da segurança alimentar.

Houve o anúncio da ampliação do horário nas Casas da Cidadania. Ainda falta muito para que voltem à normalidade? Existe uma demanda reprimida muito grande?

A gente entende que o serviço de emissão de documentação é essencial, isso é fato. Mas naqueles primeiros seis meses de pandemia, nem as autoridades mais qualificadas para o assunto sabiam com o que estavam lidando. Para você ver que nos primeiros 15 dias não tinham nem a orientação de usar máscara, depois vieram as orientações que seguimos hoje. A gente entendia que as pessoas precisavam ficar em casa para conter a disseminação do vírus. Então, por conta disso, tivemos que tomar a medida de fechar esses equipamentos do Estado. Quando a gente começou a aprender a conviver com essa situação, apesar de lamentarmos muito as mortes no país e no mundo, tivemos um aprendizado. Diante disso, a gente resolveu reabrir as Casas da Cidadania seguindo todos os protocolos. Inicialmente, com horários de funcionamento de 8h às 13h, em Campina Grande, e em João Pessoa, de 8h às 14h. Nas

cidades menores, o atendimento era até meio-dia. Porém, a gente sabe que a demanda acumulada é muito grande. Agora, a gente entende que é o momento de estender novamente esses horários, tomando todos os cuidados. Ampliamos para o horário de 8h às 16h. Estamos a um passo da normalidade, porque normalmente abriam até as 17h, antes da pandemia. Esse horário é importante para evitarmos que os usuários e os funcionários evitem o horário de pico no transporte público. Não temos um quantitativo da demanda reprimida, mas o que nos diz do tamanho dela é de que sempre que é aberto o agendamento, todas as segundas-feiras, e em 15 minutos a semana está toda preenchida.

Existe um planejamento de expansão de Casas da Cidadania pelo interior do Estado? Se sim, qual a estimativa de quando devem ser iniciadas as obras?

Temos a Casa da Cidadania de Remígio, recém-inaugurada, e até o fim do ano a gente inaugura Casas da Cidadania em Monteiro, Cabaceiras, Itabaiana e Solânea. Iremos para 30 Casas da Cidadania até o fim do ano. Quanto mais a gente faz esses equipamentos em parceria com as prefeituras, melhor para o Estado, porque são espaços reconhecidos pela população, que congrega vários serviços em um lugar só.

Quais programas e ações foram adotados de forma pontual durante a pandemia que o senhor considera possível ser mantido ou aperfeiçoado no pós-pandemia?

Honestamente, como gestor e cidadão, eu não me sinto confortável de fazer uma ação de doação de cesta básica, porque se uma pessoa entra numa fila para pegar cesta básica, é porque ela está no fim da linha, não tem dinheiro nem para o básico dela. Isso não é política pública, é uma ação emergencial para a pessoa não morrer de fome. É a falência da gente mesmo, enquanto humanidade, olhar para o lado e ter gente morrendo de fome, isso, considerando uma sociedade ideal, claro. Em uma sociedade ideal, as pessoas não precisam ‘correr’ para não morrer, deviam se esforçar para estudar, para trabalhar, para melhorar a vida, não para não morrer de fome. Morrer de fome é uma indignidade, uma tristeza muito grande. Tem algumas ações emergenciais que são de fato apenas para uma emergência, para uma calamidade pública, mas estamos estruturando processos. Estamos com um diálogo muito bom com o Ministério da Cidadania para estruturar o Programa de Aquisição de Alimentos e Leite. Isso é uma política de Estado, porque estimula a produção. A Paraíba é um dos maiores produtores de leite de cabra do Brasil, isso é muito bom.

Paraíba possui 135 peritos criminais, profissionais que atuam para "ler" os cenários onde crimes foram praticados e analisar provas. [Página 7](#)



Fotos: Ascom/PCPB

Personagens e histórias do Ponto de Cem Réis

Local, cujo nome oficial é Praça Vidal de Negreiros, resiste como ponto de encontro de muitos pessoenses

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

A Praça Vidal de Negreiros, conhecida como Ponto de Cem Réis, é um dos principais locais de encontro da capital, em especial para os idosos. O espaço, localizado no Centro de João Pessoa tem entre os seus frequentadores mais tradicionais, pessoas que conhecem a área desde quando ainda era o antigo Viaduto Damásio Franca ou quando existiam os trilhos do bonde. São pessoas que viveram governos, discutem política, comentam sobre a família, ouvem música, descansam, fazem amizades, encontram amigos, relembram o passado, jogam dama, dominó... O horário preferido é o da tarde, em especial das 14 às 16h.

Segundo o professor do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Ângelo Emílio Pessoa, ainda existe uma pequena população moradora do centro e restritos espaços de vida noturna, mas não são tão intensos como nos anos 1920 a 1980. A maioria dos moradores são idosos, vivem ali desde a infância e, acostumados, não quiseram sair do bairro. "Para este público que mora perto, aquele é o melhor lugar de conversa. Durante o dia, tem ainda quem fica ali no canto falando sobre a loteria, política, assuntos do dia. Ainda é um lugar

importante de comunicação popular mesmo que em um movimento muito mais escasso", descreve.

Conservar a tradição deste passeio diário é importante, mesmo diante de tantas mudanças no perfil da cidade, conforme relata Romilson Torres, 65 anos, que há 20 frequenta o Ponto de Cem Réis. Ele acredita que as pessoas estão mudando e a praça vem perdendo a essência. "A maior diferença é em relação aos frequentadores. A medida que o tempo vai passando as pessoas estão mais despojadas e a partir do momento que apareceu o coronavírus deixou de fazer sentido as pessoas virem para cá mais, se expondo a pandemia. Mudou a visão dos prédios que estão deteriorados, por falta de conservação. A essência antiga desse lugar está sendo perdida", conta.

Para o aposentado, o público mais velho vem aos poucos perdendo a vontade de ficar no local devido a pandemia e pela busca por espaços diferentes para os encontros. "Como a pandemia afeta o público mais velho, elas têm mais medo de vir. A gente não escuta muitos casos de colegas contaminados. Poucos companheiros da minha faixa de idade se contaminaram. Acho que é um público mais consciente, sai pouco e se protege muito bem", acrescenta.

No entanto, alguns mantêm o compromisso diário como Israel Sil-

va que desde 1984 vai jogar com os colegas e trabalhar. Ele tem percebido as mudanças que acontecem desde o ano passado e diz que muitos que costumava ver sempre, hoje nem tem mais notícias. "Realmente mudou tudo. Os idosos se afastaram. Muitos aposentados vinham e com a pandemia ficaram com medo. Mais da metade se afastou e a maioria dos que vêm usa máscara e outros a gente aconselha para usar. No mínimo uns 10 morreram e outros deixaram de vir porque pegaram a doença", relata.

Muitos conhecem quem teve covid-19 e até quem morreu por causa da doença. Porém, fugir da solidão de casa em meio ao isolamento é uma das principais razões para não deixar de frequentar o espaço, conforme explica Lúcio de Almeida. O aposentado de 63 anos afirma que no início da pandemia ainda ficou uns meses distante do Ponto de Cem Réis. Hoje, apesar de ser do grupo de risco, voltou ao local para preencher o tempo, mas não dispensa a máscara e o álcool gel e já tomou as duas doses da vacina. "A pessoa sai para resolver alguma coisa e termina na brincadeira de dominó e dama. Venho para cá brincar e no finalzinho da tarde, vou para casa. É esse o passatempo de quem vem aqui nessa área nossa. Do meu grupo, a maioria se vacinou. Mas na praça teve muita gente que até hoje não vem mais", observa.

Fotos: Marcus Antonius



Frequentadores costumam passar o tempo entre conversas e partidas de dama e dominó

+ Área passou por diversas transformações através dos séculos

De acordo com a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), o Ponto de Cem Réis representa um marco da modernização dos transportes, além de ser o local de concentração de reivindicações públicas, encontros e o espaço escolhido para a construção do símbolo do progresso dos anos 1970 na cidade, o viaduto Damásio Franca. O local possui uma área de 5.214 metros quadrados.

Seu entorno é formado por empreendimentos comerciais e

edificações antigas: o casarão que pertenceu à família Ávila Lins; o Paraíba Palace Hotel, construído nos anos 1920; Edifícios Régis e Duarte da Silveira, ambos símbolos do movimento moderno no estado e pelas Ruas Visconde de Pelotas e Duque de Caxias.

De acordo com o professor Ângelo Pessoa, a história do local inicia no surgimento de João Pessoa, no século XVI. A cidade ainda era restrita ao Varadouro e o Porto do Capim. "Se voltar 400

anos, o atual Ponto de Cem Réis ou era mato ou pequenos casebres, praticamente na saída da cidade. As principais construções se localizavam em torno do Convento Franciscano, da Igreja do Carmo e no Porto do Capim... No trecho entre a Igreja da Misericórdia e o Ponto de Cem Réis era chamado Rua da Baixa", explica.

No século XVIII foi construída a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Nos anos 1920, a Igreja do Rosário já estava no

mesmo lugar onde existia a parada final dos bondes do sistema de transporte urbano coletivo de tração animal, implantado em 1896 pelo Fero Carril Parahyba. Ela foi demolida e transferida para Jaguaribe onde existe atualmente. A saída da igreja compõe uma série de acontecimentos que marcam a modernização pessoense. Uma das novas construções no local foi a Praça Vidal de Negreiros, inaugurada em 12 de outubro de 1924.

Desde 1914, os bondes elétricos vinham substituindo os puxados à burro e os condutores cobravam pela passagem o valor de cem réis. Assim, a parada final da Praça de Bondes ganhou o nome popular de Ponto de Cem Réis. Em 1929, teve início a construção do Parahyba Palace Hotel. A partir daí, o Ponto de Cem Réis se fortalece como um local de convívio social. Em dia 17 de julho de 1970 é inaugurado o Viaduto Damásio Franca.



/// Mais da metade se afastou... Uns 10 morreram e outros deixaram de vir porque pegaram a doença. Mesmo assim, aqui é um bom lugar para o aposentado porque é ao ar livre e pode conversar. ///

Israel Silva
Aposentado

/// Do ano passado para cá, o pessoal do grupo de risco se ausentou e eu me ausentei um pouco. Depois, voltei com toda a segurança... Mas na praça teve muita gente que até hoje não vem mais. ///

Lúcio de Almeida
Aposentado





Aeronaves seguem rotas definidas em releção aos sentidos e altitudes para garantir segurança durante os voos

Como funcionam as 'estradas' para os aviões nos céus da PB

Cruzando o espaço aéreo paraibano existem 11 aerovias de alta performance e três de baixa utilizadas pelas aeronaves

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Quando um avião voa em espaço aéreo controlado, ele não pode trafegar de forma aleatória, em qualquer direção. Assim como as ruas que percorremos em solo, há vias no espaço aéreo, e as aeronaves precisam seguir por elas. O trajeto é todo desenhado numa carta aérea, e alguns desses caminhos, inclusive, se cruzam no ar. Isso, porém, não diminui a segurança de voar. Cada vez mais, novas ferramentas e sistemas avançados contribuem para tornar as viagens aéreas menos vulneráveis a acidentes, e a Paraíba deve ter novidades em breve. Cruzando o espaço aéreo da Paraíba há três aerovias de baixa performance e 11 de alta.

As aerovias de alta performance e altitudes, normalmente 25 mil pés (7620m) - (um pé é equivalente a doze polegadas ou a 30,48 centímetros) - a 47 mil pés (14.325 m) e dimensões laterais de 10 milhas náuticas (18.520m) - uma milha náutica corresponde a 1,852 quilômetro - utilizadas com base na navegação por instrumentos à bordo das aeronaves. Já as de baixa e média performance são aerovias voadas por aeronaves em altitudes que vão de 15 mil pés (4.572m) até 2.400 pés (7.315m) e dimensões laterais que variam de acordo com o sensor de navegação aérea localizado em terra ou por satélite.

Está em andamento o Projeto Cardeal Nordeste, com data de implementação no final de 2022, que visa otimizar as trajetórias de chegada e saída dos voos de Recife e João Pessoa. O objetivo é incremen-

Projeto

No final do próximo ano, a rota Recife-João Pessoa passará por mudança para reduzir a trajetória e ampliar a segurança.

tar a segurança operacional e reduzir as trajetórias dos voos. A mudança vai contribuir com a retomada econômica da aviação devido ao impacto causado pela pandemia da covid-19.

Mas, enquanto o projeto é estruturado, para garantir a segurança no espaço aéreo, são necessários outros cuidados, como o contato das aeronaves com as torres de comando nos aeroportos e a observação atenta às rotas que aparecem no painel de controle. Numa comparação com os carros de passeio, as aerovias aparecem no monitor da mesma forma que funcionam os serviços de localização via GPS utilizados nos veículos em terra firme.

Essas ruas invisíveis são de responsabilidade do Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea), que compõe a Força Aérea Brasileira (FAB). De acordo com o departamento, as rotas aéreas - ou aerovias - são espaços aéreos estabelecidos em forma de corredor, com trajetórias definidas em termos de rumo (000º a 359º) e limites verticais variados, publicadas (voos por instrumentos) ou não (voos em contato visual com o solo) em cartas e que possuem a finalidade de orientar as aeronaves desde um ponto conhecido até um destino desejado.



Técnicas dos pilotos para se orientar nessas rotas

Segundo o Decea, algumas rotas possuem sentido único. Neste caso as aeronaves podem voar em todos os níveis de voo. Quando a aerovia é de duplo sentido, os níveis disponíveis serão de acordo com o rumo a ser voado. Por exemplo, um voo de Recife para Natal, em aerovia de sentido duplo, poderá utilizar aqueles disponíveis numa tabela pré-determinada de acordo com o rumo entre 000º a 179º. O Decea ressalta que as ruas traçadas nas cartas aéreas permitem ordenar o tráfego e permitir que haja pelo menos a separação vertical de 1.000 mil pés entre os voos.

As ruas virtuais determinam, em cada espaço aéreo, a trajetória que as aeronaves devem seguir, a

altitude, e os pilotos conseguem se orientar nessas rotas através de dois tipos de navegação. A primeira é a satelital, por meio de sensores embarcados que definem as trajetórias entre os pontos (waypoints) definidos nas aerovias e coordenadas geodésicas, ou seja, latitude e longitude. Na navegação convencional, eles se orientam por meio da captação de sensores terrestres que emitem ondas de radiofrequência.

Em relação à segurança no tráfego aéreo, a comunicação no espaço aéreo superior do Nordeste é efetuada por voz ou por meio de Comunicação de Dados entre Pilotos e Controladores (CPDLC), evitando problemas de mau entendimento e otimizando as comunicações.

O Decea destacou que o espaço aéreo possui regras de separação longitudinal, em termos de distância ou tempo, entre as aeronaves que voam em uma mesma aerovia e no mesmo sentido. Se os voos estiverem em rumos opostos, devem estar separados verticalmente por 1.000 pés de altitude.

A distância mínima entre as aeronaves depende do espaço aéreo que voará ou do serviço de vigilância que é prestado. Pode variar de 5 a 10 milhas náuticas). Também há a separação por tempo, muito comum, utilizada nas fases de pousos e decolagens para assegurar que uma aeronave que segue não sofra influência da esteira de turbulência de outra à frente.

A voz da experiência com as máquinas aéreas

A experiência de Eduardo Veras de Vasconcelos, piloto de linha aérea de avião e piloto comercial de helicóptero, começou há 23 anos e, com o conhecimento adquirido nesse tempo, ele sabe que atua num dos meios de transporte mais seguros do mundo. "Fiz uma pesquisa relacionada aos meios de transporte e o avião só perdia para o trem, ou seja, seria mais fácil ter um acidente aeronáutico do que ferroviário. Porém, acho que essa conclusão tem a ver com a quantidade também, porque há menos trens do que aviões", observou.

De fato, segundo o piloto, o avião é um veículo seguro e as rotas aéreas garantem essa segurança. "É isso que é universal. O espaço aéreo nacional é todo controlado.

Voamos nessas áreas e em regiões de informações de voo. E a gente tem equipamentos a bordo que indicam outras aeronaves se elas estiverem com os equipamentos de visualização ligados. De posse desse recurso, fazemos a separação entre uma aeronave e outra, tirando o risco de colisão ou algo parecido", explicou.

Além disso, existem as torres de comando que passam as orientações. "No nosso caso, a área de controle do Recife manda no Nordeste todo", ressaltou. Há também frequências usadas para coordenar áreas que não são controladas. O contato é mantido via rádio e o piloto informa que está seguindo do ponto A para o ponto B, informando que está

cruzando determinada altitude, tempo estimado. "Se tiver alguma aeronave no setor, ela vai ouvir e a gente vai prover a separação para evitar colisão", disse.

Em mais de duas décadas como piloto, Eduardo Vasconcelos garante que nunca passou por nenhuma situação de risco de colisão. Nesse tempo, segundo ele, ocorreram inovações que aumentaram a segurança, como novos equipamentos embarcados na aeronave e também um apoio maior de solo, balizas diferenciadas em terra chamadas waypoints. "Isso vai fazendo com que a navegação fique mais segura. E, lógico, a legislação, na aviação, é sempre rigorosa. Acho que isso faz com que funcione sem grandes acidentes", completou.

Peritos utilizam a ciência para “ler” a cena do crime

Paraíba possui 135 profissionais que atuam analisando cenários de ocorrências, amostras de DNA e documentos

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Que a violência faz parte do cotidiano de grande parte dos brasileiros é um fato. Para solucionar os crimes e levar a julgamento os culpados é preciso “ler” a cena do crime. É nesse ponto que entra em cena um profissional que é essencial na elucidação dos crimes: o perito criminal. O Jornal A União foi desvendar essa profissão, mostrando ‘de perto’ as atividades e o papel desse profissional que contribui com a Justiça, solucionando crimes e trazendo a verdade sobre as ações criminosas e ilegais.

Ao perito criminal compete a produção das provas materiais dentro do processo investigativo. É a perícia oficial criminal, em suas diversas áreas, que realiza a análise científica dos vestígios ligados a um crime, trazendo à tona a materialidade do delito (comprovação de que o crime ocorreu), sua dinâmica (como ocorreu) e elementos de autoria (quem o praticou).

“As informações sobre as dinâmicas criminosas e sobre a autoria são – muitas vezes – reveladas ou mesmo comprovadas cientificamente apenas através desta espécie de prova”, destaca a chefe do Núcleo de Criminalística de João Pessoa, Gabriella da Nóbrega, do Instituto de Polícia Científica da Paraíba (IPC-PB).

O perito oficial é quem faz a análise científica e a interpretação dos vestígios ligados a um crime, verificando

os elementos materiais consequentes de uma atividade criminosa, como, por exemplo, exames balísticos em armas utilizadas no disparo para confirmação de seu emprego na investigação. Também realiza a análise laboratorial de vestígios biológicos, para a identificação de criminosos através do DNA, periciando locais de crime, coletas de dados e informações complementares; além de dar apoio técnico e administrati-

A Polícia Civil da Paraíba possui núcleos de perícia em João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras, Patos e Guarabira

vo da Polícia Científica.

Há 10 anos, Gabriella exerce a função de desvendar o que está por trás dos crimes cometidos em João Pessoa e seu dia a dia é repleto de surpresas e descobertas inimagináveis. “A atividade pericial é muito dinâmica. Cada novo caso pode apresentar a necessidade do aprofundamento dos estudos do profissional perito, em razão da complexidade ou da abordagem científica necessária para aquele exame específico. Aqui na Paraíba, o perito criminal pode atuar no setor de perícias externas, realizando as perícias

em locais de crime, bem como nos setores internos, em laboratórios das diversas áreas periciais”, explica a perita.

Na Paraíba, existem cinco núcleos de perícia, localizados em João Pessoa, Campina Grande, Guarabira, Patos e Cajazeiras. Ao todo, existem 135 peritos que trabalham por todo o estado. Para exercer a função é preciso ser aprovado em concurso público e, obrigatoriamente, o profissional necessita ter nível superior. Durante as fases de seleção, a última etapa diz respeito a um curso de formação na Academia de Polícia Civil, a fim de preparar o profissional para a atuação prática. Após o ingresso na atividade, a formação deve ser contínua – através de cursos de reciclagem, por exemplo – pois, o conhecimento científico da perícia sempre se renova com o uso das novas tecnologias.

O IPC-PB atua nos setores das perícias externas, que são em locais de crimes contra a pessoa, o patrimônio, crimes ambientais e de engenharia forense. Nos setores internos são realizadas perícias forenses de balística, documentoscopia, contabilidade, informática, entomologia, papiloscopia, perícias de áudio e imagem e perícias de identificação veicular. Também há a atuação de peritos oficiais criminais em alguns laboratórios forenses, como por exemplo, Laboratório de DNA.



Fotos: Ascom/PCPB

Cenário do delito apresenta informações que, após serem coletadas e analisadas, vão contribuir para solucionar o crime

Sobre o tempo médio para a conclusão de uma perícia criminal, Gabriella da Nóbrega pontua que a emissão do laudo pericial varia muito em razão da complexidade do exame. “Temos exames periciais que podem ser concluídos em horas e exames que demandam vários dias ou até mesmo meses”, diz ela, que relata também a importância das ações periciais na revelação de fatos que resultaram em várias mortes. “Tivemos um caso de um acidente automobilístico envolvendo um ônibus de passageiros com óbitos, cujo principal suspeito era o motorista (que sempre

alegou inocência) e só foi possível comprovar sua versão de inocente através da perícia no veículo, que comprovou como única causa do acidente falha mecânica”, acrescenta.

Como diz o ditado popular ‘o corpo e o local do crime falam’, só é preciso ter um perito para traduzir as cenas e ações que levaram a tais fatos. A perita comenta que a perícia criminal usa sempre a máxima de que “o vestígio fala através do perito”. “Todo elemento material que a gente examina é chamado de vestígio – a pegada, a arma, a digital, a mancha de sangue – que através do olhar aguçado do perito, da

sua expertise e da utilização de métodos científicos, a gente consegue interpretar esses vestígios e trazer à tona uma verdade que muitas vezes não é feita através de uma prova testemunhal”, afirma Gabriella da Nóbrega. E completa: “Muitas vezes, as testemunhas mentem por diversos aspectos, como medo, interesse naquela investigação... e as vítimas às vezes também de enganam, como a gente tem casos de crimes sexuais que as pessoas foram realmente vítimas, mas se equivocam em reconhecimentos. Então, esse vestígio não mente para nós, digamos assim”.

+ Estudo dos insetos ajuda na elucidação de homicídios

A Entomologia Forense é um setor da perícia criminal que realiza a investigação através dos estudos biológicos aplicados em insetos que são encontrados no cadáver, local de um crime ou de acidente. É a partir as técnicas entomológicas que se consegue estimar quando a pessoa foi a óbito e o tempo que se encontra em determinado estado de decomposição, auxiliando na solução de crimes cometidos.

Na Paraíba, existe apenas um perito oficial com essa especialidade no Instituto de Polícia Científica (IPC-PB), o entomólogo forense Rodrigo Farias. Ele explica que a existência de insetos nos casos criminosos ou acidentais é primordial para elucidação de muitas investigações.

“Quando os insetos são coletados a informação primordial que a gente quer obter deles é uma estimativa de quando foi que eles localizaram o cadáver e iniciaram a colonização do cadáver, por que isso é importante? Porque quando o corpo está em um ambiente que é acessível aos insetos essa colonização inicia em algumas horas após a morte. Então, quando a gente

descobre quando os ovos foram depositados a gente tem uma data que em 85% a 90% dos casos no mínimo coincidem com a data da morte”, explica Rodrigo Farias.

O especialista destaca que esses estudos nas moscas e demais insetos encontrados nos cadáveres são coletados em partes específicas. “A gente precisa coletar os insetos pioneiros, que iniciaram a colonização em uma determinada localização. Os insetos têm preferência por cavidades naturais do corpo e essas aberturas se encontram na cabeça. Então, eles vão colonizar nas cabeças. Você pode até não ver insetos no cadáver, mas quando vai procurar na boca, nariz, orelha ou por baixo da epiderme encontramos larvas”, ilustra Rodrigo.

O perito explica que existem três formas de se atuar nessa especialidade. A primeira delas, como a gente costuma fazer aqui na Paraíba, o perito vai até o local onde o cadáver é encontrado e ele mesmo faz a busca e coleta dos insetos que se encontram naquele corpo ou local. A segunda é a possibilidade de outro pe-

rito coletar e o responsável pelo setor de entomologia forense receber o material e trabalhar a partir do que foi coletado por outra pessoa. A terceira é quando o pessoal da necropsia, os técnicos ou o médico legista ou o perito dentista coletam e encaminha para nosso setor.

Foi justamente através do estudo entomológico feito pelo perito oficial Rodrigo que foi possível identificar o tempo de morte da vendedora Vivianny Crisley, um crime que ganhou repercussão na Paraíba em outubro de 2016, em que a vítima desapareceu após sair de um bar na principal do bairro Bancários, em João Pessoa. “Nesse caso haviam várias dúvidas, pois o corpo só foi encontrado 17 dias após o seu desaparecimento e estava carbonizado. Então, através dos insetos que conseguimos coletar foi possível estimar há quantos dias ela estava morta. As larvas que a gente encontra nos cadáveres, os famosos ‘tapurus’ passam por um processo de desenvolvimento e após a sua metamorfose fazemos os estudos, através dos detalhes morfológicos”, relembra o perito.

Caminho para ser perito

Para quem pensa que ser perito é preciso ter cursado o curso de Medicina, está equivocado. A profissão pode ser exercida também por outros profissionais com Nível Superior em ciências contábeis, engenharia e suas áreas, informática, geologia, ciências biológicas, medicina veterinária, odontologia, farmácia, física, fotografia, química ou demais graduações acadêmicas relacionadas com a área específica de atuação do cargo disponível.

Até o momento, ainda não existe o curso superior de investigação forense ou perícia criminal em universidades públicas do país. No entanto, algumas instituições de Nível Superior particulares, como a Estádio de Sá, UniDomBosco e Uniasselvi, ofertam a formação superior de forma Ensino a Distância (EAD), na categoria tecnólogo, com duração de três anos.

A média salarial de um perito oficial criminal é de R\$ 16 mil em concursos estaduais. Para órgãos federais, como Polícia Federal, o salário para o cargo é de R\$ 22.672,48, inicialmente.



Olhar do perito criminal é fundamental para identificar detalhes, seja nas análises em laboratórios ou na cena do crime, que podem ser provas que ajudem nas investigações e levem a incriminar ou inocentar uma pessoa

Turismo ecológico é a grande atração de São Miguel de Taipu

Município conta com pouco mais de sete mil habitantes e possui tradição de realizar atividades esportivas e festivas

José Alves
zavieira2@gmail.com

Tendo como atração maior o turismo ecológico com a realização de trilhas de bike, motos e cavalgadas, o município de São Miguel de Taipu se destaca por ter em seu território um dos maiores templos de vaquejadas, o Parque Bemais e o Autódromo Internacional, o único no Nordeste capaz de realizar eventos nacionais e internacionais em três tipos de circuito: Fórmula Truck, StockCar e Profissional Liberal.

A entrada da cidade é considerada um cartão postal em razão do calçadão construído às margens do Açude Velho, onde os habitantes costumam praticar atividades físicas e se divertir nos passeios de pedalinhos.

Além de uma tradicional programação do São João, a cidade realiza anualmente outras duas festas que atraem multidões. A primeira acontece no mês de janeiro em homenagem ao co-padroeiro da cidade "São Sebastião". A outra, é a tradicional "Festa da Colheita", realizada no mês de setembro. Ambas as festividades são bastante concorridas na região, mas este ano, por causa da pandemia do coronavírus, elas foram adiadas.

Todos os anos, no dia 1º de maio, também é realizada em São Miguel de Taipu a tradicional Cavalgada Ecológica. Esse evento não acontece desde o ano passado também por causa da pandemia da covid-19. A cavalgada que faz parte do calendário turístico do município e é muito prestigiado pelos moradores da região. Todos os eventos ecológicos realizados em São Miguel de Taipu levam os participantes até a Cachoeira da Una, um dos pontos mais atrativos do município.

Autódromo coloca município no roteiro internacional de disputas automobilísticas

O Autódromo Internacional da Paraíba, instalado em São Miguel de Taipu, localizado a menos de uma hora de João Pessoa, está preparado para receber os mais importantes eventos automobilísticos do Brasil. Ele se destaca por ser o único do Nordeste com áreas reservadas para circuitos de Fórmula Truck, StockCar e Profissional Liberal.

Instalado em uma área de cem hectares às margens da Rodovia PB-082, o autódromo foi visitado recentemente pelo tricampeão mundial de Fórmula 1 Nelson Piquet. O objetivo da visita foi confirmar a Paraíba na relação dos estados aptos a receberem etapas da Stock Car. O primeiro evento realizado no Autódromo Internacional da Paraíba após sua inauguração levou mais de três mil pessoas a São Miguel de Taipu. Uma demonstração de que os eventos a serem realizados por lá, vão impulsionar o turismo e a economia do estado.

História

Segundo historiadores, São Miguel de Taipu surgiu primeiramente como distrito de Cruz do Espírito Santo, em 1911. Mas em dia 10 de abril de 1959 a localidade foi anexada ao município de Pilar. Em seguida, foi desmembrado de Pilar e elevado à categoria de município com a denominação de São Miguel de Taipu, no dia 22 de dezembro de 1961.

Não existem informações precisas sobre o núcleo que deu origem à formação do povoado da atual cidade de São Miguel de Taipu. O que se conta é que com o aparecimento dos portugueses durante o Brasil Colônia na região às margens do Rio Paraíba, foi escolhida para o plantio da cana-de-açúcar, na época da monocultura, por reunir condições favoráveis à produção.

Com o passar dos anos, foram fundados os engenhos Corredor Maravalha, Oiteiro, Itapuá e outros, sendo o principal, o engenho Taipu, que deu origem ao nome da cidade. Os fundadores foram as famílias Lins, Vieira e Albuquerque. Historicamente, elas eram primeiros donos de terras da localidade, segundo registros da década de 1950. Consta nos autos que a Igreja Matriz de São Miguel de Taipu foi construída no ano de 1875, pelo então vigário, João Antônio Rodrigues.

Fotos: Roberto Guedes



Cultivo de abacaxi, comércio, cultura e religiosidade

A economia local gira em torno da agricultura de subsistência e da pecuária, com destaque para a plantação de abacaxi. No entanto, a renda de boa parte dos moradores vem do serviço público. Segundo o assessor da Secretaria de Cultura do município, Adriano Gomes, o comércio também é bastante movimentado com lojas de roupas, de celular, farmácias, mercadinhos, depósitos de bebidas, lojas de material de construção, oficinas de motos e rico na produção do artesanato com a produção de peças de porcelana e renda.

Em São Miguel de Taipu, muitas donas de casa sobrevivem como sacoleiras, comerciantes que viajam constantemente para Caruaru, em Pernambuco. Lá elas compram peças de roupas em grandes quantidades e revendem na cidade, com uma boa margem de lucro. Adriano Gomes disse ainda, que no município não tem agência bancária, mas tem postos de atendimento do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e do Bradesco.

"O município tem um centro cultural que funciona como um museu que conta a história da cidade através de fotos, tem uma rádio comunitária e quatro de suas principais ruas são totalmente asfaltadas. As demais, pouco mais de 50%, são pavimentadas com calçamento e as outras ainda não têm infraestrutura", disse Adriano, informando também que o Bar da Manga, é um dos mais tradicionais pontos de encontro entre jovens e adultos.

Ele acrescentou que a paróquia Nossa Senhora Rainha dos Anjos é a Igreja matriz da cidade. Ao lado da paróquia, foi construída uma estátua de Nossa Senhora com 12 metros de altura, que logo se transformou num ponto turístico religioso.

A professora e assessora da Secretaria de Cultura do município, Vitória Régia, informou que o turismo em São Miguel de Taipu passa pelo Engenho Taipu, que deu origem ao nome da cidade. "Atualmente o engenho se transformou em um assentamento, mas continua com o mesmo nome. Lá, existe uma capela que continua sendo muito visitada por turistas. Ouro engenho famoso é o Lagoa Preta, onde hoje está instalada uma fazenda", contou a professora, revelando que as pessoas que nasceram em São Miguel, se chamam taipuenses.

Localizado na Região Geográfica Imediata de João Pessoa, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), São Miguel de Taipu tem uma população de 7.368 habitantes de acordo com o último censo. Sua área territorial é de 92,5 km², e se limita com os municípios de Sobrado, Pedras de Fogo, Cruz do Espírito Santo, Juripiranga e Pilar.

/// O município tem um centro cultural que funciona como um museu, que conta a história da cidade através de fotos; tem uma rádio comunitária e quatro de suas principais ruas são totalmente asfaltadas. As demais, pouco mais de 50%, são pavimentadas com calçamento e as outras, ainda não têm infraestrutura. ///

Adriano Gomes
Assessor da Secretaria de Cultura



Passeio virtual pela vida e obra de José Lins do Rego

Na esteira do 'Ano Cultural' dedicado ao escritor de 'Menino de Engenho', conheça o museu que leva seu nome

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O governador João Azevêdo já anunciou e lançará na próxima quarta-feira (dia 26), o 'Ano Cultural José Lins do Rego', que vai se estender até 2022, quando o Espaço Cultural completará quatro décadas de existência.

O museu que leva o nome do consagrado escritor de *Menino de Engenho* é um dos principais equipamentos da Fundação Espaço Cultural da Paraíba, situada na cidade de João Pessoa. Por causa da pandemia, o local está atualmente fechado para visitação presencial, mas o público pode empreender uma visita virtual de 360 graus para conhecer detalhes sobre a vida e obra literária do saudoso escritor paraibano acessando o site da Funesc (funesc.pb.gov.br).

"É uma atitude de governo que valoriza o autor paraibano e foi o nome bem escolhido", comentou a gerente do Museu José Lins do Rego, Maria do Carmo Pereira Diniz, sobre a escolha da personalidade para o Ano Cultural. Ela disse que administra "com amor" o equipamento cultural, que começou a ser montado no ano seguinte ao da inauguração do Espaço Cultural – cujo projeto é do arquiteto carioca Sérgio Bernardes (1919-2002) –, a partir do acervo cedido pela família do escritor, nascido no município de Pilar.

Ao longo de aproximadamente cinco minutos, Maria do Carmo Diniz informou que o visitante faz um passeio virtual pelo museu, iniciando o trajeto a partir de um clique no banner no site da Funesc. No início, aparece a rampa de acesso ao local e, na sequência, é possível visualizar diversas dependências do espaço, a exemplo de móveis, fotografias e estante com livros. "No acervo estão peças raras, como



Foto: Roberto Guedes

Gerente do Museu José Lins do Rego, Maria do Carmo Pereira Diniz, em meio a um acervo com mais de cinco mil volumes e publicações raras

o gabinete original – que inclui mobília, cadeira e birô – de José Lins, a espada que ele empunhou como adereço do fardão que usou no dia em que tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), o manuscrito original do livro *Meus Verdes Anos*, além de duas telas que reproduzem o escritor Manuel Bandeira e o editor José Olympio e um retrato em carvão de José Lins, todos pintados pelo artista russo Dimitri Ismailovitchi (1892-1976)", enumerou a gerente.

Ainda integram o acervo outras peças, a exemplo do relógio de parede e o oratório que pertencia à avó de José Lins e ficavam na casa grande do Engenho Corredor, em Pilar, onde ele cresceu, além da máquina datilográfica. "A le-

tra de José Lins era ineleável e ele pedia a um amigo para datilografar os manuscritos de seus livros. Só de livros, o museu tem mais de cinco mil volumes, inclusive as obras dele: só de romance são 12 e uma obra de memórias, além de entre 400 a 500 cartas trocadas por José Lins com o escritor pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) e o escritor, jornalista e crítico paraibano Olívio Montenegro (1896-1962), ambos muito amigos de José Lins, todas catalogadas. No acervo ainda há a bandeira original do Flamengo, do qual era torcedor apaixonado e que foi usada para cobrir o seu caixão, quando foi sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro", observou.

A gerente do museu informou que, em breve, a intenção é ampliar o acervo com uma produção audiovisual documentando a vida e obra do romancista. "Começamos a filmar, mas as atividades foram suspensas por causa da pandemia, pois era preciso gravar cenas externas, o que deverá incluir a cidade de Pilar", disse Maria do Carmo. Ela também informou que será possível, quando visitas presenciais forem permitidas, a Funesc disponibilizar um ônibus para que alunos, principalmente da rede pública, sejam transportados até o Espaço Cultural para visitarem o local.

Atividades

Apesar da pandemia, no intuito de marcar os 120 anos

de nascimento de José Lins do Rego, a gerente do museu informou que a Funesc vem reelizando, desde janeiro passado, painéis mensais, nos quais são debatidas obras do escritor. "Trata-se do 'Ano Cultural' criado pela Fundação e que, em junho, vai debater os livros *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, com as participações dos escritores paraibanos Gervácio Aranha e Cauby Dantas. Esses dois livros foram escolhidos porque vamos começar a tirar as dúvidas em relação a essas obras, pois *Menino de Engenho* mistura a experiência de José Lins no Engenho Corredor com ficção, e *Meus Verdes Anos* é uma biografia".

Esse evento deverá ocorrer dentro da programação virtual da 39ª edição da Se-

mana Cultural José Lins do Rego, que será realizada de 3 a 5 de junho. "Em julho, deverá ser realizado um painel, em parceria com a Fundação Casa de José Américo (FCJA), para abordar a convivência que José Lins tinha com José Américo de Almeida", antecipou Maria do Carmo Diniz.



Através do QR Code acima, acesse o passeio virtual pelo Museu José Lins do Rego

Museu é reconhecimento da importância do escritor para a cultura

Três escritoras e pesquisadoras que compartilham de uma mesma ideia: o importante papel que o Museu José Lins do Rego desempenha para a preservação da memória e a divulgação da vida e obra do autor, que também é o patrono do Espaço Cultural. Elas são Neide Medeiros Santos, Socorro Aragão e Ana Isabel de Souza Leão, que estão trabalhando na obra *José Lins do Rego – uma fotobiografia*, baseada no acervo do museu e cujo lançamento deverá ocorrer até o final deste ano.

O trio também destacou o fomento à cultura paraibana que a Funesc tem propiciado, ao longo do tempo, e elogiou a iniciativa do governador João Azevêdo de instituir o 'Ano Cultural José Lins do Rego'. "O acervo do Museu José Lins do Rego é maravilhoso, porque são fontes primárias, que permitem escrever com verdade e segurança", disse Ana Isabel Leão. "Sou pernambucana, conheci Gilberto Freyre, que



Fotos: Roberto Guedes

Da esq. para dir.: manuscrito de 'Meus Verdes Anos', máquina de datilografia de Zé Lins e o acervo, que tem mobília, objetos, pinturas, fotografias e livros cedidos pela família do escritor

era amigo de José Lins do Rego. Ele enviava, primeiramente, seus originais para Freyre, que dava conselhos. Depois é que José Lins os enviava para uma avaliação crítica de Mário de Andrade e Olívio Montenegro. Quando José Lins morreu, Gilberto Freyre disse o seguinte: 'Não imagino José Lins morto. Ele era só vida', ressaltou Ana Isabel, acrescentando que correspondências trocadas entre os dois autores estão no acervo do Museu da Funesc,

que considera uma instituição muito importante para a cultura paraibana.

Neide Medeiros observou ser "muito rico" o acervo do museu. "É o reconhecimento da importância de José Lins para a cultura paraibana e brasileira. Além da literatura, a Funesc também presta um grande serviço à Paraíba em outras áreas, como o cinema, o teatro, a música e, na Praça do Povo, para o lazer. É um espaço multicultural",

disse ela, que também elogiou a ação do Governo do Estado de instituir o 'Ano Cultural José Lins do Rego'. "É uma iniciativa muito importante do governador João Azevêdo, porque José Lins valorizou o Nordeste em seus livros, com uma riqueza de linguagem, e extrapolou o Brasil, pois suas obras foram traduzidas em outros países, sendo o embaixador da literatura paraibana e brasileira no mundo ocidental", afirmou a pesquisadora.

"É uma ideia maravilhosa do governador, que contribui para manter viva a importância de José Lins para as novas gerações", afirmou Socorro Aragão.

"O Espaço Cultural, desde a sua inauguração, em 19 de maio de 1982, tem tido um papel muito importante na cultura paraibana. Isso acontece de forma substancial, com ações nas áreas das artes, em geral", relatou a gerente do Museu José Lins do Rego, Maria do Carmo Diniz.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O Diabo



Arte de Gustave Dore para a queda de Satanás em 'O Paraíso Perdido', de Milton

Satanás, o diabo, geralmente é descrito de uma forma grotesca com chifres na cabeça, bafo de enxofre, tridente na mão. Em algumas versões ele viveria no Inferno, lugar quente e terrível, povoado por almas atormentadas que sofrem torturas infinitas – graças a uma existência terrena ímpia e imoral. O diabo um ser ardiloso, vil e cruel. Para os cristãos, a representação do mal e o principal opositor de Deus. O contraponto do bem e da verdade. O arquétipo do outro.

Em termos psicanalíticos, o diabo é uma justificativa para a maldade. De que maneira se conciliaria, moralmente, a ideia de que fomos criados “à imagem e semelhança de Deus” com os impulsos destrutivos humanos? O diabo é o álibi de Deus. O argumento decisivo para desculpá-lo. Além de permitir economicamente a sublimação de impulsos agressivos como o ódio, o rancor e a ira. Ele seria o bode expiatório do ocidente. Sua possibilidade de justificar erros e fracassos. Criando assim uma polaridade entre o bem e o mal.

Na modernidade o diabo perderá gradativamente sua cara medonha. Escritores no século 16, como Shakespeare, lembrarão que ele é um anjo capaz de se manifestar de forma bela. Basta recordar que Hamlet se encontra às turras para saber se o fantasma do seu pai é o fantasma do seu pai, ou apenas mais um ardid do diabo para enganá-lo.

Imagem: Divulgação

Giambattista Marino, um dos grandes poetas italianos, que viveu no século 17 e que cerzia seus versos com refinada habilidade para as antíteses, construiu uma imagem do diabo embebida por uma extrema melancolia. Despertando assim nos leitores sentimentos de afeição, pena e compaixão pelo seu destino.

Segundo Umberto Eco, ninguém teria indo mais longe que John Milton com o seu poema épico *O Paraíso Perdido*. A personagem criada pelo escritor inglês não seria desprovida de beleza, tampouco de dignidade:

*Satã fica suspenso e envergonhado!
Da bondade conhece a inteira força,
E quanto é responsável a virtude:
Vê tudo e dói-se de as haver perdido!
Mas o que punge mais é conhecer-se
Que arruinados estão seu brilho e glória:
Apesar disso, mostra-se indomável.
“Se devo combater (Satanás replica),
Eu grande para os grandes me reservo;
Com chefes, não com súditos, me bato,
Ou duma vez com todos: desta sorte
Mais glória alcanço ou menos glória perco.*

(O Paraíso Perdido)

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Apresentando a Editora Grem-Grei

A coluna Estética e Existência convidou o Prof. Dr. Mauro Koury a apresentar a edição Ensaios em Teoria Social.

No início do ano 2020 houve a fusão de dois grupos de pesquisa da base do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que já trabalhavam juntos desde suas fundações em 1994 (o Grem) e em 1995 (o Grei). Nesta fusão foi gerado o Grem-Grei – Grupos de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, e Interdisciplinar em Imagem. O Grem-Grei pode ser consultado no link grem-grei.org.

O Grem-Grei tem todo o seu trabalho baseado na importância do processo formativo continuado das áreas de antropologia e sociologia, especificamente das linhas de pesquisa antropologia e sociologia urbana, antropologia e sociologia das emoções, e antropologia e sociologia visual e da imagem, nele trabalhadas. Todo o suporte básico de sua atuação é fundamentado no trabalho voluntário do seu corpo de pesquisadores e no ideário de ampliação do público consumidor de livros e revistas acadêmicas nas áreas e temáticas trabalhadas.

No final do ano de 2020, o Grem-Grei sentiu necessidade de criar um programa editorial próprio. Programa editorial que dinamizasse a sua produção acadêmica e que chegasse de modo mais rápido e de forma acessível ao maior número de leitores possíveis, tanto o público leitor acadêmico, quanto o público mais vasto de leitores interessados na leitura acadêmica das áreas de antropologia e sociologia, nas subáreas acima assinaladas.

A Editora Grem-Grei surgiu como um modelo próprio de publicação e distribuição da produção acadêmica dos grupos de pesquisa da base CNPq, Grem-Grei – Grupos de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções e Interdisciplinar em Imagem. Como tal, sua meta é a de publicar livros no formato digital no interior das linhas de pesquisa em funcionamento nos grupos unidos acima assinalados.

O objetivo principal da Editora Grem-Grei, como dito, é o de promover uma maior divulgação dos trabalhos acadêmicos nele produzidos. Esse objetivo de um alcance maior de pessoas interessadas, entretanto, só seria possível, de um lado, em sua tradução de trabalho coletivo na ação da pesquisa acadêmica. Formato perseguido desde as criações

Foto: Divulgação



'Ensaios em Teoria Social': e-book gratuito na editora

isoladas dos dois grupos bases na década de 1990. E, por outro lado, no trabalho voluntário de seus pesquisadores, que levasse em conta uma política solidária que situasse possibilidades concretas de publicação da sua produção de uma forma rápida e barata.

Assim, esse foi o caminho que possibilitou a criação da Editora Grem-Grei. Em um primeiro momento, delimitando o espaço de sua produção para as duas revistas em funcionamento, a *Rbse, Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, e a *Sociabilidades Urbanas, Revista de Antropologia e Sociologia*. Ao mesmo tempo, em um segundo momento, organizando sua produção de livros acadêmicos no formato de *e-book*, com distribuição aberta e gratuita.

Com esse formato foi criada a Editora Grem-Grei. Sua meta destarte é a de ampliar o público leitor para as temáticas de interesse dos grupos de pesquisa unidos, o Grem-Grei. Fato importante, principalmente, em um país, como o Brasil, que tem problemas de ampliação de um público leitor, pela dificuldade de acesso à leitura, causado pelo alto custo de aquisição devido aos impostos sobre os livros. O e-mail da editora é edito-ragg@grem-grei.org.

A editora já publicou dois livros no formato *e-book* com selo próprio neste ano de 2021. O segundo e novo livro da Editora Grem-Grei é do professor voluntário da Universidade Federal da Paraíba, campus I, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Mauro

Guilherme Pinheiro Koury. O livro, no formato digital, e de descarga gratuita, traz o título de *Ensaios em Teoria Social*.

Esse livro dá forma a um conjunto de ensaios sobre teoria social contemporânea. Sua meta principal é a de organizar um panorama dos caminhos teóricos e metodológicos dos autores nele trabalhados, buscando situar os seus principais conceitos, como modo de adentrar na arte desenvolvida por cada autor e sua presença no campo e na tradição das ciências sociais e, particularmente, da teoria sociológica. É um livro destinado aos neófitos nas ciências sociais, sobretudo na sociologia e antropologia.

É um livro prioritariamente introdutório. Busca apresentar os leitores aos diversos modos de pensar nas e das ciências sociais, marcadamente, aqui, na e da sociologia. O conjunto de ensaios destarte é destinado à leitura tanto de leitores neófitos quanto de leitores seniores, os que se iniciam ou os que já trabalham nas ciências sociais, sobretudo na sociologia.

Do mesmo modo, o livro é orientado para os possíveis leitores de outros campos de conhecimento, afins, como a psicologia social, a filosofia, a psicanálise, o serviço social entre outros, ou para os leitores curiosos sobre o modo científico de pensar do cientista social.

Convido a todas e todos a baixarem e leem o *Ensaios em Teoria Social* e, aproveitando, visitarem o site do Grem-Grei, no qual podem encontrar informações sobre os grupos, sua equipe de pesquisadores, suas revistas acadêmicas, a produção dos grupos unificados e a editora.

Dr. Mauro Koury

Professor do Programa Pós-Graduação em Antropologia da UFPB; diretor e pesquisador do Grem-Grei

■ Sinta-se convidado a audição do 319º Domingo Sinfônico, deste dia 23, das 22h às 0h. Em João Pessoa/PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças do padre, compositor e violinista italiano Antonio Lúcio Vivaldi (1678-1741). O seu pensamento musical recebeu influências da filosofia do naturalismo grego e de teses que trata do UNO do filósofo Plotino (204 d.C.-270 d.C.), que apresentam a unicidade entre Deus, natureza e homem. Vivaldi contribuiu para estabelecer a estrutura dos concertos de câmara do Barroco, do Neoclassicismo e da sinfonia.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Elis, 1977

Outra noite sonhei que estava sentado à beira do caminho esperando Erasmo, quando avistei, na outra margem, Elis Regina – aí pensei: ué, eu já morri? Não, na outra margem do rio vi pessoas cantando Elis e tentavam atravessar a vau da transversal do tempo. A voz de Elis é a coisa mais bonita que perdemos.

Elis ainda tinha muito que cantar, mas deixou uma vasta obra. Imagina o que Elis não teria gravado se não tivesse morrido no início da década de 1980. Todas as épocas têm suas pestes isoladas.

A corrente de sua voz tem algo da voz de Milton Nascimento, que fez uma canção que fala nela, na voz de Elis – ‘A feminina voz do cantor’ – “Sem as vozes que ele ouviu / Quando era aprendiz / Como pode sua voz ser uma Elis / Sem o anjo que escutou / A Maria Sapoti / Quando é que seu cantar iria se abrir?”

Existia um liame ente os dois. Se pensarmos num espaço amoroso, ele disse ao Portal *GZM Música*, que Elis é o amor da vida dele, a primeira cantora famosa a gravar suas composições e com quem solidificou uma relação de amizade desde a década de 1960.

Eu fico besta ouvindo os discos de Milton e Elis, fico sem saber o que fazer, qual deles ouvir mais, com tanto trabalho para desenvolver. Às vezes, ficou aflito e quero esbracejar e gritar: escutem Elis, escutem Elis, escutem Milton Nascimento cantar.

Voltemos ao tema. O jornalista Sílvio Osias, me contou uma história de seu tio Humberto, que gostava de música. Ou seja, a história desse texto é antiga. No CD, digo LP, Elis de 1977, ela sentada numa cadeira de Gerdau (foto é de Penna Prearo), tem uma canção que pode ser a mais bonita do disco, mas não é bem assim. Lá estão maravilhas, como ‘Caxangá’, (Milton Nascimento e Fernando Brant) ‘Morro Velho’, (Milton Nascimento) ‘Romaria’ (Renato Teixeira) e ‘Cartomante’ (de Ivan Lins e Victor Martins).

Osias comentou que o tio dele, que lembrava o cineasta francês Jacques Tati, comprou o LP Elis 1977, depois vendeu ao irmão – é uma história comprida. Humberto terminou dando o disco a Sílvio, que já conhecia, indagando-o: “Sílvio, sabe qual é a música mais bonita desse disco? Seu tio sinalizava para a nona faixa, ‘Sentimental eu fico’, de Renato Teixeira.

É mais bonita que ‘Romaria’, que está nesse disco?, indaguei. Fui ouvir, ouvi várias vezes e fiquei em silêncio, certo que somos todos sentimentais, mas não tem nada mais sentimental quanto a voz de Elis.

Vejam a letra: “Quando pouse na mesa de um bar / Eu sou um lobo cansado carente / De cerveja e velhos amigos / Na costura da minha vida mais um ponto / No arremate do sorriso mais um nó / Aqui pra nós cantar não tá pra peixe / Tem coisa transformando a água em pó / E apesar de estar no bar caçando amores / Eu nego tudo e invento explicações / Amigo velho amar não me compete / Eu quero é destilar as emoções / Sentimental eu fico / Quando pouse na mesa de um bar / Eu sou um lobo cansado carente / De cerveja e velhos amigos / E os projetos todos tolos combinados / Perecerão nas margens do amanhã / Uma tontura solta na cabeça / Um olho em Deus e outro com satã / E quando o sol raiar desentendido / Eu vou ferir a vista no amanhã / E olharei para quem vai pro trabalho / Com os olhos feito os olhos de uma rã”.

Expulsei a dúvida num berro, na esperança de que outros possam escutar ‘Sentimental eu fico’ e se fizesse entender. Eu entendi que a canção nos remete para velhos amigos, alguns já se foram, mas eu não tinha percebido como é tão bonita essa canção, “canção não é mais que mais uma canção, quem dera fosse uma declaração de amor”.

Parece-me justo estabelecer predileções. Um filme de amor, um novo tempo que está por vir, um acalento a mais, o lado B ou o lado A do LP, mas a prioridade não tem nada a ver com as canções. “Sentimental eu fico” não é a minha preferida nesse disco, mas sentimental eu fico toda vez que escuto Elis.

Kapetadas

- 1 - O mundo é injusto e cruel, a gente que ainda não se acostumou.
- 2 - Custo acreditar que perdemos Eva Wilma.
- 3 - Depois da vacina, a injeção de ânimo. Cadê?
- 4 - Som na caixa: “Sou caipira, pira, pora, Nossa Senhora de Aparecida / Ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida”, Renato Teixeira.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Série turca admite uso da linguagem autonarrativa

Anteriormente, nesta mesma coluna dominical, escrevi sobre a questão do processo narrativo prolongado dos seriados veiculados no *streaming*. São longas temporadas, capituladas a se perderem de vista. E haja paciência para acompanhar essas sagas... Alguns seriados, com curta duração até satisfazem bem ao telespectador. Outros, contudo, tornam-se cansativos, enfadonhos, até desproporcionais e confusos.

Pois bem. Foi comentando o seriado que assisti na Netflix, *O Chalé (Le Chalet)* – minissérie francesa em seis capítulos, de autoria de Alexis Lecaye e Camille Bordes-Resnais – que pude verificar as cenas por demasiado repetidas, devido a inclusão recorrente de *flashbacks*.

Houve de se verificar que o recurso do *flashback* não é coisa de hoje, não. Trata-se de uma forma autonarrativa, que vem da moderna telenovela, muito mais antiga no folhetim que nos seriados atuais. Recurso esse que faz de uma sequência de capítulos anteriores, um interregno explicativo no presente da mesma história. Contudo, o excesso desse recurso torna o enredo confuso.

Esta semana, motivado pela prima Sandra, professora da UFRJ que reside no Rio há muitos anos, fui ver na Netflix o seriado *Fatma*. Uma realização da Turquia, em seis capítulos, e que traz uma narrativa interessante sobre uma mulher perturbada com a morte do pequeno filho autista, rejeição do marido e uma discriminação forte onde reside e trabalha como faxineira. Um acúmulo de decepções que a tornaria uma assassina, justamente daqueles que tentam submetê-la, em razão do seu marido e ex-presidiário, que está envolvido com quadrilhas urbanas e crimes.



Foto: Divulgação

Atriz Burcu Biricik faz o papel-título de Fatma, uma perturbada assassina no seriado turco disponível em 'streaming'

Mas o drama tem outra vertente interessante, bem atual, que diz respeito à liberdade feminina. No seriado, é justamente no contraponto à opressão da mulher Fatma em seu país, a Turquia. Em razão disso, somado ainda ao seu estado de saúde mental, desenvolve a habilidade de assassinar homens que se postam em seu caminho, na procura obstinada do marido desaparecido. Assim, acaba cometendo vários crimes sem deixar vestígios.

Fatma é um policial produzido neste ano para televisão e foi dirigido por Özer Feyzioglu e Özgür Önurme, com destacada atuação de Burcu Biricik, protagonizando a mãe assassina. Série em única temporada

de seis episódios, que teve sua estreia na Netflix agora, no final de abril.

Apesar de ser bem dirigida, a série tem uma narrativa arrastada, pouco convincente para o número de capítulos. Afora os *flashbacks*, sobre os quais me referi antes, trazendo recônditos lances do passado de Fatma com o seu amado filho, tragicamente falecido num atropelamento, a trama insiste na ratificação do então estado mental da personagem, vez por outra, perdendo-se em divagações menores sobre terceiros. Mas é uma boa opção, diante das muitas pirotecnias que hoje dispõe a Netflix. – Mais “coisas de cinema”, em nosso blog: www.alexantantos.com.br.



Patrono da APC lembrado em livro

A presidência da Academia Paraibana de Cinema (APC) se congratula com a família do jornalista e cineasta Jurandy Moura, Patrono da Cadeira 15 (que tem como ocupante o ator Fernando Teixeira), e com o Jornal A União pela publicação do seu livro *Iluminuras e outros poemas*, lançado quinta-feira passada pela Editora do Governo do Estado.

Jurandy Moura realizou alguns filmes de caráter didático, nas bitolas 16 e 8mm, mas sua obra maior foi o *Padre Zé Estende a Mão*, de 1969, em 16mm. E com ele concorreu aos festivais de Oberhausen (Alemanha), Cracóvia (Polônia) e Londres (Inglaterra). Participou também de roteiros de filmes paraibanos, sendo presidente da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP). Morreu em 1980, com 40 anos de idade.

Mostra 'Câmera-Corpo' encerra com longa sobre busca da ancestralidade

Neste domingo, debate e exibição de filme encerram as atividades da 1ª edição da Mostra Câmera-Corpo. O evento é patrocinado pela Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, através do Edital Chiquinha Mourão, da Secretaria de Estado da Cultura do Estado da Paraíba (Secult-PB).

Ambas as atividades de encerramento serão realizadas em plataformas virtuais e gratuitas, através do site oficial da mostra (www.mostracameracorpo.com.br).

Hoje, a partir das 16h, haverá o debate ao vivo sobre *Vaga Carne*, com a diretora, dramaturga e atriz Grace Passô e a diretora de fotografia Andrea Capella, além de Paula Coelho (diretora e atriz no Coletivo de Teatro Alfenim). A mediação será da professora do UFPB Bella Valle.

O último filme que estará disponível, a partir das 8h, será o longa-metragem *Cavalo* (2020, Alagoas, 85min.), documentário de



Foto: Divulgação

No documentário alagoano 'Cavalo', dançarinos mergulham no passado em um processo artístico

Raphael Barbosa e Werner Salles. No filme, envolvidos em um processo artístico, sete jovens dançarinos são convidados a mergulhar em suas ancestralidades.

Essa e as demais produções audiovisuais disponibilizadas ao longo do evento podem ser acessadas até as 8h da próxima segunda-feira (dia 24). Fazem parte da Mostra Câmera-Corpo: *Yá, Me Conte Histórias* (2020,

Paraíba, 8min.), ficção experimental de Carine Fiúza; *Noirblue* (2018, Brasil/França, 27min.), documentário de Ana Pi; *Vaga Carne* (2019, Minas Gerais, 45min.), de Grace Passô e Ricardo Alves Jr.; *Tremor* (2021, Inglaterra, 4min.), videodança de Dominique Rivoal; e *Arreia* (2020, Pernambuco, 38min.), de Lara Campos, Iris Campos, Filipe Marcena, Marcelo Sena e Paulinho 7 Flexas.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Mostra Câmera-Corpo

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Galvão e Marx

Conheço alguns intelectuais de sete instrumentos aqui na província. Um deles é Walter Galvão. Lembro também de um Braulio Tavares, um W. J. Solha, um Jomard Muniz de Britto, todos com habilidades na manipulação de diversos códigos no discurso das manifestações culturais e artísticas. Seriam os chamados “multimídias”!

Mais novo do que eu dois anos, pertence, assim, a uma geração que deu nomes importantes, como Arland de Souza Lopes, Carlos Tavares, Lúcio Lins, Eudes Rocha, Pedro Osmar, Francisco Gil Messias, José Antonio Assunção, Antonio Arcela e Águia Mendes, entre tantos outros.

Livre pensador de formação autodidática, sempre procura exercitar o pensamento crítico sem temer as heterodoxias teóricas, fazendo de seu jornalismo cultural uma plataforma vigilante do debate crítico e das possibilidades éticas e utópicas dessa sociedade materialmente refinada, porém, existencialmente bárbara e desumana.

O que mais admiro em Walter Galvão é seu estilo luminoso e aguerrido a se confrontar com os estereótipos massivos da sociedade de consumo, valendo-se, de certo charme erudito, de certa tática dialética, sem travar, não obstante, o fluxo dos vocativos estéticos que sempre configuram o corpo flexível de sua dicção combativa.

O ensaísta não esconde o poeta; o poeta não oculta o músico e o compositor. O intérprete não escamoteia o escritor. Teoria e práxis se mesclam na composição de seu perfil de agente criador. Devo referir, portanto, alguns títulos decisivos de sua lavra fecunda, dentro do capítulo mais vasto da cultura paraibana.

No ensaio, destaco *A batalha dos renegados* (1981), *Maio* (1999) e *Herbert Vianna: O som diz sim* (2004). Na poesia, *rap ópera* (2000) e *silabário* (2013). Tanto num gênero quanto no outro, a palavra se desenha em perspectiva problematizadora, numa declarada insatisfação diante dos conformismos linguísticos, na mesma medida em que temáticas são anguladas a partir de um horizonte especulativo, cujo nervo reside no olhar inaugural e tomada crítica.

Agora se sai com *Máximas de Marx: introdução ao multiverso do pensar crítico*, num investimento propedêutico de sentido auxiliar que pode facilitar os caminhos de todo aquele que almeja decifrar e compreender os conceitos, as ideias e os argumentos do filósofo alemão.

Walter Galvão dialoga com este “mestre da suspeita” (os outros seriam Nietzsche e Freud) de maneira didática, perfazendo um itinerário pedagógico dos mais instigantes acerca das categorias filosóficas, econômicas e políticas que mobilizam a leitura e a crítica do capital e seus derivados. A epígrafe de Raymond Aron (“Uma das qualidades da obra de Marx é que ela pode ser explicada em cinco minutos, cinco horas, cinco anos ou meio século”), já esboça, por antecipação, o sinuoso e surpreendente percurso de um pensamento seminal, incontornável na sua capacidade heurística face aos engodos e trapaceiras das ideologias dominantes.

São cinco partes a compor o espectro desse manual, um manual em tudo avesso aos dispositivos dogmáticos e às diretrizes do pensamento único, repondo Marx e os roteiros ideativos de suas obras principais na ordem do tempo, na atualidade dos enigmas financeiros do capitalismo e dos filamentos sígnicos do universo digital e das plataformas online.

“Trajetória e expressão”, “Máximas de Marx”, “Conceitos”, “Crônicas” e “Marx em seu tempo. Onde pesquisar” constituem o conteúdo apresentado e discutido, numa espécie de releitura cheia de pistas cognitivas a iluminar, com a análise e a interpretação de quem convive em intensa intimidade com o método e com a filosofia marxista, as contradições e fraturas do capitalismo enquanto modelo econômico que se refaz e se renova a cada dia.

Já na introdução, o autor deixa claro que o método dialético de Marx “é um tipo de microprocessador cognitivo capaz de operar gerando novos significados e sentidos em processos analíticos no âmbito de qualquer ciência ou forma de conhecimento”. Sem dúvida: é exatamente no método, centrado nos princípios do materialismo histórico, onde se encontra a energia vital e revitalizadora do pensamento filosófico do autor de *A ideologia alemã*.

A informação bibliográfica é ampla, com referência a obras clássicas, mas também com a incorporação de obras modernas e atuais; os *insights* interpretativos surgem aqui e ali; ao enfoque especulativo se associa certa nota lúdica; o estilo é claro, tocado sempre pela luz cativante da palavra bem empregada; a síntese sabe extrair o nutriente essencial sem perder o eco da totalidade; o poder de abstração acompanha sempre o acervo de conhecimentos; enfim, o manual se organiza e se inscreve como uma das melhores cartilhas introdutórias ao complexo e monumental legado filosófico deixado por Marx, na possibilidade de leitura, interpretação e transformação do mundo.

Há livros que nos impõem, sem nos tiranizar a vontade e o conforto das escolhas, a leitura de outros livros. Livros que são pontos de partida, portais abertos para o imaginário e para o pensamento. Vejo assim esse novo livro do jornalista, ensaísta, poeta e livre pensador Walter Galvão, uma das reservas intelectuais das mais respeitáveis de minha geração.

Com ele, Marx conversa conosco; Marx nos convida para o debate; Marx nos ensina a dialetizar a vida; Marx nos diz que o marxismo pode ser um modo de conceber o mundo e de reformular o homem. Walter Galvão, nesse lúcido e delicioso manual nos sugere pensar sobre isso.



Autor e ator Zé Wendell criou uma narrativa de autoficção que destila um humor crítico e ácido, além de questionar as consequências negativas do machismo e da xenofobia na construção de uma identidade LGBT

Paraibano critica estereótipos no espetáculo 'Cabra Macho'

Recorte audiovisual de monólogo será exibido neste domingo, no encerramento do projeto 'Encruzilhada Nordeste(s)'

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

“Qualira. Baitola aboio-lado. Pederasta passivo. Macho-fêmea delicado. Frango. Fresco. Frozô. Menino mole desmunhecado. Cai do banco. Uranista. Bicha louca. Viado. E o pior de todos eles: desequilibrado”, diz o texto do espetáculo *Cabra Macho*, que é apresentado hoje pelo ator paraibano Zé Wendell no 'Palco Virtual de Teatro', do Itaú Cultural.

O vídeo é uma versão reduzida e adaptada do monólogo *O Hétero*, no qual o artista desenvolveu a partir de memórias pessoais e de algumas pesquisas sobre o machismo no Nordeste. “Cresci ouvindo isso. Comecei a pensar nessas palavras de preconceito que ouvia, nessas agressões, que na época a gente não tinha consciência o quanto era agressivo”, revela.

A programação encerra a mostra 'Encruzilhada Nordeste(s)': (contra)narrativas poéticas e pode ser acompanhada gratuitamente às 19h, pela plataforma Zoom. As apresentações de 15 minutos são seguidas por conversas dos elencos com críticos e artistas convi-

dados. Os ingressos devem ser reservados via Sympla. Para mais informações, basta acessar o site da instituição (www.itaucultural.org.br). Passaram 14 artistas ou grupos de 10 diferentes estados do país, abordando as construções estereotipadas ou colonizadas sobre a região Nordeste.

A diferença entre o que é humor e o que é reprodução de um estereótipo de preconceito que o público se acostumou a ver no teatro, cinema e televisão está no tratamento que é dado pelo autor e ator Zé Wendell. Ele cria uma narrativa de autoficção com humor crítico e ácido, que questiona as consequências negativas do machismo na construção da identidade LGBT. “O humor engana. Você recebe a informação, ri dela e depois você pensa ‘caramba, eu estou rindo disso?’. O humor facilita a chegada do texto, da informação, da crítica ao espectador porque ele vem primeiro pelo riso”, explica o paraibano.

Segundo especialistas, o gay é muitas vezes considerado como motivo de piada porque isso é socialmente respaldado pela sociedade, que naturaliza a homofobia e

a usa como um instrumento de controle do espaço social. O riso se deve, em essência, ao fato de que os homossexuais são os outros, são diferentes, e portanto, engraçados – e menores como indivíduos. “Para combater isso, eu vou desconstruindo. Eu achei nesse caminho do humor uma forma de não ser agressivo ao público que não entende a questão e fazer com que ele escute”.

Zé Wendell conta que levou três meses para criar o texto que resolveu desenvolver para dar um novo rumo à sua carreira, depois de 15 anos contracenando em grupos de teatro do Rio de Janeiro. E o roteiro com o qual ele decide iniciar este novo momento de sua trajetória artística é caracterizado pela autoficção. Este gênero foi desenvolvido pelo escritor e teórico francês Serge Doubrovsky, em 1977, e a ideia é unir autobiografia e ficção em narrativas contemporâneas. “Eu não tenho uma história para criar uma biografia, mas tenho histórias para contar. A ficção enriquece mais essas histórias. Então, criei um personagem ficcional com a mistura de muitas memórias, mas não só as minhas”.

Não é apenas o preconceito contra a condição sexual que é combatido em *Cabra Macho*. Um olhar crítico contra a xenofobia também é um dos focos do espetáculo que conta com várias referências nordestinas no texto e na atuação de Wendell. “Aqui, no Rio, ‘Paraíba’ é uma gíria pejorativa. Isso me afetava muito, e desse incômodo surge a necessidade de falar. Mas quis fazer isso de uma forma poética, bem-humorada e artística”, lembra ele, que tem na literatura de cordel e na cantoria do repente a inspiração para a construção da cadência de sua atuação.

Entre as fontes de pesquisa de Wendell se destacam a dramaturga potiguar que era radicada em Campina Grande, Lourdes Ramalho (1920-2019); o diretor, ator e autor pernambucano Newton Moreno; o escritor e historiador Durval Muniz de Albuquerque; o escritor Ariano Suassuna (1927-2014); além das músicas de Chico César e até a Juliette, ex-participante do BBB. “Ela falando de cusuz o tempo inteiro, falando dos baques de Campina Grande, com as palavras e expressões que ela usava”, cita. “Em *Cabra Macho*,

eu não faço uma ‘bixa arretada’, e também não tem nada a ver com a bicha afetada. Desconstruo o estereótipo desse olhar viciado sobre essas figuras. Então, ao mesmo tempo que falo um texto com mais seriedade, colocando o dedo na ferida, eu também dou pinta e bato palma dentro da cena”, adianta.

Nascido em Cacimba de Dentro e tendo crescido em Campina Grande, Zé Wendell começou a fazer teatro durante a adolescência na escola para depois entrar na companhia chamada Eureka, parceira do Sesi. Em seguida, ele funda junto com outros amigos sua própria companhia de humor. Entre os espetáculos, um que ele recorda ter feito bastante sucesso foi *Homo Erectus*, quando ainda tinha 19 anos. Mudou-se aos 23 anos para o Rio de Janeiro para se profissionalizar em Artes Cênicas e, por coincidência, estreou encenando na capital carioca Ariano Suassuna: *As conchabranças de Quaderna*.

O primeiro contrato de Wendell para a TV foi para a novela *Velho Chico*. Ele começou como elenco de apoio para logo em seguida ganhar um personagem do qual ele recor-

da uma de suas falas: “Se eles pensam que vão aprontar com a gente, pois que eles venham porque aqui tem cabra macho”, e era um cabra macho mesmo, desses bem típicos do imaginário nordestino”, descreve.

Cabra Macho relembra que rir junto com o agressor, sob qualquer pretexto, significa tornar-se cúmplice de piadas invariavelmente de mau gosto. E isso não tem graça nenhuma. “Isso dói muito. Antes de ser gay, sou um indivíduo e tenho as minhas idiossincrasias. A minha compreensão de que a maldade está no olhar de quem vê, cada vez mais se confirma”. Ou como conclui o texto que abre esta matéria: “É melhor ser desequilibrado do que ser como vocês, um quadrado”.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Itaú Cultural

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Sem medo de assobiar uma canção brega

Paixão – e suas derivadas – é uma das palavras mais usadas no planeta. Mais usada que a quantidade de “baby, oh, baby” que os Estados Unidos, Brasil e Inglaterra transformaram em letras musicais através de décadas. Blues, rocks, canções, fracassos e sucessos.

Há paixão no futebol: por aqui, Itália, Espanha, Escócia, Japão, Alemanha, Argentina, Colômbia... Paixão no beisebol. Paixões geradas nos anos dourados de Hollywood e nos cinemas alternativos de Jean-Luc Godard a Júlio Bressane.

E a paixão ideológica, esquecendo – quando radicalizada – que o ser humano é uma energia bela que entra nos curto-circuitos do desamor?

E a paixão no sentido cristão, ao ponto em que o homem Jesus, ao se separar por um momento do espírito Cristo, mergulhou na angústia? A frase está historicamente inscrita, simbolicamente servindo a cada tipo de paixão: “Pai, por que me abandonastes?”



Vi num manuscrito papel anônimo: “Estou apaixonado”. Poderia ser assinado.

Paixão novinha em folha, saída do forno para que se passe a melhor manteiga. Paixão como aquelas dos temores e culpas das primeiras masturbações. É nisto que a raça

humana cai em seu próprio desencontro: para que temer e ter culpa da paixão, por menos espiritual que seja e mais sensual que venha explodindo por todos os canais? Por todos os sistemas: neurovegetativos, circulatórios, digestivos, respiratórios?

O papel manuscrito mostra como paixões podem ser anônimas e rimar com platônicas. “Estou apaixonado” (manuscrito todo em caixa baixa). “Estou apaixonado” converge com “não consigo mais me apaixonar”?

Converge. Quando alguém diz que não consegue mais se apaixonar é porque ele, ou ela, sabe que o medo que agora carrega (semelhante ao da primeira masturbação) é porque a pessoa, o outro lado, já existe, foi reconhecido. Apenas, teoricamente, é inalcançável. É uma fuga do “estar apaixonado” para escamotear o próximo com “não consigo mais me apaixonar”.

Por isto, a força não estranha, que não tem nada de extraterrestre, que me leva a lembrar uma canção de Caetano Veloso dizendo que viu muitos cabelos brancos na face do artista e que me leva a ter certeza de que aquele amigo meu, que deve ter



Foto: Divulgação

dobrado a esquina formando um ângulo de depressão, vai achar a reta que desmente o sentimento de não ter mais paixão.

Afinal, todos passamos pelo tempo, pelo espaço, misturamos nos telões e telinhas várias épocas, constatando que somos as mesmas pessoas, como nossos pais. Estamos sempre vendo “a mulher preparando outra pessoa”.

É preciso ter a coragem de quebrar a cara, ver que o úfque não é nenhum pecado ao Sul do Equador (como diz quem se considera puro).



É necessário ter a coragem de chorar na cama ou olhar o que supõe-se ser o último

pôr do sol, de ouvir Frank Zappa, Beatles, Alceu, Chico Buarque, Gil, Milton, Hermeto Paschoal e novos – como David Archuleta, Alex Faraut e o pianista Vítor Araújo (foto), sem ter medo de apaixonadamente assobiar uma canção brega qualquer.

A convergência da paixão é mais forte que qualquer partido ou coligação. É preciso tê-la.

Os escritores cotidianos são os profissionais que mais intuitivamente colocam em prática os versos de Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”. Na língua portuguesa, Pessoa foi o autor que mais demonstrou que sem filosofia não há poesia e vice-versa.

Cá estou, pilotando o avião, dando uma aula, prendendo um ladrão, fazendo uma cirurgia no esfago de um paciente. É assim meu exercício de escrever. Às vezes, nele não importa o que aconteceu ontem, por mais doloroso que tenha sido. E como são grandes as dores do afeto...

Já que citei Fernando Pessoa e cá estou um pouco a fingir, lembro a última frase que ele escreveu. Foi em inglês: “I know not what tomorrow will bring”. Ou seja: “Não sei o que o amanhã trará”.



Foto: Agência Estado

Pandemia aumenta demanda no Ministério Público da Paraíba

Órgão fiscalizador e acusador, o MPPB também atua na busca de proteger e preservar os interesses da sociedade

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) é um órgão que serve como uma espécie de fiscalizador que atua na proteção e preservação dos interesses da sociedade. Enquanto o Poder Judiciário julga e a Defensoria Pública defende aqueles que não têm condições de pagar por um advogado, o Ministério Público estadual trabalha com duas vertentes: atuação criminal e a defesa do direito social. Neste período de pandemia, o órgão precisou se reinventar e teve que, além de se adaptar ao trabalho virtual, aprender a lidar com o aumento na demanda.

De acordo com o secretário-geral do MPPB, promotor de Justiça Antônio Hortêncio,

a saúde e a educação foram as promotorias mais afetadas. “Houve um incremento grande do trabalho em tudo aquilo que a pandemia repercutiu em termos de saúde e educação. A pandemia também gerou desemprego e esse desemprego gera outros problemas sociais”, comentou.

A atuação do Ministério Público passa pelas principais áreas afetadas pela pandemia. As ações foram em torno da saúde, como a criação de leitos, a fiscalização com a aplicação das vacinas; além da educação, com as diversas mudanças nas decisões de abertura e fechamento das escolas públicas e particulares.

Além disso, a população também procurou mais o órgão. “As pessoas que acabam passando por algum problema e a família vê que não está

tendo o suporte necessário naquele momento, por exemplo. O promotor verifica, entra em contato e se for o caso entramos com as ações para tentar resolver o problema. Isso tem sido feito. Neste período do ano passado para cá, nunca vi os promotores da área da saúde trabalharem tanto”.

Para discutir as melhores providências a serem tomadas para combater a covid-19 no Estado, foi criado um Comitê de Acompanhamento. “Realizamos reuniões internas com entes públicos, o que se decide a gente passa para o nosso representante. Para a tomada de algumas decisões, aquisição de equipamentos que seja necessário, principalmente no ano passado. Como também fiscalização das verbas que foram repassadas. Isso vem sendo feito até hoje”, revelou.



Fotos: Ernane Gomes

Atualmente, o Ministério Público da Paraíba tem 211 membros, sendo 19 procuradores e 192 promotores de Justiça

Sertão “vazio”: déficit é de pelo menos 30 promotores

Atualmente, o Ministério Público da Paraíba tem 211 membros, sendo 19 procuradores e 192 promotores de Justiça. Segundo o secretário-geral, há 30 cargos vagos para promotor, onde dez devem ser preenchidos com a finalização do próximo concurso público que está em andamento. “Existe a necessidade de mais promotores, até porque fizemos uma reformulação, tanto que a gente vai nomear mais dez. Não que o que a gente tenha esteja gerando uma não pres-

tação de serviços, mas para que o trabalho seja ainda melhor precisa preencher ainda mais”, disse.

De acordo com Antônio Hortêncio, o esvaziamento maior é no Sertão do Estado. Ele explicou que o MPPB realiza um auxílio a essa região, enviando promotores de outras localidades. “Para suprir as ausências, abrimos um edital de auxílio ao Sertão, para que promotores onde tem quantidade maior de membros pudessem se deslocar ao Sertão,

abrindo esses espaços vazios que existem no nosso quadro. Temos suprido isso”, disse.

O concurso, que está tramitando há cerca de dois anos e está em sua fase final, deve ajudar a suprir essa demanda. “A gente encontra internamente, de forma administrativa, soluções para suprir aquele clarão. Por isso foi feito o concurso, para suprir melhor esses cargos. Quando houver nomeação, haverá a realocação”.

Recentemente, o MPPB passou por uma reformulação

na quantidade de cargos de promotores. Segundo explicou Antônio Hortêncio, o quadro foi enxugado ainda em 2011 para uma melhor funcionalidade. “A gente redimensionou os cargos e enxugou. Por isso não temos uma grande quantidade de cargos vagos. A gente começou a ver que, nem sempre quando o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) criava um juiz, o MPPB precisava de um promotor. Eu poderia pegar um promotor para várias varas da Justiça. Quando o Ministério

Público começou a se atentar para isso, vimos que tínhamos cargos demais. Então transformamos os quadros”.

O promotor comentou que essa reformulação foi fruto de alguns fatores, como autonomia financeira e uma boa administração. “Fizemos um olhar interno das nossas necessidades, daquilo que a gente precisa ou não. Isso acontece verificando que temos autonomia. Então nós determinamos nossos cargos e observamos a melhor divisão”.

Apesar de ainda haver vagas, o secretário-geral garantiu que o quadro atual é suficiente para as demandas. “Ministérios Públicos de outros estados conheceram a nossa instituição. Nessa análise, saíram impressionados como o nosso estado, mesmo pequeno, era organizado. Mesmo com o nosso orçamento sendo menor, mas a gente consegue fazer com profissionalismo e dedicação o nosso dever de casa, fazendo com que a nossa instituição funcione bem”.

Para que serve o Ministério Público?

O Ministério Público integra o chamado sistema de Justiça. Além de um trabalho na área criminal, de investigação e denúncia, o Ministério Público da Paraíba – assim como os demais órgãos ministeriais em outros estados e esferas – também defende direitos coletivos, como o meio ambiente, patrimônio público, criança, educação, saúde, consumidor, entre outros. “Nessa defesa, o MPPB também investiga, pode instaurar inquéritos civis para investigar esses direitos coletivos e pode entrar com ações civis públicas para buscar essa repara-

“Muitas vezes, as pessoas já procuraram todos os lugares possíveis e vão por último ao MPPB, como tábua de salvação. Sempre estamos de portas abertas para toda pessoa que busca a solução de um problema social”

ção em prol da sociedade”, explicou Antônio Hortêncio.

A atuação social do Ministério Público é ampla e para toda a sociedade. “Muitas vezes, as pessoas já procuraram todos os lugares possíveis e vão por último ao MPPB, como tábua de salvação. Sempre estamos de portas abertas para toda pessoa que busca a solução de um problema social”.

Durante o período de pandemia, por exemplo, uma das atuações do Ministério Público tem sido de orientar, não apenas a população, mas também prefeituras e governos.



O promotor de Justiça Antônio Hortêncio atualmente responde pela Secretaria Geral do Ministério Público da Paraíba

+ Defesa dos direitos e fiscal da lei

Sendo uma instituição permanente, o Ministério Público da Paraíba atua em defesa dos direitos da sociedade e como fiscal da lei. É apontado como essencial à função jurisdicional do Estado. Ao órgão compete a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis.

Como defensor da sociedade, o MPPB tem autonomia e trabalha de forma independente, não estando subordinado a nenhum dos poderes (Legislativo, Executivo ou Judiciário). São princípios institucionais do Ministério Público a unidade, a indivisibilidade e a independência funcional.

Na prática, o Ministério Público estadual deve estar presente em todos os municípios paraibanos, com cinquenta sedes de Promotoria e cerca de 200 procuradores e promotores de Justiça, trabalhando como “guardiões da lei”, no combate aos crimes e em defesa dos interesses sociais. Além de propor ações judiciais, o MPPB instaura inquéritos para apurar irregularidades, promove reuniões e audiências públicas para discutir assuntos importantes para a população, e busca soluções consensuais.

Integram a sua administração superior os seguintes órgãos: Procuradoria Geral de Justiça (PGJ), Colégio de Procuradores de Justiça (CPJ), Conselho Superior do Ministério Público (CSMP), Corregedoria Geral e Ouvidoria.

São seus órgãos de administração as Procuradorias e Promotorias de Justiça. Já os órgãos de execução são o procurador-geral, o Colégio de Procuradores, o Conselho Superior, os procuradores de Justiça, os promotores de Justiça, o Núcleo de Controle Externo da Atividade Policial (Ncap), o Programa de Proteção e Defesa do Consumidor do Ministério Público do Estado da Paraíba (MP-Procon), a Junta Recursal do Programa de Proteção e Defesa do Consumidor e o Grupo de Atuação Especial Contra o Crime Organizado (Gaeco).

Mesmo com déficit no quadro de promotores, o MPPB está presente em todos os municípios paraibanos

Por fim, integram o MPPB como órgãos auxiliares os Centros de Apoio Operacional (Caop), o Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional (Ceaf), a Comissão de Combate aos Crimes de Responsabilidade e à Improbidade Administrativa (Ccrimp), a Comissão de Elaboração Legislativa (CEL), a Comissão de Concurso, os órgãos de Apoio Administrativo, o Sistema de Controle Interno, os estagiários, a Câmara de Mediação e Negociação em Conflitos Coletivos e o Núcleo de Atuação e Mediação em Ilícitos Tributários.

Maioria dos países adota cota para as mulheres na política

Apenas 31,5% das nações não preveem qualquer tipo de reserva para estimular a participação feminina nas eleições

Paula Reverbel
Agência Estado

Leis e normas para impulsionar a participação feminina na política estão presentes na maioria dos países, de acordo com a base de dados do Instituto para a Democracia e Assistência Eleitoral (International IDEA), uma organização intergovernamental composta por vários países. Numa lista de 124 nações analisadas pela entidade, 28 (22,6%) reservam cadeiras no parlamento para mulheres, se consideradas apenas as Casas Baixas - o equivalente à Câmara dos Deputados brasileira - e os parlamentos unicamerais - ou seja, que não possuem um Senado.

Outros 57 países (46%), incluindo o Brasil, adotam cotas para as candidaturas, ou seja, do total de postulantes aos cargos, as mulheres devem representar parcela mínima. Apenas 39 países (31,5%) não preveem cotas femininas nem em sua constituição e nem em leis eleitorais.

Apesar de algumas nações implantarem ações afirmativas apenas para as candidaturas, isso pode se traduzir em reserva de vagas femininas, na prática, quando o sistema eleitoral é o voto em lista fechada, e o eleitor não escolhe um candidato específico, mas a lista preestabelecida do partido. São eleitos os primeiros colocados de acordo com o número de vagas que o partido conquistou na eleição. Ao menos cinco países da América Latina - Argentina, Nicarágua, Costa Rica, Guiana e El Salvador - preveem apenas cotas de candidaturas femininas. Mas, como as mulheres constam nas listas, intercaladas entre os homens, isso garante a presença feminina nos parlamentos.

Algumas nações, como Argentina e Bélgica, proibem explicitamente que as mulheres sejam concentradas no pé da lista, com poucas chances de eleição.

Considerando apenas as câmaras altas de sistemas bicamerais - ou seja, os Senados

-, os países que adotam cotas passam a ser minoritários. Há mais oito plenários com cadeiras reservadas para mulheres. Em outros 15 países, incluindo o Brasil, só há cotas para candidaturas femininas ao senado. E 31 não têm nenhum tipo de previsão.

Incentivos

Existem diversos modelos de cotas de gênero mundo afora, mas elas costumam girar em torno de três variáveis: se as cotas são compulsórias ou voluntárias (a critério dos partidos, que podem receber incentivos), se elas valem para as candidaturas ou para as cadeiras e se existem ou não penalidades graves no caso de descumprimento.

Diversos estudos internacionais mostram que a adoção de cotas funciona, ajudando a aumentar a representatividade feminina. "A introdução de cotas tem ajudado (países) a superar restrições de representatividade feminina oriundas de subdesenvolvimento econômico, influências culturais e até sistemas eleitorais", escreveram as pesquisadoras Aili Mari Tripp e Alice Kang, da Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos, em estudo sobre o tema.

O desempenho do sistema de cotas em candidaturas adotado pelo Brasil vem fazendo com que muitos especialistas na área defendam a migração para o sistema de reserva de vagas.

"Nós estamos batalhando por reserva de cadeiras até que a gente atinja a igualdade. O nosso sistema de cotas atual é muito importante, mas ele não vem surtindo o efeito que nós desejávamos. Ele foi implantado há muitos anos (em 2009) e, ainda assim, a subrepresentatividade continua muito alta", afirmou a promotora de São Paulo Vera Taberti, que atuou por muitos anos no combate a fraudes envolvendo candidaturas femininas.



Foto: Agência Estado

Apesar dos avanços, o Brasil ainda ocupa a 133ª posição, de um total de 193 países, no ranking de participação de mulheres em casas legislativas

+ Resultados do Brasil estão abaixo da média

Apesar de ganhos desde a implementação de cotas para candidaturas femininas, o Brasil ocupa uma das piores posições no mundo em matéria de participação de mulheres em Casas Legislativas. De acordo com a edição do ranking da União Inter-Parlamentar (IPU) publicada após as eleições gerais de 2018, o Brasil estava na 133ª colocação, de um total de 193 países.

Segundo o relatório final elaborado pelo Departamento de Direito da FGV de São Paulo sobre representação nas eleições de 2018, o Brasil e o Paraguai tinham a maior disparidade de gênero das Américas, considerando apenas as câmaras baixas. A FGV usou números do IPU. A média de participação feminina das Américas é de 30,3%.

Na esfera municipal, a representatividade feminina no Brasil não ultrapassa 16% dos eleitos, considerando vereadores e chefes do Executivo. No primeiro turno de 2020, foram eleitas 651 prefeitas (12,1%), contra 4.750 prefeitos

(87,9%). No segundo turno, apenas 7 dos 57 mandatários eleitos eram mulheres. Já para as câmaras municipais, foram 9.196 vereadoras eleitas (16%), contra 48.265 vereadores (84%), de acordo com dados divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral em novembro. Naquele ano, as mulheres representavam 51,8% da população e 52% do eleitorado brasileiro.

Na esfera estadual, o número de mulheres eleitas em 2018 para as Assembleias Legislativas foi 161 (15,2%), ante 898 homens (84,8%). Na esfera federal, foram eleitas naquele ano 77 deputadas mulheres (15%) de um total de 513 membros da Câmara e 7 senadoras (13%) de um total de 54 vagas em disputa no Senado.

Benefícios

Pesquisas também demonstraram que a eleição de mais mulheres tende a trazer benefícios imediatos para pautas pediátricas e para a saúde de crianças em países subdesenvolvidos.

De acordo com estudo publicado pelo professor Liam Swiss, chefe do Departamento de Sociologia da Universidade Memorial de Terra Nova, no Canadá, o aumento da representatividade feminina leva a uma melhora na trajetória de desenvolvimento de um país. Ao lado de Kathleen Fallon e Giovanni Burgos, da Universidade McGill, ele analisou os dados de 102 países entre os anos de 1980 a 2005.

"Comparado a países com nenhuma mulher em seus parlamentos, nações que atingiram 20% de representatividade feminina apresentaram maior imunização contra rubéola, maior aplicação da vacina tríplice e maior taxa de sobrevivência de crianças. A saúde na infância aumenta na maioria das nações em desvantagem econômica", escreveu Swiss.

Estudos do Instituto Georgetown para Mulheres também mostram que a adoção de cotas femininas está relacionada ao aumento do acesso de mulheres à Justiça.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Músicos de Deus na terra de Sivuca

No meu último podcast "10 Minutos no confessionário", tratei do meu respeito e admiração pelos músicos evangélicos de Itabaiana, cidade que produziu o grande mestre Severino Sivuca e o saxofonista comunista Severino Rangel, o Ratinho da dupla Jararaca e Ratinho, autor de um dos maiores clássicos da música instrumental brasileira, "Saxofone, por que choras?". A trinca de severinos geniais itabaianenses é completa com Severino Andrade, o poeta matuto Zé da Luz, mas esse foi brilhante nos versos regionais, não passou de tocador de bombo na banda filarmônica 1ª de Maio, assim mesmo reprovado por não acertar o compasso.

Lembrei minha mãe, ainda vivente neste mundo dissonante, evangélica da Igreja Batista, uma senhora que direcionou sua fé para o bem, sempre comedida, guardando sua fé com devoção, mas sem ofender a fé de ninguém. Ensino de tolerância nesses tempos atuais de tanto ódio, mistura de religião fundamentalista com política, que é uma coisinha altamente explosiva.

Na Igreja Batista conheci um músico chamado Severiano Fagundes, tocador de trombone de vara, maestro, compositor e regente da nossa banda 1ª de

Maio, um dos maiores músicos do seu tempo. Esse Severiano gostava de tomar cachaça, foi farrista, tocava dois dias no carnaval e dois dias passava tomando goró, caía na gandaia geral, fazia seu carnaval particular. Depois se converteu ao evangelho, deixou a vida de músico devasso e foi tocar seu trombone humildemente para Deus. Era uma pessoa excelente, humilde, um talento que se dedicou, pelo resto da vida, a glorificar sua divindade através da música. Nunca falou mal de católico, de umbandista, de ateu, de nada. Vivia a vidinha dele tocando seus hinos no trombone. Levou uma existência digna e sem implicar com a vida de ninguém.

Músico cristão de quem me tornei muito amigo, o irmão Josino Mendes, esse tocava violão e piano, era também maestro. Outro que eu boto na lista das pessoas dignas, esse Josino Mendes. Ainda hoje toca seu violão, seu piano, estuda suas partituras sem fazer barulho, na dele, sempre quieto, sem esbravejar que é santo, que está salvo, que só se salva quem for do time dele e os outros vão tudo para o inferno, como diz o fundamentalista. Josino Mendes também congregava na Igreja Batista. Éramos alunos da escola dominical, a gente tudo criança. Ele seguiu na sua fé e eu perdi

a peinha de crença que guardava na consciência já libertária. Fui ser livre pensador, que de livre não tem nada.

Outro músico evangélico itabaianense chamava-se Nabor Nunes Filho. Conheci seu pai, o tipógrafo Nabor Nunes, patrão do meu pai. Nabor Filho foi filho único do Nabor Pai. Enquanto o pai era boêmio e comunista, o filho mostrou-se um músico prodigioso, servindo ao seu Deus desde pequeno, ao lado da mãe que era congregada na Igreja Batista e muito amiga de minha mãe. Aos nove anos ele se tornou organista da então pequena Igreja Batista de Itabaiana. Tinha um excelente ouvido musical e "tirava" as melodias dos hinos na hora. Aos 13 anos fazia parte da banda de música da cidade, tocando requinta (uma espécie de clarinete pequeno).

Foi nesse ano que Nabor fez sua primeira composição. Em 1958 entrou no Colégio Americano Batista de Recife, onde completou os cursos ginásial e científico. Estudou teologia, tornou-se pastor da Igreja Metodista em Piracicaba, São Paulo. Foi um músico extraordinário, atuando principalmente em Composição, Regência e História da Música. Nabor Nunes Filho faleceu em 13 de fevereiro de 2013, no Estado de São Paulo.

Evento da Fapesq aborda a expansão da escrita criativa

Assis Brasil, professor pioneiro na área, é um dos convidados do debate, que será transmitido amanhã, pelo YouTube

Renato Félix
Especial para A União

Todo mundo aprende a escrever na escola, claro. Mas dá para aprender a ser escritor? A criatividade soa muitas vezes como um dom místico, que algumas pessoas têm e outras não e que não se pode ensinar ou aprender. Mas há 36 anos, Luiz Antonio de Assis Brasil começou a ministrar uma oficina de escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), que evoluiu para uma pós-graduação. Ele vai falar sobre essa área de pesquisa como um dos convidados da Live Fapesq, que será transmitida ao vivo nesta segunda-feira, às 17h, no canal no YouTube da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba. Também participam os professores Ana Marinho, da UFPB, e Carlos Magalhães, da UEPB. A mediação será do escritor e jornalista Tiago Germano.

A live tem como tema "A expansão da escrita criativa como área de pesquisa".

"A ideia é a gente conversar sobre a escrita criativa dentro das letras, estabelecendo pontes entre as instituições de ensino superior daqui (UFPB e UEPB) e a PUC-RS, visando a possibilidade de um futuro cenário de cooperação acadêmica entre elas", explica o mediador. "Assis Brasil vai falar da experiência da criação da pós-graduação na área lá na PUC-RS, que é a instituição pioneira da escrita criativa aqui no Brasil, tendo criado um mestrado e um doutorado na área a partir da oficina de escrita criativa que ele conduz há mais de 30 anos, lá na instituição".

Assis Brasil criou a oficina há 36 anos e é autor do livro "Escrever Ficção - Um Manual de Criação Literária". "Estou trabalhando com ela durante todo esse tempo de maneira ininterrupta", conta. "Em certo sentido, eu tive que criar uma metodologia. Porque nós não tínhamos modelos. E eu criei a oficina usando minha experiência



Assis Brasil vai falar sobre a experiência como professor da área na PUC-RS, na live que será mediada pelo jornalista e escritor Tiago Germano



Fotos: divulgação

de escritor com a minha experiência de professor. Eu já era professor havia 10 anos - só não trabalhava com escrita criativa, naturalmente".

Se o tema é "ensinável" ou "estudável", pode ser uma boa pergunta. "Eu já parti de um princípio que isso era "estudável". Não "ensinável", mas "aprendível", comenta.

"Eu não sei se a gente ensina a escrever - exceto as técnicas literárias. Mas, antes de tudo, pode ser aprendido. E se aprende, antes de tudo, lendo, lendo, lendo muito - é a principal receita. E, em segundo lugar, escrevendo, escrevendo, escrevendo muito, ouvindo os outros e, se possível, frequentando

um curso de escrita criativa ou mesmo uma oficina informal. Todos esses elementos fazem parte da aprendizagem do escritor".

Para Germano, a escrita criativa abre um grande leque de possibilidades dentro do estudo das letras. "Faz com que os pesquisadores possam trabalhar não

apenas com questões diretas ligadas à escrita literária (ao escrever ficção, por exemplo), mas também ao mercado, à cadeia produtiva da literatura (trabalhando não apenas com oficinas de criação mas também edições de livros, preparação de originais, revisão, agenciamento de autores, etc)", pontua.

Curso abre leque importante na área

Assis Brasil conta que a evolução da oficina de escrita criativa, um projeto de extensão, para a pesquisa na pós-graduação da PUC-RS foi natural. "Foi criada uma linha de pesquisa. Depois, essa linha de pesquisa foi transformada numa área de concentração, que é como se encontra agora", explica. "Nosso Programa de Pós-Graduação em Letras tem três áreas de concentração: a linguística, a teoria da literatura e a escrita criativa. Por enquanto, somos os únicos que temos tudo isso, mas eu não me orgulho disso, porque eu queria que isso estivesse expandido para todo o país e para todas as universidades. Porque me parece um caminho natural e inevitável para as universidades, a criação desses cursos". A PUC gaúcha também possui um curso de graduação em Escrita Criativa.

A pós atraiu Tiago Germano, jornalista de formação, mas que, naquele momento, tinha aspirações literárias (atualmente está a caminho da publicação de seu segundo romance). Ele e Débora Ferraz, também jornalista e hoje também escritora, foram cursar juntos no Rio Grande do Sul. "A gente procurava um horizonte profissional na área acadêmica, mas necessariamente fora do jornalismo, porque queríamos nos dedicar à literatura...", conta ele. "O mestrado e o doutorado na área nos possibilitaram isso e é o que acho de mais valioso que a área

pode proporcionar: antigamente quem queria ser escritor tinha que procurar Letras ou Jornalismo, ou outra profissão que pouco tivesse a ver com a escrita ficcional. Uma graduação em Escrita Criativa, por exemplo, me abria, ainda na época da graduação (se houvesse), naquela época, uma perspectiva de trabalhar com algo ligado à criação literária: oficina, edição, revisão, preparação de originais, etc".

O universo acadêmico da escrita criativa ainda pode ser alvo de alguma desconfiança, o que, para Assis Brasil, não faz sentido e cai facilmente. "A resistência maior é que todo mundo saia escrevendo igual", aponta ele. "Eu digo: peguem autores que saíram da minha oficina, por exemplo, e comparem os livros entre eles. Vamos ver se todos escrevem da mesma forma. É tão simples de ser desmentido isso...".

O professor, pioneiro no Brasil, lembra também que a área de pesquisa está se solidificando no mundo, em universidades europeias, por exemplo. "Nas americanas, faz bastante tempo, foi depois da II Guerra que começou", conta. "Mas há também na África do Sul, na Nova Zelândia, na Austrália, que tem um bellissimo trabalho de escrita criativa nas universidades... Em Cuba, já tem há muito tempo, também. É algo absolutamente vitorioso no mundo inteiro".

Interesse cresce na UFPB

Para a professora Ana Marinho, da UFPB, existe um interesse crescente na área na universidade paraibana. "Principalmente quando identificamos entre os nossos alunos do curso de Letras uma inquietação em relação à formação profissional", conta. "Muitos alunos procuram os cursos de licenciatura em Letras em função de um interesse nos processos de escrita literária, muitos deles imaginam que o curso irá formar romancistas, poetas, dramaturgos. Contudo, nossos cursos estão voltados para a formação de professores,

aspecto que termina por 'decepcionar' os estudantes, principalmente nos primeiros períodos do curso".

Já o professor Carlos Magalhães, da UEPB, tem uma perspectiva diferente e menos animadora. "O Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB não tem nenhuma área ou linha de pesquisa voltada para a escrita criativa, e pelo perfil e histórico do nosso programa, não pretendia abrir âmbitos de pesquisa com essa temática", afirma. "Na área não vejo um interesse crescente, ainda que possam existir pessoas interessadas".

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

megaeilões

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

REALIZADO EM 02/05/2021 ÀS 10H00 E 2ª LEILÃO EM 09/05/2021 ÀS 10H00

FERNANDO JOSÉ CERILLO G. PEREIRA, leilante oficial inscrito no AICEP nº 844, com escritório à Av. Santos, 707, 13º andar, C. 132, Jardim Pacífica, São Paulo/SP devidamente autorizado pelo Poder Judiciário (TJMS 0000022/2019) designado VEEDOR, recebe no CNPJ nº 03.705.990/0001-04, com sede na Praça Afonso de Albuquerque, nº 100, Torre Clara Sorocaba, na Cidade de São Paulo/SP nos termos do Instrumento Particular datado de 19/03/2018, no qual figura como Devedor o Sr. ADOLFO DE FIGUEIREDO LOUREIRO, RG nº 374628740-5 (SP/PE), com CPF nº 330.429.874-04, brasileiro, brasileiro naturalizado, casado com o Sr. MARLENE AGUIAR LOUREIRO, RG nº 487723232-3 (SP/PA), com CPF nº 428.667.954-28, brasileira, brasileira naturalizada, residente e domiciliada na Rua José Santos de Araújo, nº 303 - Apartamento nº 501 - Bairro Itaipava, João Pessoa/PB, em nome do Poder Judiciário, que assim se descreve: IMÓVEL: A MATRÍCULA Nº 37.896.002-2 OFÍCIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS EDUARDO TORRES, em JARÁ PESSOAS/PB-APROVAMENTO nº 301. Tipo A - uma vaga de garagem coberta, do Setor Residencial El Graco, situado na Rua José Duarte Pereira, nº 73, Bairro Brasil, João Pessoa/PB, com área privativa de 113,50m², área útil de uso comum de 45,15m², área útil global de 158,65m². Descrição: Desapropriação por causa de adiantamento, nos termos do art. 28 da Lei 5.548/20. Caso não haja habilitar em primeiro leilão, fica desde já designado o dia 09 de junho de 2021, no mesmo horário e local, para realização do SEGUNDO LEILÃO, com lance mínimo igual ao superior a R\$ 321.846,00 (trezentos e vinte e um mil, oitocentos e quarenta e oito reais e sessenta e cinco centavos). Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.megaeiloes.com.br e no aplicativo associado a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (um) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo admitidas habilitações após esse prazo. O envio de lances on-line só será considerado em caso de sucesso. Megaeiloes.com.br, mediante o lance inicial e o incremento mínimo estabelecido, em qualidade de condições com os participantes presentes no leilão de modo presencial, ou disposto pelo lote do leilão. A venda será realizada em caráter "ad supply" e no estado de conservação em que o imóvel se encontra, eventual irregularidade ou necessidade de averbação de construção, ampliação ou reforma, será de responsabilidade dos interessados em participar do leilão. Os interessados em participar do leilão presencial, deverão comparecer ao endereço constante do contrato, inclusive no endereço eletrônico, podendo não comparecer, desde que o mesmo não seja vendido por outro meio, a ser determinado em edital. O arrematante pagará no ato, o valor total da compra e a comissão do leiliteiro, correspondente a 5% sobre o valor de arrematação. O edital completo encontra-se disponível no site de lances www.megaeiloes.com.br e qual o participante declarar ter sido o vencedor, com os seus lances e condições de arrematação, o leiliteiro mencionará neste edital, no ato do leiliteiro, cartilhas ou em qualquer outro veículo de comunicação, considerará o horário oficial de Brasília/DF. As demais condições deverão ser as que regulam o Decreto nº 21.281 de 10 de outubro de 1.992, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.993, que regulam a profissão de Leiliteiro Oficial. Mais informações: (11) 3149-4000 | www.megaeiloes.com.br

Edital de Notificação

Serviço Registral Imobiliário da Comarca de Patos, Estado da Paraíba

FERNANDO MEIRA TRIGUEIRO, Oficial do Registro de Imóveis da Comarca de Patos, Estado da Paraíba, em cumprimento ao disposto no art. 213, § 3º, da Lei 6.015/73, vem NOTIFICAR a MARIA LUCIA DE OLIVEIRA SANTOS (CPF. 041.638.004-25), para se manifestar em 15 (quinze) dias, sobre o requerimento feito por Zuilza Araújo Leite de Oliveira casada com Clelio Antônio de Oliveira, solicitando alterações de medida perimetral e de área do imóvel próprio para construção, com frente para o oeste, sito a Rua Irineu Joffily, no Bairro Santo Antônio, nesta cidade de Patos, Estado da Paraíba, medindo de forma irregular 04mts25 x 14mts30 x 03mts00 x 02mts50 x 16mts10, com uma área total de 66,88 metros quadrados, objeto da matrícula nº 16.248, do Registro de Imóveis da Comarca de Patos-PB, confinante com o imóvel que lhe pertence à Rua Irineu Joffily, sob nº 38, Bairro Santo Antônio, nesta cidade de Patos-PB, podendo V. Sª intear-se da documentação processada no horário regulamentar, na sede registral localizada a Rua Peregrino Filho, nº 130, Bairro Centro, nesta cidade de Patos-PB.

A falta de impugnação no prazo acima significará sua anuência. Patos-PB, 14/05/2021. Fernando Meira Trigueiro - Registrador

TERRENO RETIFICADO
ESCALA -1 : 1050

Edital de Notificação

Serviço Registral Imobiliário da Comarca de Patos, Estado da Paraíba

FERNANDO MEIRA TRIGUEIRO, Oficial do Registro de Imóveis da Comarca de Patos, Estado da Paraíba, em cumprimento ao disposto no art. 213, § 3º, da Lei 6.015/73, vem NOTIFICAR a MARIA DO SOCORRO ARAÚJO (CPF. 467.129.764-72), para se manifestar em 15 (quinze) dias, sobre o requerimento feito por Zuilza Araújo Leite de Oliveira casada com Clelio Antônio de Oliveira, solicitando alterações de medida perimetral e de área do imóvel próprio para construção, com frente para o oeste, sito a Rua Irineu Joffily, no Bairro Santo Antônio, nesta cidade de Patos, Estado da Paraíba, medindo de forma irregular 04mts25 x 14mts30 x 03mts00 x 00mts50 x 02mts00 x 16mts10, com uma área total de 66,88 metros quadrados, objeto da matrícula nº 16.248, do Registro de Imóveis da Comarca de Patos-PB, confinante com o imóvel que lhe pertence à Rua Irineu Joffily, sob nº 95, Bairro Santo Antônio, nesta cidade de Patos-PB, podendo V. Sª intear-se da documentação processada no horário regulamentar, na sede registral localizada a Rua Peregrino Filho, nº 130, Bairro Centro, nesta cidade de Patos-PB.

A falta de impugnação no prazo acima significará sua anuência. Patos-PB, 14/05/2021. Fernando Meira Trigueiro - Registrador

TERRENO RETIFICADO
ESCALA -1 : 1050

Edital de Notificação

Serviço Registral Imobiliário da Comarca de Patos, Estado da Paraíba

FERNANDO MEIRA TRIGUEIRO, Oficial do Registro de Imóveis da Comarca de Patos, Estado da Paraíba, em cumprimento ao disposto no art. 213, § 3º, da Lei 6.015/73, vem NOTIFICAR a ESPÓLIO DE PEDRO DE ARAÚJO LEITÃO (CPF. 020.723.434-53) ou SUCESSORES, para se manifestar em 15 (quinze) dias, sobre o requerimento feito por Zuilza Araújo Leite de Oliveira casada com Clelio Antônio de Oliveira, solicitando alterações de medida perimetral e de área do imóvel próprio para construção, com frente para o oeste, sito a Rua Irineu Joffily, no Bairro Santo Antônio, nesta cidade de Patos, Estado da Paraíba, medindo de forma irregular 04mts25 x 14mts30 x 03mts00 x 00mts50 x 16mts10, com uma área total de 66,88 metros quadrados, objeto da matrícula nº 16.248, do Registro de Imóveis da Comarca de Patos-PB, confinante com o imóvel que lhe pertence à Rua Dezoito do Forte, sob nº 42, Bairro Santo Antônio, nesta cidade de Patos-PB, podendo V. Sª intear-se da documentação processada no horário regulamentar, na sede registral localizada a Rua Peregrino Filho, nº 130, Bairro Centro, nesta cidade de Patos-PB.

A falta de impugnação no prazo acima significará sua anuência. Patos-PB, 14/05/2021. Fernando Meira Trigueiro - Registrador

TERRENO RETIFICADO
ESCALA -1 : 1050

Aos domingos com Messina Palmeira



1. O grupo São Braz, que neste ano completa setenta anos de fundação, tem o executivo Leonel Freire (na foto com a esposa, Eliane Freire) como novo presidente, sucedendo o criador da empresa, José Carlos da Silva Junior, falecido no último mês de março.
2. O dia de ontem, marcou mais uma data natalícia do Prof. Aleksándros El Áurens. Paraibano de Cajazeiras, é o primogênito do casal de professores Fancelino e Magna Celi, reside no Recife, onde presta serviços junto ao Tribunal Regional Federal da 5a. Região. Seguindo os passos dos pais, desenvolve, em paralelo, a atividade docente em nível superior. Com doutorado na Espanha, Aleks estudou na Escola Preparatória de Especialistas da Aeronáutica (Guaratinguetá-SP) e chegou a desempenhar funções relativas à área na Barreira do Inferno, no RN. Pelo aniversário, recebeu os cumprimentos de seus pais, irmãos, esposa Nélia, filhos Yuri, Daniel, David e do enteado Gabriel.
3. Um dos lugares mais lindos e emblemáticos do mundo é a região de Cabaceiras, município conhecido como a Roliúde Nordeste. A foto, feita pela família da gestora de Turismo do Sebrae, Regina Medeiros, registra a bela formação rochosa "Saca de Lã".
4. Oliveira de Panelas, Esdras Furtado, Ivandro Cunha Lima, Saulo Barreto, Beth Espinola, Andréia Barros, Osvaldo Travassos, Adelton Alves, Sidney Guerra, Lúcia Cruz, Ricardo Ramos, Luciana Carneiro, Moema Arnaud, Carol Marques, Tamara Rabelo, Gilvan Pinheiro, Francisca Estrela, são os aniversariantes da semana.
5. O grupo Nissan/Carneiro, concessionária automotiva liderada pelo empresário José Carneiro, segundo dados oficiais da Nissan do Brasil, é uma das revendedoras que mais vende os modelos Frontier, Versa e Kicks.
6. A querida musicista Antônia Finizola está feliz da vida: já foi vacinada contra a covid-19, ao mesmo tempo em que festeja os nove meses da linda bisneta, Angelina Pinto.
7. Juliette Freire, a grande vencedora do Big Brother 21, é a nova embaixadora da Avon no Brasil e, claro, vai ganhar linha exclusiva da marca internacional de cosméticos.
8. O casal Marcos Medeiros e Rosilda Xavier de Medeiros, proprietários da JM Gráfica e Editora Ltda., localizada na capital baiana, vai participar, como membros, da 57a. edição do Congresso Escola de Pais do Brasil, entidade voluntária, sem fins lucrativos, que vai acontecer nos dias 3, 4 e 5 de junho, pelo link <https://escoladepais.org.br/congressonacional/>.
9. Na última quarta (20/05), a colunista foi entrevistada pela radialista Maria das Neves, no seu programa Café Filosófico, na Rádio Valentina. Neves, que vai realizar o Segundo Simpósio de Gastronomia Paraíba, no Hotel Verde Green, no dia 12 de junho, é uma empreendedora nata.
10. O escultor Jurandir Maciel é o autor da obra "Pescador", que está instalada na Super Fácil Atacado, empresa localizada no bairro de Água Fria, em João Pessoa.



Decoração

Conforto e aconchego são tendência

Plantas, redes e balanços conferem elegância ao ambiente e dão sensação de acolhimento aos moradores

Ana Lourenço
Agência Estado

A palavra balanço normalmente é relacionada ao universo infantil. Balançar na árvore, no parquinho, ter aquela sensação maluca de poder voar. Sua nostálgica memória afetiva fez com que arquitetos e designers investissem no móvel também para os adultos, no intuito de que a liberdade e leveza do lado de fora viessem, também, para dentro de casa - o que implicou em plantas, balanços e redes espalhadas nos ambientes internos. A solução é elegante, confortável e, em tempos de quarentena, tendência.

"Durante um bom tempo, a decoração ficou muito cheia de regras, com coisas predefinidas e padronizadas. A pandemia rompeu com isso e passou a incentivar uma decoração que fizesse sentido para cada morador", opina a arquiteta Suzana Azevedo que, em Minas Gerais, transformou em refúgio a nova morada de um casal de médicos.

"Como eles ficam no hospital o dia inteiro, com ambientes frios e sem personalidade, faz toda a diferença chegar em casa

e ter um lugar com texturas acolhedoras", diz ela. Um dos destaques do living é a poltrona suspensa, instalada em um ponto estratégico que a permite ser móvel para o canto da leitura, a sala de estar ou de jantar. "A pessoa pode virar para o lado que quiser, sendo bem versátil", diz. O material escolhido, rattan, combina com a madeira freijó e a palhinha do sofá, harmonizando a paleta de cor neutra em todos os 95 m² do projeto.

Móveis leves e descontraídos, os balanços garantem o ar de férias em qualquer lugar. "Normalmente você tem rede numa casa do interior, da praia, mas não dentro da sua própria casa. E por que não?", indaga a arquiteta Claudia Yamada, do Studio Tangram, que decidiu adicionar dois modelos 'cadeira' na varanda de seu apartamento de 105 m², no Brooklyn, em São Paulo, onde mora com o marido. "Duas,

porque daí cada um tem a sua e também para causar um equilíbrio naquele cantinho", conta ela.

O modelo também serviu de solução para não ocupar muito espaço e associá-la à decoração da casa que é totalmente integrada.

No Rio de Janeiro, no bairro da Gávea, as irmãs Cissa e Bel, de 5 e 6 anos, também entraram na diversão de balançar. No quarto de 18 m² das meninas, a arquiteta Hana Lerder decidiu investir em um balanço. "Ele traz uma leveza, uma brincadeira para o ambiente. Além de ser um conforto."

Na casa, já havia um espaço de brinquedoteca para a dupla, por isso Hana decidiu fazer um lugar para a leitura. "O segredo é transformar um espaço num cantinho. Dar uma personalidade com mudanças pontuais que deixam tudo mais aconchegante, sabe?", diz.

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Cirilo da Silva, 221
ALTOPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

4º FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA

ESSE É O MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA E AGORA CHEGOU A HORA DE VOCÊ MOSTRAR O SEU TALENTO. INSCREVA-SE

participe do maior festival de música da Paraíba
homenageando Genival Macêdo
poeta das palavras e melodias

festivaldemusica.pb.gov.br
inscrições até 31/05

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO
SOMOS TODOS PARAÍBA
GOVERNO DO ESTADO

Famílias mantêm negócios ativos e lucrativos após décadas na PB

Empresas superaram crises, passaram por mudanças econômicas e mostraram que é possível se reinventar sem perder a tradição

Lucilene Meireles
lucilene@epc.pb.gov.br

Quem abre um negócio, independente do ramo, e consegue mantê-lo em funcionamento por décadas, mesmo com todas as oscilações econômicas, sabe que as dificuldades são imensas e é preciso ter pulso para não desistir. Mudanças de governo, de moeda, planos econômicos que não vingam e até mesmo a chegada da internet – com todas as facilidades que ela trouxe – atrapalharam alguns empreendimentos. Porém, eles teimam em sobreviver e provam que, mesmo com o fantasma da falência rondando, é possível se reinventar e subsistir.

Uma empresa que ultrapassou a barreira dos cem anos é a Padaria Vasconcelos, localizada na via principal do bairro de Cruz das Armas, em

João Pessoa. O negócio começou com o avô, Deomedes Barros de Vasconcelos, passou para o filho, e hoje está nas mãos dos netos, nove irmãos. Aos 81 anos de idade, Francisco Vas-

///Depois de muito sacrifício, trabalhamos com a família. Prezamos muito por esse aconchego familiar///

concelos, que assumiu a padaria no início dos anos 1980, decidiu se aposentar e colocou nas mãos dos filhos a responsabilidade de manter viva a história do negócio. De longe, ele apenas acompanha a continuidade de seu trabalho.

Thiago Vasconcelos é o caçula da família, mas lidera a equipe. Ele relatou que foram momentos bem difíceis na transição do Cruzado Novo para o Real. "Foi complicado nos adaptarmos, porque a farinha de trigo, que é a matéria-prima do nosso trabalho, tem o preço influenciado pela cotação do dólar. Então, quando o dólar aumenta, tudo aumenta. Foi bem difícil sobreviver", recordou. Os irmãos começaram a participar de licitações em parceria com o Governo do Estado e com a prefeitura e assim conseguiram manter o negócio ativo.

Atualmente, cada um possui uma função na padaria, desde as compras, até o atendimento aos clientes no balcão, passando pelas finanças. "Hoje, depois de muito sacrifício, trabalhamos com a família. Prezamos muito por esse aconchego familiar", afirmou.



Célia Teixeira faz questão de continuar repassando as antigas fórmulas do pai para os clientes antigos e assíduos da farmácia que funciona no Centro de João Pessoa



Caldo de Cana e Lanchonete Querubim é um dos mais antigos da cidade e, apesar de ter mudado de proprietários, manteve a essência do estabelecimento na capital

Centro preserva o caldo de cana e a farmácia mais antigos de João Pessoa

Em 1930, a Usina Santa Helena fundou uma espécie de laboratório na casa de número 32 da Rua Guedes Pereira, Centro de João Pessoa, para testar a sacarose da cana de açúcar. O negócio funcionou durante muitos anos até que foi transferido para outro local. Ali, porém, aproveitando o insumo, foi criado um espaço para comercializar caldo de cana e, de quebra, lanches em geral. Assim nasceu o Caldo de Cana e Lanchonete Querubim.

Os proprietários atuais, que mantêm o negócio há duas déca-

das, relataram que outras famílias estiveram à frente do estabelecimento desde que passou a comercializar caldo de cana. "A última família que passou por aqui ficou 40 anos. Esse caldo de cana é um patrimônio histórico da nossa cidade. Nunca deixou de ter sua essência", observou o comerciante Juarez Afonso de Alencar.

A esposa, Maria Nativa Costa de Alencar, destacou que as dificuldades existem, principalmente nesta pandemia, mas o desejo é manter viva a tradição do caldo de cana. "Nossa ideia é continuar

o negócio por muitos anos. Quem vem ao Centro da cidade sempre procura um lanche e um bom caldo de cana, que é uma bebida saudável e saborosa, e nós buscamos prestar o melhor serviço".

O Centro da capital também é o local em que surgiu a Farmácia Teixeira, do famoso seu Teixeira, um dos empreendimentos mais conhecidos da cidade. Bem sucedida e tradicional, é a farmácia de manipulação mais antiga de João Pessoa e possui clientes fiéis desde o início de sua história. O fundador, An-

tônio Teixeira Lima, faleceu há 21 anos, aos 99 anos de idade, mas as filhas seguiram a mesma profissão, mantêm o negócio em funcionamento e abriram, inclusive, outra unidade.

Localizada na Rua Miguel Couto, a Farmácia Teixeira tem mais de 50 anos nesse local, mas foi criada com o nome Farmácia Central e era instalada no Ponto de Cem Réis, bem próximo ao Paraiba Palace Hotel, conforme relatou Célia Teixeira, uma das cinco filhas do farmacêutico. "Temos clientes fiéis. Alguns

frequentam há muitos anos, chegam aqui e dizem que eram crianças e já vinham na farmácia com os pais", contou Célia.

As netas de seu teixeira também já entraram no negócio. "Nos concentramos mais nas fórmulas do nosso pai e é isso que nos sustenta. Para manipulação com receita só com as netas, na outra unidade. Pretendemos manter a farmácia enquanto for possível", comentou.

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Conhecimento e inovação: combinação necessária ao desenvolvimento

Buckminster Fuller, um renomado arquiteto norte americano, escreveu um livro nos idos de 1980, intitulado "Caminho Crítico", onde descreve a curva do conhecimento da humanidade a partir do ano 1 D.C. É muito interessante ver como esta trajetória define e justifica a evolução da raça humana.

A partir deste marco, a primeira vez que dobramos de conhecimento, foram necessários 1500 anos. Novamente, o conhecimento dobrou no ano 1750, portanto, em 250 anos, alcançando uma velocidade seis vezes maior. O ritmo foi acelerando e em 1900 o conhecimento humano dobrava aproximadamente a cada 100 anos. No final da 2ª Guerra Mundial já conseguíamos dobrar o conhecimento a cada 25 anos. Ao chegarmos a 2020, estimávamos que o conhecimento humano já se dobrava a cada ano, com previsões de que esse ritmo, daí por diante, pudesse ser aferido em horas e não mais em anos.

Diante de um cenário como este, a pergunta que fazemos é: quais são as consequências disto para a vida das pessoas, dos negócios privados e das organizações? São profundas, porque o que aprendemos no passado fica obsoleto e em uma velocidade cada vez maior, tudo o que estamos acostumados a fazer tende a não dar mais resultados eficazes.

Outra percepção que extraímos é a de que até o final do século passado, a informação era cara, escassa e de acesso dificultoso. O lado positivo é que ela permanecia útil e valiosa por um período mais longo, condicionando as pessoas, empresas e organizações que as detinham a serem mais competitivas e poderosas, chanceladas pela máxima de que informação gera poder. Vivíamos a Era da Informação.

Com a chegada do século XXI e o consequente ritmo célere de multiplicação do conhecimento, veio a disseminação da internet e as pessoas passaram a ter acesso à informação de forma mais abundante, rápida e barata. Foi neste período que celebramos nosso ingresso na Era Digital.

O conhecimento é um produto resultante da "informação tratada", ou seja, ao ter acesso a informação, é preciso compreender como operacionalizá-la. Como posso aplicar, na prática, aquilo que acabo de ler ou ouvir? Esse domínio é o conhecimento. Esta Era Digital fez com que a mudança ganhasse mais velocidade e não bastava somente ter mais conhecimento e poder para ser competitivo. Passamos a valorizar o poder da criatividade e da conectividade, exercidas com a máxima rapidez.

Considerando que as mudanças andam sempre de mãos dadas com as quebras de paradigmas, torna-se muito importante a disposição das pessoas e organizações para exercitarem o "aprender a desaprender", quer dizer, aquilo que ficou obsoleto precisa ser deletado do estilo de gerir, para dar espaço ao novo jeito de fazer. Assim procedendo, carimbamos nosso ingresso na Era da Inovação.

Platão disse que o conhecimento consiste de crença verdadeira e justificada. Aristóteles o dividiu em três diferentes áreas: científica, prática e técnica. Tentando ampliar ainda mais este entendimento, porém de forma limitada, podemos classificá-lo em sete distintas categorias: Conhecimento Sensorial (comum entre seres humanos e animais, é obtido a partir de nossas experiências sensitivas e fisiológicas,

tais como: tato, visão, olfato, audição e paladar); Conhecimento Intelectual (exclusivo do ser humano, é formado por raciocínio mais elaborado e pressupõe um pensamento, uma lógica). Conhecimento Popular (fruto da cultura, do senso comum; sem compromisso com uma apuração ou análise metodológica e é quase sempre irrefletido). Conhecimento Científico e Tecnológico (preza pela apuração e constatação; explica de modo racional aquilo que se está observando; não faz afirmações sem provas concretas e se fundamenta em métodos racionais). Conhecimento Filosófico (está mais ligado à construção de ideias e conceitos; busca as verdades do mundo por meio da indagação e do debate, do filosofar; prioriza seu olhar sobre a condição humana). Conhecimento Teológico (adquirido a partir da fé teológica, é fruto da revelação da divindade; objetiva provar a existência de Deus com fundamentos Bíblicos). Por fim, o Conhecimento Intuitivo (está relacionado à subjetividade e as percepções do mundo exterior; as epifanias são um bom exemplo). Para o embasamento sobre o que aqui expus, agradeço ao Marcelo Nakagawa e ao Antônio Santos, pesquisadores dedicados a estes temas.

Quem somos? Para onde vamos? Como pretendemos chegar lá? Somente o conhecimento poderá nos dar estas respostas. Devemos buscá-lo, de forma constante e inovadora, para formularmos as melhores propostas de desenvolvimento. Pessoas, empresas, organizações governamentais e a humanidade, para viverem melhor, dependem disto. E para humanizá-lo, cito Leonardo da Vinci, quando disse: "todo o nosso conhecimento se inicia com sentimentos."



Inovar para SOBREVIVER



Mudanças no mercado e na preferência dos clientes fazem empresários buscarem alternativas para seus negócios

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Um verdadeiro baú musical. Assim é a loja Música Urbana, que comercializa CD, vinil, blu-ray e afins. Inaugurada em 1998, o negócio completou 23 anos de história. Na época, o proprietário Robério Rodrigues trabalhava no escritório de uma empresa de vigilância, pediu demissão e apostou tudo na realização de um sonho. E não é que deu certo?

O primeiro ano foi bem difícil, não havia lucro, mas ele não desanimou e insistiu no projeto. “Era mais no amor mesmo, mas aos poucos, a loja foi ganhando clientes, divulgava em shows, comecei a fazer amizade com o pessoal de bandas e eles também ajudavam na divulgação. Assim, a loja foi crescendo, mas quando chegou o mp3, a queda foi grande, abalou muito o orçamento”, lembrou.

Foi aí que veio o estalo e Robério decidiu vender outros produtos. Como os aficionados por música sempre se reuniam para um bate-papo

na loja, por que não oferecer produtos que ajudassem a mantê-los mais tempo por lá? A cerveja artesanal passou a ser vendida para acompanhar a conversa. A partir daí, o negócio foi ganhando incremento com a venda de camisetas, bottons, ímãs e outros produtos sempre ligados à música que ajudaram a melhorar o

23 anos

É o tempo que a Música Urbana mantém clientes fiéis enquanto busca se reinventar

orçamento da loja.

“Graças a Deus, nos últimos anos, as coisas melhoraram. A procura por vinil aumentou. Os CDs, que a gente achava que a venda ia cair, voltaram a ser procurados. E foi isso, para tentar manter a loja, acrescentei outros artigos.

Com a internet, colocamos nossos produtos nas plataformas digitais, no Instagram (@musicaurbanajp). Temos um WhatsApp só para vendas a clientes cadastrados e isso também ajuda muito”, relatou.

Outra forma de atrair clientes foi a parceria com bandas musicais que realizavam shows na frente do estabelecimento. Ao todo, em 23 anos, foram cerca de 200 shows. “Isso atraía pessoas que não conheciam o espaço. Elas vinham ouvir a banda que gostavam e acabavam conhecendo a Música Urbana e voltando para comprar alguma coisa. Foi uma forma muito boa de divulgar”, acrescentou.

Apesar dos obstáculos no meio do caminho, Robério se define como um empresário de sorte. “Meus clientes são muito fiéis, alguns desde o início da loja. É um pessoal que gosta de música e, por isso, mantêm essa fidelidade”, afirmou. O segredo agora é manter a qualidade do serviço, dos produtos para continuar com esses clientes e atrair quem ainda não conhece o espaço.

Planejamento é a base da resistência

Abriu um negócio nem sempre significa que o empreendimento vai dar certo. Seja uma padaria, uma loja de discos, um mercadinho de bairro ou uma lanchonete, é preciso fazer o investimento certo, se capacitar para manter o bom funcionamento e, com isso, atrair mais clientes. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB) é um caminho para buscar bons conselhos.

“O Sebrae orienta e apoia os micro e pequenos negócios

para que eles se coloquem no mercado de forma competitiva, para que os micro e pequenos empresários possam conduzir os seus negócios com tranquilidade, utilizando ferramentas modernas, consistentes, que permitam conduzir bem a empresa, sobretudo em tempos de crise”, comentou o analista do Sebrae, Antônio Felinto,

Ele explicou que existe uma grade de educação, um rol de capacitação, seminários, workshops à disposição

dos empresários, quer seja no apoio à gestão da empresa, no planejamento da gestão administrativa, estratégica, financeira.

A ajuda inclusive, no acesso ao crédito com ferramentas como o Fampe, que é um fundo de apoio às micro e pequenas empresas, que podem acessar o crédito junto à Caixa Econômica Federal. Essas soluções podem ser acessadas através do site www.sebraepb.com.br ou utilizando o canal 0800 570 0800.

Desafios são maiores durante crises

Em relação aos aspectos que fazem uma empresa sobreviver em tempos da crise gerada pela pandemia do novo coronavírus, cuja característica é de pessoas estarem isoladas em suas residências, como as empresas vão alcançar os seus clientes? Nesse caso, conforme o analista do Sebrae, Antônio Felinto, existem três questões extremamente importantes.

“Uma é o investimento em inovação e tecnologia por parte da empresa. A inovação é no sentido de mudar o seu negócio e criar novos produtos e serviços, fazer o lançamento e, na forma de buscar o contato com o cliente por meio da digitalização da empresa, através de redes sociais que se mostraram, nessa pandemia, um canal fundamental para que as empresas de produtos e serviços alcançassem diretamente esses clientes”, ensinou.

A segunda questão, segundo ele, é estabelecer e reforçar o relacionamento com o cliente, procurar conhecer os dados disponíveis. É

preciso estudar o comportamento dos clientes para estabelecer um processo de resolver rapidamente as coisas com ele, ter meios de pagamento que funcionem bem e que permitam fidelizar.

A terceira questão é a competitividade, que é interna à empresa, no sentido de se ter controle dos custos,

“É preciso inovar, estabelecer e reforçar o relacionamento com o cliente. Procurar conhecer os dados disponíveis e extrair o máximo da capacidade de produção”

de extrair o máximo da sua capacidade de produção desses bens e serviços, melhorando a produtividade. “Com isso, pode alcançar preços competitivos, se situar melhor no mercado em relação aos seus concorrentes e, portanto, conseguir um espaço de localização de sua empresa em que ela possa se colocar muito bem”, afirmou.

A Paraíba possui atualmente 224 mil empresas de todos os portes, MEI (microempreendedor individual), microempresa, empresa de pequeno, médio e grande porte. Os pequenos negócios são responsáveis por mais de 90% desse universo. O último dado do Sebrae é de novembro de 2020 e faz parte da Pesquisa do Impacto da Pandemia nos Pequenos Negócios.

SAIBA MAIS

■ A pesquisa do Sebrae apontou que três por cento decidiram fechar definitivamente os negócios; 5% estavam com o funcionamento interrompido temporariamente por conta dos decretos governamentais e das restrições de funcionamento. Setenta e sete por cento funcionavam com mudanças e 14% da mesma forma que era antes da crise. Em termos de faturamento mensal em relação ao mesmo período do ano passado, 20% aumentaram os lucros durante a pandemia. No entanto, 67% tiveram o faturamento reduzido e 13% mantiveram. Desde o início da crise do coronavírus, 36% das empresas lançaram ou começaram a comercializar novos produtos ou serviços. Redes sociais, aplicativos e internet são utilizados por 77% das empresas.



Pequenas empresas apostam em diversidade e inclusão

Micro e pequenos negócios descobrem que programas de D&I geram impacto social atrelado ao fator econômico

Agência Estado

Nos últimos dois anos, a diversidade e inclusão vem sendo cada vez mais discutida dentro do mercado de trabalho. Grandes empresas passaram a investir em programas de D&I como diferencial de mercado e responsabilidade social, e, segundo especialistas, esse movimento fez com que o debate acerca da temática também fosse levado para as pequenas e médias empresas.

Segundo o Sebrae, os micro e pequenos negócios representam mais de 90% do total de empresas no Brasil. Os pequenos são responsáveis por 54% dos empregos formais do país. "As pequenas empresas possuem uma capilaridade imensa, pois são elas que estão espalhadas pelo país inteiro, por todas as regiões (interiores e todos os estados)", ressalta Ricardo Sales, sócio-fundador da consultoria Mais Diversidade.

Mesmo com a crise do novo coronavírus, dados divulgados pelo Sebrae apontam que, nos últimos 6 meses, os pequenos negócios geraram 1,1 milhão de novos empregos, enquanto as médias e grandes empresas foram responsáveis pela criação de 385,5 mil novos postos de trabalho.

"Eu acho que tem um impacto civilizatório. Essas empresas estão sobretudo no setor de serviços, se relacionando com a sociedade brasileira como um todo. Então, quando dão um bom exemplo em relação a essa pauta de D&I, elas têm a possibilidade de impactar positivamente pessoas que talvez não fossem sensibilizadas por esse assunto por outros meios", explica Ricardo.

A implementação de políticas e ações voltadas à diversidade e inclusão geram ganhos tanto para a sociedade quanto para o negócio, aumentando o fluxo de renda de grupos minorizados (que passam a ser incluídos

nas empresas) e aumentando o potencial de lucro ao atingir novos públicos.

"O impacto social aqui está 100% atrelado ao fator econômico, porque grande parte das pessoas que vão consumir, das pessoas que vão fazer a economia girar para o seu negócio, estão dentro dessa camada de pessoas diversas. Muitas vezes, você pode não ter atingido esse mercado porque você não tem [D&I] dentro", pontua Bielo Pereira, palestrante e consultora em diversidade e inclusão corporativa.

Contudo, algumas dificuldades ainda são colocadas como impeditivos na hora de colocar a diversidade e a inclusão na prática dentro das micro, pequenas e até mesmo médias empresas. Os especialistas destacam que a falta de informação, estrutura enxuta da empresa e o caráter personalista do dono como extensão do negócio são os principais problemas enfrentados.

"Um grande desafio que podemos citar é dinheiro e investimento. Várias dessas empresas estão passando por apertos e dificuldades financeiras e podem pensar que não conseguirão investir em D&I, que o assunto deve ficar em segundo ou terceiro plano. Mas não. Eu ressalto que muitas das ações de diversidade e inclusão têm custo zero, como por exemplo orientar o pessoal da empresa sobre o respeito ao uso de pronomes", diz Gabriela Augusto, fundadora da Transcendemos, empresa de consultoria de diversidade e inclusão.

Essas empresas estão se relacionando com a sociedade. Então, quando dão bom exemplo nessa pauta de D&I, elas têm a possibilidade de impactar positivamente as pessoas

Bons exemplos em D&I passados pelos pequenos empreendimentos impactam mais diretamente a população



DICAS PARA COMEÇAR A IMPLEMENTAR PROGRAMAS EM SUA EMPRESA

Os consultores ressaltam que não existe receita de bolo para implementar a D&I dentro das empresas e que é preciso analisar a realidade de cada uma. Mas, com objetivo de auxiliar aqueles que desejam dar um primeiro passo no universo da D&I, reunimos 6 dicas dadas pelos especialistas:

- **Sensibilize as pessoas.** Comece educando as pessoas para o tema; chame para uma roda de conversa para dividir experiências, a partir, inclusive, de situações que ocorrem atualmente na sociedade. Por exemplo, o caso que aconteceu no BBB sobre o cabelo crespo. "De repente, você pode reunir seus colaboradores ali com as pessoas que têm o cabelo crespo ou que já enfrentaram situações de dificuldade relatarem ali em primeira pessoa. Então, a sensibilização é sempre o ponto", explica Ricardo Sales
- **Deixe claro os combinados com os colaboradores.** A pessoa que está a frente da empresa precisa deixar claro quais são os comportamentos que são admitidos ou não naquele espaço. "Se o colaborador não tem orientação, como ele vai reagir a situações? Ele vai reagir de acordo com os seus valores pessoais. Se ele vê, por exemplo, um casal de meninas se beijando na loja ou uma pessoa trans entrando no banheiro, sem uma orientação da empresa, ele vai recorrer ao repertório dele, que talvez não seja o mais adequado porque pode haver ausência de informação ou preconceito", pontua o sócio-fundador da consultoria Mais Diversidade.
- **Troque o mindset.** "Você, dono de pequena empresa, pra você é muito mais fácil você começar a ter qualquer atitude de diversidade do que para uma empresa grande. Não é mais difícil, é mais fácil, porque é você que decide", ressalta Bielo Pereira.
- **Teste 360.** Você vai olhar ao seu redor e vai perceber que não tem diversidade. Por que não passar a escolher alguém que você não escolheria? Por que você não está escolhendo essas pessoas? Comece a escolher! Além disso, comece a olhar mais a própria comunidade onde você está inserido. "Existem pessoas que consomem. Eu tenho essas pessoas representadas aqui dentro? A partir disso, você vai começar a mudar a forma de selecionar e de pensar essas pessoas dentro da sua empresa, porque aí sim você vai começar a mudar. São coisas simples: na forma de seleção, na forma de lidar com as pessoas que estão ali dentro. Você consegue fazer isso sem precisar pagar um curso ou pagar uma consultoria cara", pontua Bielo.
- **Produza conteúdos acessíveis.** No Instagram, por exemplo, descreva imagens. "Parece bobo, parece algo menor, mas uma empresa deveria estar olhando para acessibilidade do conteúdo, descrevendo as suas imagens. Hoje, as empresas que estão se esforçando para sobreviver, estão no Instagram, nas plataformas. Então, ter uma estratégia para D&I, não custa necessariamente", explica Gabriela Augusto.
- **Mudanças de processos internos.** Perguntar o pronome para pessoa que está sendo atendida, exemplifica Gabriela, pode ser um processo que aumenta a inclusão e não gera custos.

Por dentro da prática

Pequenos negócios como NeoAssist, empresa de tecnologia omnichannel de atendimento ao cliente, e LEO Learning, empresa de soluções digitais para treinamento e desenvolvimento corporativo, vêm adotando medidas de D&I com sucesso.

A NeoAssist, fundada em 2001, passou a aplicar censos dentro da empresa para entender quais pontos poderiam ser melhorados com relação à diversidade e inclusão e quais medidas seriam mais assertivas.

"Está dentro do nosso DNA a questão da diversidade, porque sabemos da importância disso como uma ferramenta de ter mais visões diferentes, que reduzem o risco e aumentam a performance da empresa. A liderança acredita muito na diversidade, assim como o nosso time", diz Anna Moreira, que é CEO da NeoAssist.

É nesta mesma linha de pensamento de crescimento e valorização do funcionário além do recrutamento, que a LEO Learning se posiciona. "Quando um funcionário olha para o seu líder e se identifica, enxerga que pode ser como ele, isso automaticamente cria uma visão inspiracional para que a pessoa veja que pode crescer. Temos plano de carreira, promoções internas (cultura do estagiário que vira gerente). O crescimento é um fator fundamental para a retenção desses talentos", diz Richard Vasconcelos, CEO da empresa.

"Às vezes, você tem um analista júnior que é negro... E aí a empresa contrata um líder novo que é branco, para ser seu gestor. Então, fica o questionamento: 'estou há três anos na empresa, por que não fui promovido?' Eu acredito que o crescimento é a melhor forma de retenção", reafirma Richard.

Verde representa bem-estar e qualidade de vida à população

Moradores de cidades arborizadas, como João Pessoa, conseguem ter mais saúde mental e física graças ao meio ambiente

Lucilene Meireles
 lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O município de João Pessoa tem 30,67% de sua área com cobertura vegetal. Isso significa que são 47,11 metros quadrados de área verde por habitante, e esta realidade da capital paraibana resulta numa diferença térmica que pode ser de até 5°C entre bairros com poucas árvores e aqueles próximos de fragmentos de florestas. A maior concentração de áreas verdes do município fica na Zona Sul, apesar da supressão de algumas áreas para dar lugar a construções, dentro do processo de expansão da cidade. Quanto maior a quantidade de áreas verdes, melhor a qualidade de vida de seus habitantes.

A importância da área verde para a população vai desde a questão sanitária até a econômica e social. “João Pessoa, que tem em seu percentual 47,11 metros quadrados de área verde por habitante, é muito verde. Com isso, as pessoas têm um comportamento de saúde melhor, se tornam mais sociáveis porque o verde faz com que haja um equilíbrio mental em relação à questão da socialização com os demais”, observou o diretor de Controle Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente (Semam), Anderson Fontes.

Ele ressaltou que nas áreas arborizadas, observa-se mais condição de retenção de água advinda de chuvas torrenciais, com a boa permeabilização do solo, o que ajuda a evitar alagamentos na cidade. “Dá condições de se ter uma respiração melhor; padronizando a qualidade de vida no município. Numa cidade bem arborizada, com o solo mais permeável, as condições do ecossistema natural são mais evidentes, principalmente, nos rios urbanos, nos parques e na natureza em geral. Sem dúvida nenhuma, é um equilíbrio sustentável ter o verde na área de qualquer município”, destacou.

Reflexos na saúde

“Um bairro bem arborizado consegue retirar mais rapidamente alguns poluentes, como os do trá-

fego, ou seja, quanto mais árvores, maior a redução do tempo de exposição a esses poluentes. Fora isso, há melhorias na temperatura, na umidade do ar, sendo bastante favorável para o sistema respiratório”, explicou o pneumologista Ronaldo Rangel Travassos Júnior.

Para quem sofre de algum problema respiratório, o médico ressaltou que o fato de morar numa área mais arborizada pode influenciar de forma positiva, como na redução das crises alérgicas. Por outro lado, segundo o especialista, o material particulado nas áreas mais poluídas e densamente construídas aumenta as chances de crises de asma e bronquite, por exemplo.

Quem mora em bairros com pouca arborização sofre os efeitos negativos. “Quanto maior o adensamento de construções, principalmente de prédios, menor a circulação de ar e acaba concentrando mais os poluentes. A dispersão do próprio vento funciona de uma maneira muito direcionada nesses lugares, e o efeito é ruim”, constatou.

Uma das orientações do pneumologista para quem mora nos bairros menos arborizados é evitar as ruas com maior movimentação, já que as vias com grande tráfego de veículos têm maior concentração de material particulado. Por isso, a dica do médico é escolher, dentro do bairro, vias com menos movimentação de veículos. “Dentro desses bairros, ainda existem praças e há lugares menos afetados”, frisou.

Dentro de casa, sempre que possível, nos horários de menor movimento nas vias públicas, a orientação é abrir as janelas, deixar circular o ar, deixar o sol entrar. “Não apinhe muitas coisas, principalmente, no lugar onde dorme. Menos concentração de objetos é melhor para a limpeza e para a circulação do ar. O sol é o maior inimigo do mofo, que gera problemas respiratórios. Melhor evitar tapetes e cortinas. Quanto mais claridade, melhor”, ensinou o médico.



Temperatura amena e menor risco de doenças

Os bairros da Zona Sul de João Pessoa, como Mangabeira, Bancários e Valentina, por exemplo, têm uma grande diferença em relação aos bairros da Zona Norte, principalmente, os da orla. “Se compararmos o nível de temperatura de uma rua no bairro de Manaíra, por exemplo, com uma rua em Mangabeira, mais próxima às áreas verdes, há um nível de redução na temperatura entre 3 e 5 graus”, ressaltou Anderson Fontes.

Na orla, segundo ele, as ruas têm poucas árvores nas calçadas, o que influencia bastante na qualidade de vida. “Nos bairros mais periféricos, a qualidade de vida é bem melhor do que na orla, onde há arranha-céus e as ruas são asfaltadas, sem árvores”, constatou.

A interferência do verde na temperatura da cidade promove um ponto de equilíbrio na saúde. “Imagine que uma cidade tenha, dentro do seu raio maior de zoneamento, ou seja, na área total da cidade, uma média de 13% de cobertura vegetal. Os 87% demais

já se foram. Em nossa cidade, temos algo em torno de 30,67%, um índice altíssimo para o nível do Brasil”, frisou Anderson Fontes.

As áreas verdes, segundo ele, contribuem para manter a temperatura mais baixa e pode influenciar positivamente na saúde. “Trazendo para um meio mais claro e objetivo, a influência do câncer de pele pela radiação solar nas áreas verdes é menor”, destacou.

Além disso, outra questão de saúde é em relação ao aspecto respiratório. “A partir do momento em que vivemos uma pandemia, com certeza, um bairro mais arborizado vai influenciar de forma positiva na recuperação e oxigenação das pessoas, na boa respiração, boa imunidade. Onde há mais área verde, a saúde está mais equilibrada. O verde contribui muito para isso”, acrescentou.

O inventário arbóreo de João Pessoa ainda não está concluído, mas a partir das avaliações da Semam, a estimativa aponta que os bairros da Zona Sul são os que

possuem mais árvores. Mangabeira, Bancários, Geisel, Cristo têm predominância do verde em áreas públicas, calçadas e canteiros centrais. Os que têm menos árvores são Manaíra, Tambaú, Bessa, que tiveram suas vegetações de calçadas retiradas.

Manaíra tem o menor número de árvores em áreas públicas. De acordo com Anderson Fontes, mesmo possuindo três grandes praças, o nível de densidade arbórea é pequeno. Como consequência, é o bairro que mais sofre em João Pessoa em relação à qualidade de vida associada às áreas verdes.

Os bairros próximos ao Centro da cidade, como Tambiá, Jardim Treze de Maio, Bairro dos Ipês, têm arborização por influência de alguns parques urbanos. Tambiá tem influência do Parque Arruda Câmara (Bica), do Parque Lauro Pires Xavier, e ainda do Parque da Lagoa. “Roger e Tambiá se tornam bairros bastante agradáveis para residir em relação à questão da temperatura”, afirmou.

Projetos de arborização e criação de parques

A Prefeitura de João Pessoa, dentro de sua política ambiental, vem estudando o parâmetro para melhoria das condições dessas áreas, começando com o incentivo da criação do zoneamento ambiental, que não existe. Além disso, está criando unidades de conservação de uso sustentável com condições de fazer com que as áreas verdes cresçam, principalmente, nos bairros com menos arborização.

Como exemplo, Anderson Fontes citou o Parque Paraíba I e II e já a concepção do III, fazendo o plano de uso e manejo correto das ações nesses parques, reflorestando, multiplicando através da educação ambiental. Também há produções de mudas, inclusive, repaginando o

viveiro para aumentar a produção de mudas que vão contribuir para manter a cidade arborizada.

“Além dessas ferramentas, as podas corretas e o zelo com as árvores mostram o olhar diferenciado que a prefeitura possui em relação às áreas verdes. A criação do Parque do Roger, onde era o antigo Lixão, também é uma forma de arborizar ainda mais aquela região. Todas as ações são para melhoria do verde e da qualidade de vida do pessoense dentro dos parâmetros dos benefícios que a cobertura vegetal oferece”.

Mesmo com o crescimento da cidade, a construção de casas, edifícios, é possível manter a cidade com uma boa concentração de áreas verdes, e a população pode

contribuir com essa realidade. “As pessoas podem ajudar unindo forças com a prefeitura, buscando conhecimentos técnicos, profissionais para, todos juntos, fazermos uma arborização coerente com a realidade de cada bairro”, comentou Anderson Fontes.

A Divisão de Arborização e Reflorestamento da Semam gerencia, disciplina e orienta o crescimento arbóreo, seguindo as normas técnicas brasileiras de arborização urbana e reflorestamento. Qualquer cidadão pode procurar a Secretaria de Meio Ambiente para aprender a melhor forma de dar a sua contribuição. “O verde de uma cidade só cresce se a população e a gestão estiverem unidas”, concluiu.

Foto: Marcus Antonius





Foto: Instagram/Trezeoficial

Há 30 anos, Neto parava a explosão do "dinamite" em Guarabira

Goleiro do Nacional de Cabedelo ficou famoso ao defender pênalti de Roberto Dinamite em jogo contra o Guarabira, no estádio Sílvio Porto



Foto: Albert Pontes/JP

Neto se tornou um dos amigos de Roberto Dinamite depois da defesa espetacular de um pênalti em torneio do Campeonato Paraibano

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Era um domingo, 31 de março de 1991, quando Adalton Ferreira de Paula Neto, no auge de seus 20 anos de idade, se deparou com o momento que modificaria, para sempre, a sua vida. Goleiro de futebol ainda iniciando a sua carreira, nesse dia, em uma tarde de sol na cidade de Guarabira, ele se viu, frente a frente com um dos maiores nomes do futebol brasileiro, alguém que era um ídolo para si, mas que, naquele instante único, estava vestido com o manto do adversário: Roberto Dinamite, ídolo do Vasco da Gama e terror aos goleiros brasileiros.

No entanto para o jovem goleiro que já o havia visto tantas vezes pela televisão, foi aquela a oportunidade para, dali em diante, ser rebatizado, por Ivan Bezerra e João de Souza - nomes históricos da crônica esportiva paraibana pela Rádio Tabajara - como Neto Dinamite e, assim, acumular ao nome que já carregava de seu avô, a alcunha do ilustre rival de momento, unindo assim, família de sangue e da bola na eternidade do futebol.

Jovem jogador das categorias de base do Botafogo da Paraíba, Neto - nome que adotou no meio futebolístico - fazia sua estreia pelo Nacional de Cabedelo, clube que o havia recebido por empréstimo e por quem fazia sua primeira partida oficial dentro do extinto "Torneio Início do Campeonato Paraibano". Do outro lado, estava a também extinta equipe do Guarabira que sediava a competição no estádio Sílvio Porto na "Terra da Luz".

Donos da casa e apoiados pela estrutura política da cidade, na época, a equipe do Guarabira promoveu uma enorme movimentação na cidade que ansiava pela competição e, especialmente, por assistir em campo, a grande contratação do time: Roberto Dinamite, craque do Vasco e da Seleção Brasileira que, mesmo em fim de carreira, ainda inspirava no amante do futebol as melhores expectativas.

Do outro lado, estava a humilde equipe do Nacional de Cabedelo - outra que não mais atua no futebol profissional paraibano - que fazia sua estreia e único jogo no torneio que abriu o calendá-

rio paraibano de 1991. O torneio, além dos dois times em questão, contou com a participação de Auto Esporte, Botafogo, Campinense, Esporte e Nacional de Patos, Santa Cruz de Santa Rita, Santos Tereré e Treze.

Com as equipes em campo e os donos da casa com a torcida de pouco mais de 5 mil espectadores toda a seu favor, o Guarabira foi para cima e logo aos 4 minutos veio o primeiro embate entre Neto e Roberto: em uma cobrança de falta digna do apelido, o atacante desferiu uma pancada forte na bola que foi defendida pelo bem posicionado goleiro, graças ao reflexo.

"O jogo nem tinha começado direito e já houve uma cobrança de falta que o Roberto Dinamite cobrou. A batida na bola foi muito forte e eu não vi ela passar pela barreira. Para a minha sorte, eu estava exatamente na direção em que ela veio e consegui fazer a defesa, se não a história toda poderia ter sido bem diferente", lembra Neto.

Neto nem teve tempo de se recuperar do lance, pois, no minuto seguinte, em jogada confusa dentro da área, o árbitro da partida, Ronaldo

Belarmino, assinalou uma penalidade máxima para os donos da casa. Para o pesadelo de 10 entre 9 goleiros, o cobrador escolhido para o penal foi, é claro, Roberto Dinamite. No entanto, a exceção à regra estava em campo e passaria a ser conhecida, a partir dali, como Neto Dinamite.

Na cobrança aos 5 minutos e diante de uma plateia ávida por um gol do craque - que esteve pela Seleção Brasileira nas Copas de 1978 e 1982 -, no gol, para a tristeza da claque, entre a chance da pelota partir dos pés do consagrado craque e balançar as redes, havia as mãos do jovem goleiro que impediu o tento. Defesa plástica que lhe levou a alcançar, naquele instante único, a glória máxima de sua carreira.

"Foi uma pancada muito forte, como já era de se esperar, mas eu consegui chegar nela. Naquele momento, eu com 20 anos jamais poderia esperar viver aquilo. Depois de passar toda a minha infância e adolescência vendo Roberto Dinamite jogar contra Zico naqueles embates memoráveis pela televisão na década de 1980, eu nunca imaginei, primeiro jogar

contra ele, que diria defender esse pênalti que mudou minha vida e meu nome. Lembro como hoje que depois da partida, João de Souza e Ivan Bezerra me botaram esse apelido que eu levo com muito orgulho até hoje", relembrou Neto Dinamite, rebatizado pelas ondas do rádio.

Após a defesa do pênalti, Neto ainda foi obrigado a operar outros milagres, bem menores que o anterior, é verdade, mas fundamentais para garantir que a camisa de zebra que o Nacional de Cabedelo se revestiu naquele dia, pudesse levar o Guarabira de Roberto Dinamite para as penalidades - a competição era disputada em jogos únicos e eliminatórios com o vencedor avançando de fase até a final do torneio que naquele ano foi vencido pelo Botafogo.

Nas cobranças de pênaltis, veio a redenção do artilheiro que cobrou no mesmo canto e dessa vez marcou. A bola, antes de entrar no gol, ainda tocou as mãos salvadoras do tempo normal, antes de beijar a trave para, dessa vez, morrer no fundo do gol e garantir a classificação dos donos da casa para a fase seguinte, onde foram eliminados

pelo Campinense. Mesmo no segundo embate penal o atacante tendo levado a melhor, para o goleiro, o contexto do jogo já havia sido suficiente para mudar sua vida. Até porque, convenhamos, defender dois pênaltis de Roberto Dinamite no mesmo jogo e ainda eliminar os donos da casa, estragando a festa de toda uma cidade, seria demais e, além de tudo, uma espécie de desfeita futebolística, tal qual, como diria Ariano Suassuna, o ato de falar mal de uma pessoa na frente dela. Educado e gente boa como é, para Neto, a história daquele dia, tal qual como foi, segue sendo mais que suficiente.

"Antes de bater o pênalti ele me avisou: vou bater no mesmo lugar e, dessa vez, você não vai pegar. Aí eu disse: está certo. Depois do chute, uma pancada, eu fui lá, ainda toquei na bola e ela bateu na trave, mas acabou entrando. Mesmo assim, eu já tinha ganhado a torcida e guardado aquele momento na minha história. No final do jogo, conversamos, peguei o contato dele e até nos falamos depois, pois na época, meu pai morava na Ilha do Governador, assim como Roberto.

Eu fiquei de ir lá na casa dele quando fosse visitar meu pai, algo que não ocorreu, pois um tempo depois meu pai faleceu. Ainda assim, anos após esse jogo, Roberto Dinamite esteve em João Pessoa e eu fui com João de Souza, o mesmo que me colocou o apelido, até o Hotel Tambaú, juntos participamos de um programa na Rádio Tabajara, um reencontro que também guardo com muito carinho", afirmou Neto Dinamite.

Depois da partida, Neto seguiu sua carreira. Promissor goleiro que havia surgido na base de um Botafogo campeão em todas as categorias no estado, ele acabou não tendo oportunidades, pois disputava posição com dois grandes goleiros na história da equipe da estrela vermelha, Silvar e Pedrinho.

Assim, seguiu no Nacional de Cabedelo por mais uma temporada antes de jogar pelo Auto Esporte, Santa Cruz, Santos Tereré, todos da Paraíba, além de jogar no Estudantes de Timbaúba-PE, Panamirim-RN, Corinthians-AL, Cruzeiro-AL e Vasco-SE, onde foi campeão da segunda divisão sergipana.

Tendo encerrado sua carreira como jogador aos 34 anos, em 2005, começou a trabalhar como preparador de goleiros, profissão em que segue na atualidade. Nessa segunda carreira, ele também iniciou na base do Botafogo, antes de trabalhar no Auto Esporte, depois no CSP e ainda pelo Internacional de Mamanguape, time que na época era sediado em Lucena, antes de retornar ao Auto Esporte, onde, hoje em dia, trabalha.

Sem reclamações a fazer do que o futebol lhe proporcionou e ainda segue proporcionando, Neto carregou e carrega, ao longo dos últimos 30 anos, a alcunha recebida pelas ondas sonoras do rádio e aplausos da torcida adversária, naquele 31 de março de 1991. Uma tarde de domingo no estádio Sílvio Porto onde, o dinamite de Roberto passou a ser também de Neto, graças a defesa que o levou à glória eterna na história do futebol paraibano e também na de um dos maiores atacantes da maior escola de artilheiros do mundo.



O repórter da Rádio Tabajara, Franco Ferreira, entrevista o jogador Roberto Dinamite no Torneio Início; o craque com a camisa do Guarabira

Foto: Reprodução/Esportes

Comitê Paralímpico não vê possibilidade de cancelamento dos jogos

Andrew Parsons, do IPC, diz que é fundamental a realização do evento para dar voz às pessoas com deficiências

Foto: Divulgação/CPB

João Prata
Agência Estado

O brasileiro Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, na sigla em inglês), disse que não existe a possibilidade de os Jogos Paralímpicos de Tóquio-2020, no Japão, serem cancelados, por mais que algumas entidades médicas do país oriental tentem anular. Em entrevista ao Estadão, ele acredita que até por causa da pandemia é fundamental que aconteça a competição para dar voz às pessoas com deficiência, "afetadas de maneira desproporcional pelo coronavírus".

"É o momento de dar voz para 15% da população mundial. Um gap de oito anos no único evento global para deficientes seria um retrocesso gigantesco. A pandemia transformou a Paralimpíada do Japão na mais importante da história", ressaltou.

Andrew, que já presidiu o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), disse que o IPC gastará US\$ 900 milhões (R\$ 4,7 bilhões) a mais do que o previsto só para medidas de combate à covid-19. Para tranquilizar a população local, contou que os atletas serão testados diariamente desde 96 horas antes de embarcar para o Japão. Só poderão sair da Vila Olímpica para o local de competição. E assim que terminarem suas disputas, terão de retornar para o país de origem. Os Jogos Paralímpicos acontecem de 24 de agosto a 5 de setembro.



O presidente do IPC assegurou que os paratletas serão testados diariamente 96 horas antes do embarque para o Japão

A ENTREVISTA

Por que você acha que é importante ter os Jogos Paralímpicos em meio à pandemia?

Acredito que serão os Jogos mais importantes da história por causa disso. Se olhar ao redor, as pessoas com deficiência foram afetadas de forma desproporcional: 60% dos ingleses vítimas da covid tinham deficiência. Relatórios da ONU também apontam pesquisas nesse sentido. A pandemia destacou desigualdades que já existiam. Em um momento de stress do sistema, as políticas públicas não foram tão inclusivas. A Paralimpíada é o único evento global para os deficientes. O momento é de dar voz a 1 bilhão de pessoas, a 15% da população mundial. É o momento de eles serem escutados. A pandemia transformou a Paralimpíada do Japão na mais importante da história. Nos últimos anos, o IPC se aproximou ainda mais das questões de direitos humanos. Queremos trazer de volta essa pauta para o centro do debate. Um gap de 8 anos entre os Jogos do Rio-2016 e de Paris-2024 seria um retrocesso gigantesco.

Como está a expectativa para o início dos Jogos?

Por causa da situação de pandemia vai ser muito diferente de qualquer edição. Estamos trabalhando nas medidas de proteção, trabalhando com as autoridades. Mês que vem definiremos o número de espectadores. Estamos lidando com a situação do Japão. Sabemos que tem pesquisas que mostram uma visão negativa da população para os Jogos. A gente entende, a gente mora no Brasil, entende a sensação de incerteza da pandemia, que leva ao medo e à raiva e isso se reflete nos Jogos. Vamos respondendo a tudo com informação. Vamos detalhar todos os planos, que vai combinar testes, monitoramento e isolamento de eventuais casos positivos. Vamos informar que todas as delegações terão movimento restrito

Como será feito o monitoramento?

Começará com dois testes feitos 96 horas antes do embarque, em locais certificados pelo Japão. Os atletas serão testados todos os dias. E o restante da população envolvida diretamente com os Jogos também será testada de maneira muito intensa também. A chance de alguém com teste positivo ter contato com cidadão é remota.

No último dia 14 começaram a vacinação dos atletas brasileiros. Como está sendo a organização para vacinar as pessoas que participarão diretamente dos Jogos?

Temos relacionamento muito próximo com todos os comitês nacionais. Antes do anúncio da Pfizer, a estimativa era que 60% dos participantes iriam chegar vacinados em Tóquio. Agora, com essa nova campanha, voltamos a contactar os comitês para reavaliar o percentual. Tem países que já vacinaram todos atletas, a lista é muito longa.

O percentual de vacinação pode mudar os protocolos?

Não muda nada, até porque o planejamento dos Jogos começou a ser feito com ou sem vacina. O IPC não tem como exigir ou demandar ao comitê a vacinação como condição para vir aos jogos. A vacina traz uma camada extra de proteção. É uma garantia maior.

Dias atrás, o Sindicato Nacional de Médicos do Japão apresentou uma petição ao governo para que cancelem os Jogos de Tóquio. Existe a possibilidade de cancelamento?

Não, não existe. O que determina o cancelamento seria uma situação de agravamento muito grande da pandemia no Japão. A última coisa que queremos é colocar mais pressão nos serviços médicos do país. Temos soluções

dentro da estrutura dos Jogos para lidar com casos positivos. As petições pelo cancelamento vêm de um conceito equivocado de que vai ter número grande de casos dentro da população dos Jogos e que vai tirar oportunidade da população japonesa ser tratada. Sempre tivemos só um princípio norteador: a saúde e o bem-estar. Proteger atletas e população. E a partir daí tomamos as outras decisões.

Cerca de 40 cidades japonesas desistiram de receber atletas de outros países com receio de sobrecarga na rede hospitalar. Qual o impacto terá para a organização?

Atrapalha a preparação das delegações que iam se hospedar nas cidades. Mas não tem impacto operacional. É uma questão de comunicação que precisa ser resolvida. Talvez possa trazer até um pouco mais de controle, pois os atletas chegariam direto para a Vila. Vai interferir, claro, na preparação dos atletas.

Vocês vão monitorar também as delegações nos hotéis, no período de aclimação?

Seguiremos os mesmos protocolos que já estão sendo feitos em outros eventos esportivos. Nenhum evento até aqui difundiu o vírus. Vai haver uma lista de locais obrigatórios que poderão frequentar e onde não poderão frequentar, por exemplo.

E como será quando chegarem na Vila Olímpica?

Os atletas vão da Vila para a instalação onde vão competir. E da instalação para a Vila. Eu, por exemplo, vou do meu quarto, para a instalação. Infelizmente não vou poder ir para a Vila. Vai ser uma experiência nova. A prioridade é tornar os Jogos mais seguros possível. Cada delegação terá uma figura oficial que manterá contato com a organização. Essa pes-

soa vai concentrar as informações relacionadas ao monitoramento, será o canal de comunicação.

Qual o impacto de a Paralimpíada ter atrasado um ano? Qual o custo desse atraso?

Só de custos adicionais para enfrentamento da covid, o Comitê gastará US\$ 900 milhões (R\$ 4,7 bilhões).

Como você vê a maneira como o Brasil está lidando com a pandemia?

Os números preocupam. Como qualquer cidadão, quero proteger minha família, então obedeco aos protocolos de distanciamento, uso máscara e fico em casa o máximo que posso. Do ponto de vista do IPC, estamos atentos, mas não tem um tratamento diferenciado. O atleta brasileiro não vai ser tratado de maneira diferente. Óbvio que uns países inspiram mais cuidados que outros. Tenho conversado bastante com Mizael sobre essas questões, fico feliz que começou a vacinação dos atletas brasileiros. Fico também muito orgulhoso que o CT Paralímpico seja um elemento importante nesse processo.

Acredita que países que combateram de maneira mais eficiente a pandemia terão resultados melhores?

Difícil dizer. Tem questões muito específicas para serem analisadas. O acesso ao treino, a infraestrutura de cada um. Ao mesmo tempo, países mais desenvolvidos têm mais atletas, precisam de maior estrutura. Só vamos conseguir ter noção mais clara depois de analisar os resultados. Tem também situações como no Brasil, que há um número alto de casos e mortes, mas que o CPB realizou protocolos bem rígidos e os atletas não foram tão impactados.

Dia de decisão no Paraibano de 2021

Quatro jogos neste domingo definem os confrontos das quartas de final e os dois clubes semifinalistas

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O domingo promete ser de fortes emoções para os torcedores paraibanos com a realização da última rodada da fase de classificação do Campeonato Paraibano. Em disputa, uma das vagas para as semifinais, já que o Sousa já garantiu presença, a definição do primeiro lugar, de quem vai para as quartas de final, e quem será rebaixado. Três jogos serão às 19h30 e um começando às 16h, o clássico entre Campinense e Treze, no Amigão, e muita gente vai estar com a calculadora na mão fazendo contas, porque cada ponto, ou cada gol, pode fazer a diferença na tabela da classificação final.

Botafogo x Atlético

Botafogo e Atlético entram em campo hoje no Almeidaão, às 19h30, com objetivos diferentes. Ambos empataram na rodada passada e precisam vencer para alcançar seus objetivos, mas não dependem só deles. O Belo tem 12 pontos, perdeu a liderança para o Sousa, e agora precisa derrotar o Atlético, além de torcer para que o Sousa não vença o Nacional, para terminar em primeiro lugar. Em caso de derrota, o alvinegro da estrela vermelha corre o risco de perder para o Campinense a vaga para as semifinais. Um simples empate garante o time da Maravilha do Contorno nas semifinais.

Já o Trovão Azul necessita vencer para garantir presença nas quartas de final, sem necessitar de outros resultados. O clube ainda tem chances remotas de ultrapassar Treze e Campinense e decidir uma vaga para as semifinais, jogando em Cajazeiras, nas quartas de final. Em caso de derrota,

o time sertanejo não corre mais perigo de rebaixamento, mas pode terminar em penúltimo lugar e dar adeus ao campeonato.

Campinense x Treze

No Amigão, hoje às 16h, é dia de clássico dos maiores. O Campinense entra em campo em uma situação melhor do que o seu rival. Se vencer, a Raposa pode até ir direto para as semifinais, com uma derrota do Botafogo. Com apenas um empate, o Rubro-negro garante a terceira posição na tabela, sem precisar de nenhum outro resultado. Em caso de derrota, o Campinense pode até

Em caso de empate ou derrota, a equipe corre o risco de perder a liderança para o Botafogo. Mesmo com a derrota, o Sousa já está classificado para as semifinais.

Já o Nacional de Patos precisa vencer para não ser rebaixado. Em caso de vitória, o time pode ultrapassar o São Paulo Crystal e o Atlético, terminando em quinto lugar. Qualquer outro resultado, o time vai ter de torcer para que a Perilima não vença o São Paulo Crystal.

Perilima x SP Crystal

A Perilima receberá o São Paulo Crystal no estádio Amigão, às 19h30, em Campina Grande. A Águia está na lanterna e não depende mais apenas dela para escapar do rebaixamento. O time precisa vencer e torcer por uma derrota ou empate do Nacional para escapar. A Perilima ainda tem remotas possibilidades de chegar às quartas de final, mas para isto, precisa vencer o São Paulo, por uma diferença grande de gols, e torcer para uma derrota do Atlético. Para o São Paulo, um simples empate garante o clube na primeira divisão em 2022. Em caso de vitória por uma boa margem de gols, o Tricolor de Cruz do Espírito Santo pode até subir para a quarta posição na tabela, dependendo de outros resultados.

19h30

é o horário de três dos quatro jogos e apenas o clássico do Amigão será disputado às 16h

perder a vantagem de disputar as quartas de final em casa.

Para o Treze, só a vitória interessa para ultrapassar o rival e garantir a vantagem nas quartas de final, sem necessitar de outros resultados. Com um empate, o Galo poderá ser ultrapassado por Atlético e São Paulo Cristal e perder a vantagem de decidir a vaga para as semifinais em casa.

Sousa x Nacional

O Sousa é o único clube que depende apenas dele para terminar em primeiro lugar na fase de classificação. Para isto, o "Dinossauro" precisa vencer o Nacional de Patos, em jogo programado para o Marizão, às 19h30.

Classificação do Campeonato Paraibano de 2021

CLUBES	J	V	E	D	GP	GC	SG	
1º Sousa	13	6	4	1	1	6	1	5
2º Botafogo	12	6	3	3	0	9	5	4
3º Campinense	9	6	2	3	1	8	7	1
4º Treze	8	6	2	2	2	7	5	2
5º Atlético	6	6	1	3	2	8	10	-2
6º SP Crystal	6	6	1	3	2	4	6	-2
7º Nacional	4	6	0	4	2	5	7	-2
8º Perilima	3	6	0	3	3	8	14	-6



O Botafogo precisa apenas de um empate para se garantir nas semifinais no jogo de hoje contra o Atlético, no Almeidaão



O Sousa está rindo à toa depois da sexta rodada, ao assumir a liderança e se garantir nas semifinais do Paraibano



O Campinense terá um jogo complicado com o Treze por vaga na segunda fase do Estadual

São Paulo tentará quebrar jejum de 16 anos sem título

Domingo tem outras decisões em campeonatos importantes, como os jogos Grêmio x Internacional e Náutico x Sport

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O domingo será de decisões de alguns estaduais pelo país. Pelo Campeonato Paulista, São Paulo e Palmeiras decidem o título de 2021, a partir das 16h, no Estádio do Morumbi. O Tricolor joga em casa por ter feito a melhor campanha. O clube anda em um grande jejum de títulos. Há 8 anos, não sabe o que é ganhar uma competição e a 16 não é campeão paulista. A última vez que o São Paulo venceu um Paulista foi em 2005. Já o Palmeiras, foi o campeão estadual do ano passado e vem de várias outras conquistas, como a Copa do Brasil e Libertadores de 2020 e já está classificado para as oitavas de final da Copa Libertadores, liderando o Grupo A da disputa com 12 pontos após cinco jogos. Na competição sul-americana, o Tricolor também já se garantiu, mas só conquistou até agora oito pontos, faltando uma rodada.

A equipe do Morumbi, inclusive, tem retrospecto favorável contra o rival alviverde em jogos de mata-mata. São 13 vitórias em eliminatórias para o São Paulo, contra três do Palmeiras.

O triunfo mais recente do Tricolor veio na semifinal do Paulista de 2019, em que venceu nos pênaltis depois de dois empates por 0 a 0. A consagração ocorreu no Allianz Parque, com destaque para as defesas de Tiago Volpi e a cavadinha de Gonzalo Carneiro.

No Rio Grande do Sul, a

16

anos que o São Paulo não conquista um título estadual e há 8 nenhuma outra competição

decisão do título gaúcho de 2021 será, para variar, em um Grenal. As duas equipes já fizeram a primeira partida da decisão no último domingo, na Arena Beira Rio, e o Tricolor saiu em vantagem vencendo por 2 a 1. Hoje, a última partida que vai definir o campeão será na Arena do Grêmio, às 16h. O Colorado quer dar o troco na casa do adversário. Se o Grêmio ven-

cer, ou empatar, será tetracampeão, já que venceu as 3 últimas edições do Gaúcho. Já o Internacional, se for campeão, será o título de número 46, contra 39 do Grêmio.

Em Minas Gerais, Atlético e América fazem a segunda e decisiva partida do Campeonato Mineiro 2021. Na primeira partida da decisão, no último domingo, deu empate em zero a zero, no Estádio Independência. O jogo de hoje será às 16h30, no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte. O último título do Galo Mineiro foi em 2017 e o do América foi em 2016. O Alvinegro é o maior vencedor de títulos do campeonato estadual, com 45 conquistas, e o América só tem 16 títulos.

Em Pernambuco, Náutico e Sport decidem o título estadual, às 16h, no Estádio dos Aflitos (podendo ser transferido para a Arena Pernambuco, em caso de muita chuva). O último título do Sport foi em 2019, enquanto que o do Náutico foi em 2018. O Leão tem 41 títulos, contra 21 do Alvirrubro. Na primeira partida, disputada no domingo passado, na Arena Pernambuco, houve empate em 1 a 1. Quem vencer hoje será o campeão.

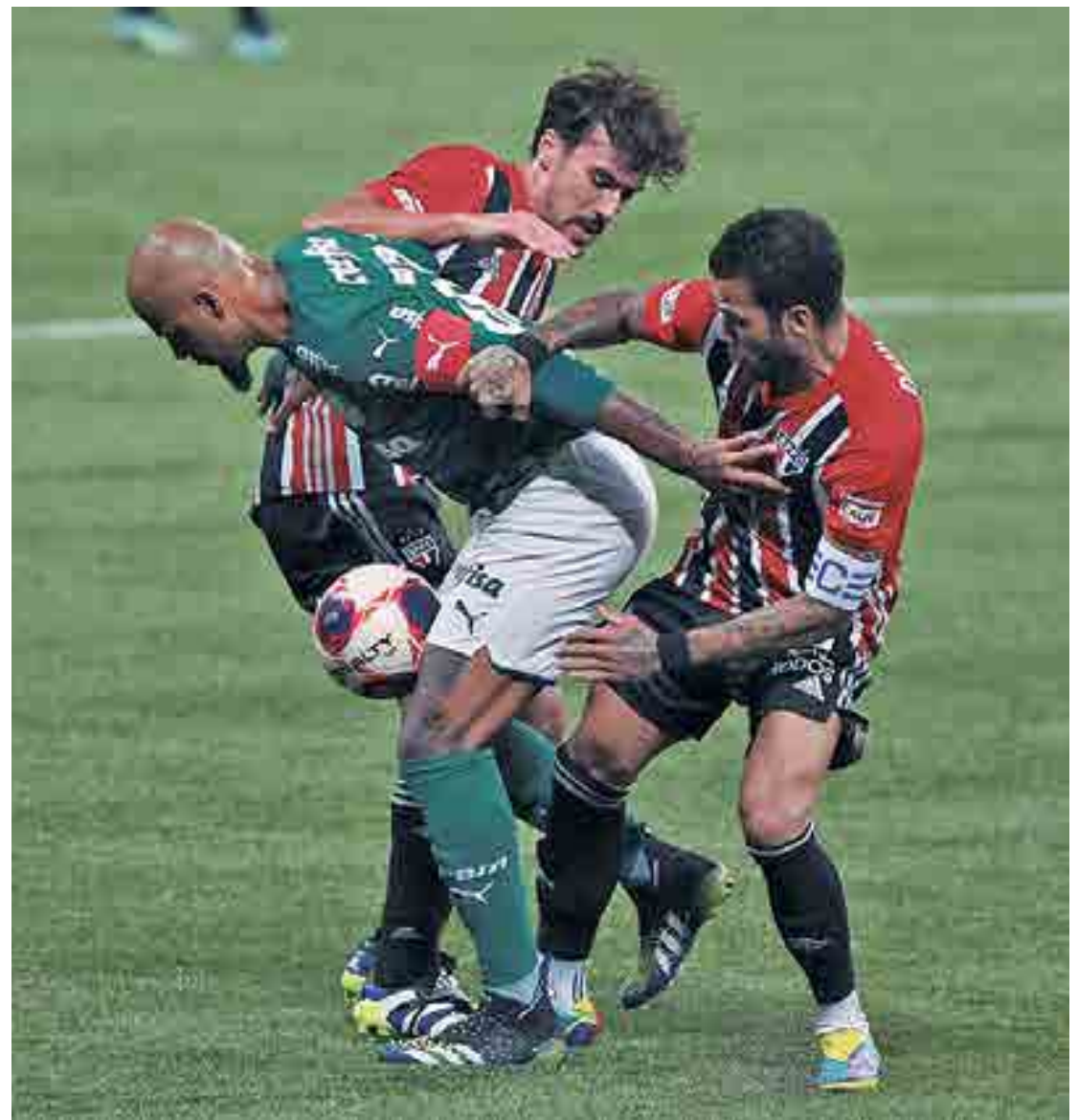


Foto: Rubens Chiri/São Paulo FC

O torcedor paulista vai conhecer hoje, no Morumbi, o campeão de 2021 no clássico entre São Paulo e Palmeiras

O cuidado continua!

A prefeitura pediu e cada um está fazendo a sua parte na luta contra a Covid-19. Agora, nossa esperança em dias melhores já começa a se tornar realidade. Os índices de ocupação estão diminuindo, o comércio voltou a funcionar com mais flexibilidade.

E para que a gente não precise voltar a tomar **medidas mais rígidas, temos que continuar usando máscara e nos cuidando.**

Baixe o app e agende sua vacinação



www.vacina.joao Pessoa.pb.gov.br



JOÃO PESSOA
PREFEITURA

cidade que cuida



Fotos: Walter Ulysses

Fotos: Arquivo pessoal



PALCO PARA A CULTURA PARAIBANA

■ O ator Márcio Tadeu (foto) ouviu de Ednaldo do Egypto palavras de incentivo no início de sua carreira e guarda boas lembranças do convívio com o colega de profissão e amigo de vida. O teatro que leva o nome do ator paraibano é palco para cultura de toda a Paraíba

A arte de fazer e construir teatro

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Ednaldo do Egypto teve uma vida dedicada às artes cênicas. Economista e contador por formação, atuou por pouco tempo na área. Foi nos palcos que o pessoense trilhou o caminho como autor, teatrólogo e ator, entrando para a história da arte na Paraíba. Atuou em mais de 60 espetáculos ao longo da carreira e foi, antes de tudo, um entusiasta, um incentivador do teatro no estado.

Entre os trabalhos que participou, destaque para 'Vovô Viu a Uva', 'Vovô Viu a Ave', 'Paraibanadas e 'Os Novos Ricos'. Na televisão desempenhou um dos últimos e mais divertidos papéis da carreira, o porteiro Abmael no humorístico 'Sábado de Graça', dirigido por Cristovam Tadeu e exibido de 1999 a 2000 pela TV O Norte, afiliada da Rede Bandeirantes. A última atuação do artista foi no filme 'Por 30 Dinheiros', de Vânia Perazzo, mas a estreia só aconteceu três anos após a morte do ator. Ednaldo do Egypto participou também da novela 'Vereda Tropical', dirigida por Carlos Lombardi e sucesso na Rede Globo em meados dos anos 80. Atuou em comerciais de TV e foi locutor da Rádio Tabajara, ofício pelo qual também tinha bastante apreço.

Foram anos de dedicação. O menino nascido no bairro de Cruz das Armas assistiu o primeiro espetáculo ainda aos oito anos de idade e aos 13 fez o primeiro trabalho. A essas alturas já estava envolvido pelo mágico universo da dramaturgia seguindo assim uma trajetória que fala de muitas alegrias, mas também de desafios dantescos. Quem teve a oportunidade de conviver com o teatrólogo lembra com carinho da força e da vontade que fizeram Ednaldo do Egypto transpor barreiras e vencer dificuldades tão conhecidas da classe artística.

Para o único filho, ele foi um exemplo completo. Fabiano do Egypto cresceu vendo o pai trabalhar pela cultura mais usufruiu também de um pai dedicado, repleto de atributos. "Pra mim além de um ícone da cultura paraibana que sempre lutou e respirou arte, era um grande pai, uma pessoa humilde, brincalhona, mas além de tudo um conselheiro e um grande amigo. Me ensinou a entrar e sair, a ser o homem que sou". Qualidades que passam também pela resiliência. Fabiano lembra de uma das grandes alegrias, de quando via os olhos do pai brilharem. "Quando olhava a sua casa de espetáculo movimentada, com o público assistindo espetáculo infantil, por isso a intenção de Ednaldo de ter construído o teatro, para atrair crianças, jovens e adultos a gostarem de teatro, valorizar a cultura".

Um sonho realizado

"Nunca deixe fechar as portas do meu teatro". A frase emocionada, tão viva na memória de Fabiano, foi dita no hospital no último dia de vida do pai, morto aos 67 anos vítima de complicações decorrentes de uma cirurgia de aneurisma na aorta. Mas quando as cortinas da vida se fecharam, em 2002, o grande sonho de Ednaldo já havia se concretizado. Fabiano destaca a construção do Teatro Ednaldo do Egypto como sendo a maior realização do pai, um sonho ousado, conquistado com suor e lágrimas, mas que rendeu muitos sorrisos. "Foram dois anos de construção até a inauguração em 1995". E mesmo depois de inaugurado as dificuldades seguiram. O entrevistado lembra de momentos em que viu o pai sofrer, não era fácil manter os custos do lugar. "O teatro não tinha o seu próprio sustento da renda da bilheteria. Os custos de manutenção e funcionários eram altos, então o meu pai tirava dinheiro do seu próprio salário da aposentadoria para custear despesas". E mais, quando não era suficiente Ednaldo não se eximia em pedir ajuda. O que não poderia acontecer, de jeito nenhum, era ter as portas de um sonho fechadas. "Lembro que teve uma fase em que meu pai teve que pedir dinheiro emprestado a minha tia para pagar impostos do teatro".

Depois da morte de Ednaldo do Egypto as coisas ficaram ainda mais difíceis e o teatro perigou fechar. Hoje o espaço, que em março completou 26 anos, é administrado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, ligado à Secretaria de Educação e Cultura.

Ednaldo do Egypto dedicou a vida às artes cênicas e também realizou o sonho de erguer o seu próprio palco, contribuindo para o enriquecimento da cultura paraibana

Foto: paraibacriativa.com.br



Economista e contador por formação, era ao abrir das cortinas que o ator se realizava. Atuou em mais de 60 peças e influenciou atores das gerações seguintes

Amigos de dentro e de fora das coxias

Foram muitos os laços de afeto construídos ao longo da vida. O amor pela arte fez Ednaldo do Egypto criar relações especiais de carinho e admiração. Quem teve a oportunidade de conhecer o artista, lembra com saudades e destaca a relevância de toda uma trajetória dedicada à arte.

Zeizita Matos conta que conheceu Ednaldo, a quem se refere carinhosamente como um irmão, em 1959. Foram décadas trabalhando juntos. "Um ator excepcional, que fazia rir e chorar com a mesma intensidade", pontua a atriz que tem 63 anos de carreira. Entre prêmios e reconhecimento, Zeizita destaca a ação do amigo fora dos palcos, Ednaldo tinha verdadeiro fascínio pelo teatro infantil, tinha consciência da importância de formar público e se empenhou nesse propósito. Era preciso não só fazer, mas também construir teatros e ele colaborou com o surgimento de pelo menos seis. "A ideia de levar teatro aos bairros, que começou na Igreja São José em Cruz das Armas, que ficava próximo a cinco escolas... Depois construiu o Ednaldo do Egypto, incentivou e administrou a construção do Lima Penante, também teve uma forte presença no Teatro Escola da UFPB, colaborou com o Íraclis Pires em Cajazeiras e também com o Santa Catarina em Cabedelo".

Márcio Tadeu enumera alguns trabalhos que realizou ao lado do ator. "O Burguês de Fidalgo, Lampião vai ao Inferno Buscar Maria Bonita, Vovô Viu a Uva, Sábado de Graça, No Tempo da Chrestomatia..."



Teatro fica no bairro de Manaira, em João Pessoa

do de Graça, No Tempo da Chrestomatia... dentre outros que não lembro agora". Mas o que o ator, que hoje mora no Rio de Janeiro onde está gravando uma minissérie dirigida por Jayme Monjardim, não esquece é das palavras de incentivo que ouviu no início da carreira, quando conheceu Ednaldo do Egypto. "Ele olhou pra mim e falou... 'Márcio, você ainda vai muito longe porque seu humor é próprio e você tem carisma'".

Palavras que o ator guarda até hoje e que foram cruciais, inclusive nos momentos mais difíceis. Não tinha como não considerar a fala de alguém que compreendia profundamente o universo teatral. "Para

mim foi um mestre onde bebi na fonte por muito tempo e aprendi coisas maravilhosas, desde um olhar a uma sensibilidade cênica para com o colega de palco, para com o próprio público... pena que ele não me viu brilhar em rede nacional, tenho certeza que sentiria orgulho. Ao Charlie Chaplin Paraibano, minha eterna gratidão".

Já o diretor e roteirista Eliézer Rolim conta que conheceu Ednaldo quando apresentava um espetáculo. "No Piollin. Ele se aproximou e disse que eu tinha escrito uma peça muito bonita. Tempos depois me convidou para dirigir um espetáculo. Era um artista nato, inteiro... fazia direção, produção e, principalmente, era um grande ator". O espetáculo a que Eliézer se refere é o musical 'No Tempo da Chrestomatia', foi a primeira experiência do jovem diretor com o já experiente ator Ednaldo do Egypto. Com o desafio veio uma constatação. "Percebi que ele era 'indivulável', porque ele sabia de tudo e era difícil controlá-lo. Tive alguns pegos com ele porque ele era muito teimoso, era uma criança (risos), era um palhaço, um Chaplin".

Foram muitas, mas para Eliézer Rolim a melhor lembrança é o talento, a alegria e o humor. "Era um homem de teatro, que viveu essa arte com todo seu glamour e sonho de construir seu próprio teatro e que apesar de ter vivido esse glamour era uma pessoa simples, natural, do povo e sabia fazer rir como ninguém. Apenas conversando com ele você já começava a rir, isso era a coisa melhor que Ednaldo do Egypto tinha".

Caldas Brandão

Legado do jurista e jornalista para a história da PB

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Mathias Freire - que apesar de sacerdote era jornalista inflamado, e com seus artigos ousava criticar os excessos do governo da velha República -, fez um elogio a ele através do Correio da Manhã, em 4 de agosto de 1933, dissertando: "Levo uma palavra de justiça a um paraibano que, no ocaso de sua vida terrena, tem iluminado a estrada percorrida na projeção estelar de um astro que nunca se apagará." Adjetivos assim eram dirigidos ao jornalista, desembargador e humanista Trajano Américo de Caldas Brandão, que, segundo atestam seus biógrafos, prestou serviços relevantes à História da Paraíba.

O Monsenhor João Coutinho, numa homenagem igual feita a Caldas Brandão, através de "A Imprensa," em 28 de setembro de 1933, afirma que "Trajano foi o maior paraibano de seu tempo, pois honrou sua toga. Se tornando digno da missão que a sociedade lhe confiou". Brandão, entre as inúmeras atividades que assumia, fundou em Areia, no Brejo paraibano, o polêmico jornal "O Democrata," e colaborou com outros veículos de comunicação, tornando-se, posteriormente, redator de A União; criador e diretor da Revista do Fôro, cargo em que permaneceu até morrer. Seu maior legado para o jornalismo foi utilizar a imprensa para angariar obras estratégicas em benefício do povo paraibano.

Seu sobrinho, o biógrafo e historiador, cônego Eurivaldo Tavares, afirma, em discurso registrado nos anais do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), que "Brandão sabia utilizar de maneira honesta e fortuita os cargos que tinha à sua disposição na imprensa. Foi assim que intensificou uma campanha, com o objetivo de construir o novo prédio do Hospital Santa Isabel. "Os cofres da instituição estavam exauridos, mas ele, como Provedor da Santa Casa da Misericórdia, realizou a obra, embora seus adversários não acreditassem nesta proeza", narra Eurivaldo. Brandão também sugeriu em 1913 - e conseguiu seu intento - a criação do Montepio dos Servidores Civis do Estado da Paraíba, ao então presidente da Província de Paraíba do Norte, João Pereira de Castro Pinto.

O pai de Brandão, um rico fazendeiro produtor e comprador de algodão, era homônimo do filho. Casou com Amélia Emília de Vasconcelos Caldas. Uma das filhas do casal, Antônia, foi taquígrafa da Assembleia Legislativa. Segundo informou o historiador José Octávio de Arruda Mello, certa vez ela interrompeu uma sessão e pediu ao presidente que ordenasse ao deputado ocupante da tribuna a falar mais alto, porque não estava escutando nada. Trajano Américo de Caldas Brandão (o filho) nasceu no antigo povoado de Canafistula, depois batizado Acaú (atualmente município de Caldas Brandão), em 22 de outubro de 1861. Morreu em João Pessoa, aos 63 anos, em 12 de setembro de 1933. É nome de rua na capital e de município no mapa estadual.



Foto: caldasbrandao.blogspot.com

Trajano Américo de Caldas Brandão fundou o jornal "O Democratas" em Areia, foi redator em "A União" e fundou a "Revista do Fôro", ainda hoje editada pelo Tribunal de Justiça da Paraíba

Ações em nome da filantropia

Para conseguir a construção do novo prédio do Hospital Santa Isabel, Caldas Brandão articulou participações financeiras com o Estado e municípios, também obtendo doações de particulares. Seu prestígio pessoal contribuiu muito para esta nobre causa. Em 22 de outubro de 1995, 62 anos após a sua morte, a Justiça Federal na Paraíba concedeu-lhe uma homenagem especial colocando a sua foto na galeria do

Chegou a desembargador e atuou como procurador do antigo Tribunal Superior de Justiça do Estado. Acabou nomeado juiz federal após tirar o primeiro lugar no concurso, em 1915. Aposentou-se em 1929. Criou o regimento interno do Montepio dos Servidores Civis do Estado da Paraíba. Foi juiz de direito na capital e em algumas comarcas do interior. Não se tem notícia de que um réu tenha sofrido

...encontrava tempo para, em qualquer área que atuasse, utilizar o jornalismo como ferramenta de bons propósitos e ações, tornado-se titular de muitas obras sociais. //

injustiças com suas sentenças. Duas descendentes de Caldas Brandão residem em João Pessoa, são sua bisneta Laurita Caldas e a mãe dela, Maria Laura Caldas dos Santos, neta do homenageado.

Elas foram autoras de um calendário ilustrado com pinturas de suas autorias, onde consta, entre outras obras, a caricatura da jornalista e poetisa Analice Caldas, e o óleo sobre tela

de Caldas Brandão. Analice foi a primeira mulher paraibana a encabeçar movimentos locais e nacionais pela valorização feminina. "Quando criança ouvi muita coisa sobre meu bisavô, que despertava minha curiosidade. Uma delas foi a de conhecer o município que leva seu nome. Lá, fiquei impressionada, pois a casa onde ele nasceu ainda estava intacta", observa Laurita, que também é formada em letras pela UFPB e já produziu filmes sobre artes plásticas e literatura de poesias.

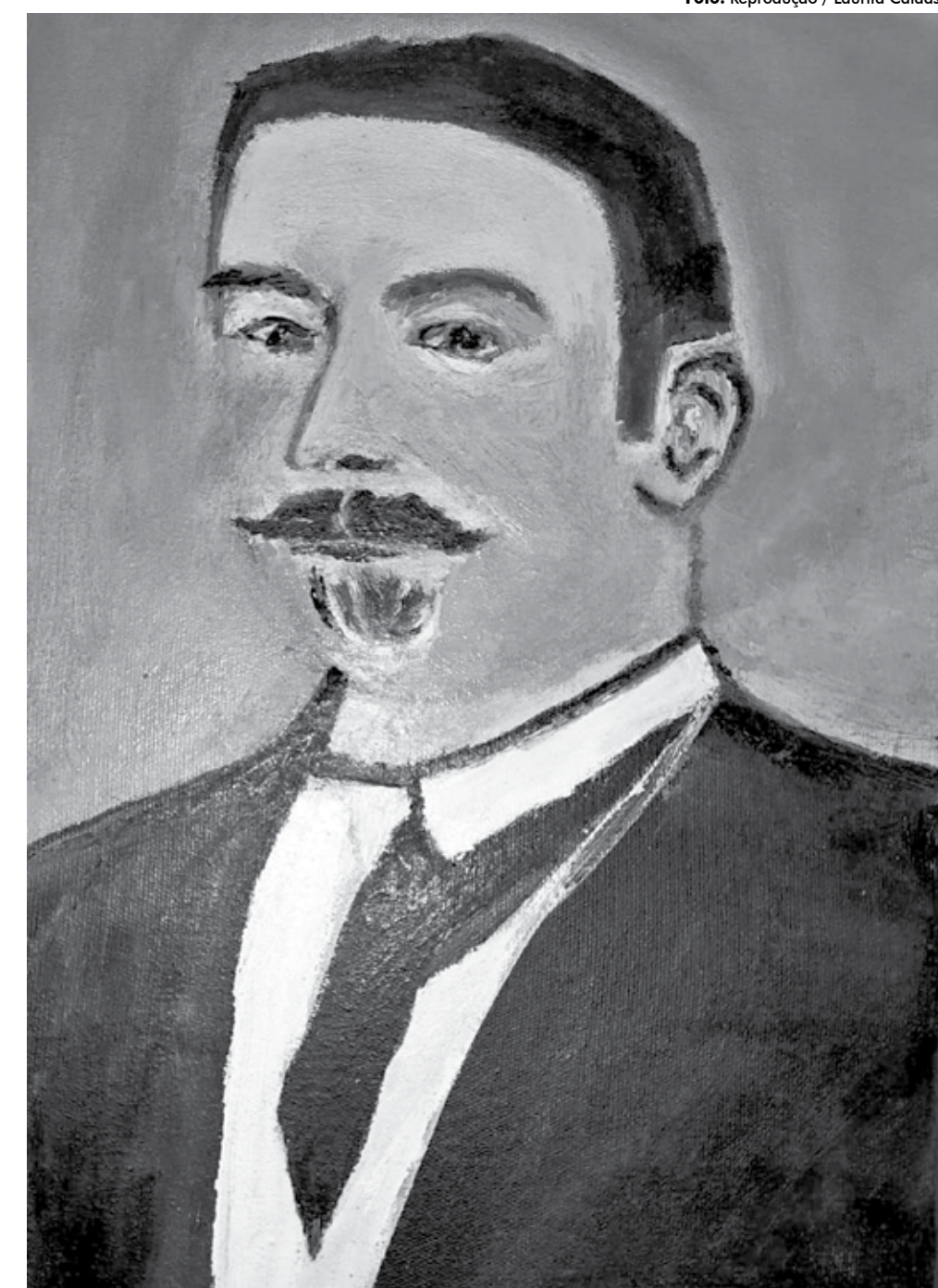


Foto: Reprodução / Laurita Caldas

Reprodução de retrato em pintura realizada pela bisneta de Caldas Brandão, Laurita Brandão

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Você escreve com empatia?

Sempre defendi que um texto simples comunica muito melhor do que um apanhado de termos complexos. Mas ainda não havia me dado conta de que é preciso ter empatia na hora de escrever. Será que o leitor, a pessoa a quem direciono minhas ideias, compreende bem o que desejo transmitir? Mais: se esse texto é direcionado a usuários de um serviço público, a clientes de uma empresa, a necessidade de haver clareza na informação cresce, e nossa responsabilidade como emissor também.

O escritor australiano Roman Krznaric acredita que a empatia é capaz de gerar uma revolução. "A empatia é, de fato, um ideal que tem o poder tanto de transformar nossas vidas quanto de promover profundas mudanças sociais", diz o filósofo.

Comecei a pensar, seriamente, na urgência de escrever de forma empática ao fazer o minicurso "Primeiros passos para uso de Linguagem Simples", ministrado pela jornalista Heloisa Fischer (foto). A capacitação está disponível, de forma gratuita e com direito a certificado, na plataforma virtual da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). O conteúdo também pode ser acessado gratuitamente no YouTube, sob o título "Minicurso 7 Diretrizes de Linguagem Simples".

No minicurso, Heloisa Fischer apresen-

ta o modelo de escrita Comunica Simples, com sete diretrizes para o texto fácil de ler: empatia; hierarquia; palavra conhecida; palavra concreta; frase curta; frase na ordem direta; diagnóstico. Para a jornalista, linguagem simples não se trata apenas de uma técnica de comunicação, mas também de uma causa social.

"Como causa social, a linguagem simples defende que nós temos o direito de entender informações que orientam o nosso cotidiano. Como técnica de comunicação, compreende um conjunto de práticas que visam a elaborar textos que sejam fáceis de ler", explica. A jornalista pontua que hoje, pelo menos, 15 países e milhares de empresas mundo afora já adotam a linguagem simples.

E como a empatia se insere nessa história? Colocando o coração em sintonia com a mente na hora de escrever. De acordo com Fischer, a empatia é fundamental em qualquer processo de comunicação e está associada a valores éticos. "O texto deve ser centrado na pessoa que vai ler - essa é a primeira premissa da linguagem simples e não tem negociação nesse sentido", afirma de forma categórica.

No curso sobre Linguagem Simples, aprendi que o exercício mais difícil de fazer na vida talvez seja o de sair do próprio



Foto: Divulgação/Leo Aversa

Escrever com empatia não é fácil. Não é mesmo! Exige prática e muita reescrita. Para Roman Krznaric, "gerar empatia numa escala de massa para promover mudança social e estender nossas habilidades empáticas para abraçar a natureza" é um dos seis hábitos das pessoas empáticas. Sim, a escrita empática, levando à população informações que promovam o verdadeiro exercício da cidadania, pode ser um bom começo para uma linda revolução. Vamos nessa?

Para a especialista em Linguagem Simples, quando se fala de pessoas, estamos falando de pessoas muito diferentes, e isso precisa ser levado em consideração na hora de produzir um texto. Fischer lembra que os indivíduos não têm tempo nem paciência para decifrar textos difíceis. Por

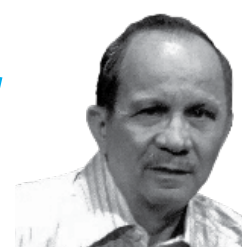
isso, a informação precisa ser apresentada de uma maneira rápida, objetiva e que exija o mínimo de processamento mental, de tempo dedicado ao entendimento. "Quando for escrever um texto, você precisa incorporar um 'estado empático'. É necessário estabelecer empatia com a pessoa que vai ler - essa é uma condição básica para um bom exercício profissional da linguagem simples.

Importante: a maioria da população no Brasil encontra dificuldade para ler qualquer texto. Conforme o Indicador de Analfabetismo Funcional (2018), 29% da população brasileira entre 15 e 64 anos é analfabeta funcional e só 12%, proficiente. Por isso, na hora de escrever, precisamos nos imaginar no lugar do outro e observar o mundo a partir de sua perspectiva, levando em consideração se a pessoa que vai ler o texto tem capacidade de compreender as informações e de fazer inferências.

Escrever com empatia não é fácil. Não é mesmo! Exige prática e muita reescrita. Para Roman Krznaric, "gerar empatia numa escala de massa para promover mudança social e estender nossas habilidades empáticas para abraçar a natureza" é um dos seis hábitos das pessoas empáticas. Sim, a escrita empática, levando à população informações que promovam o verdadeiro exercício da cidadania, pode ser um bom começo para uma linda revolução. Vamos nessa?

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos – A Música Cubana

Não só de cassinos e de mambos vivia a música cubana. Sem dúvidas, foi Pérez Prado quem abriu as portas do mercado americano para os ritmos advindos de Cuba. Assim é que dois novos *band-leaders* surgiram nesse universo musical: Francesco d'Asis Xavier Cougat Mingall de Bru I Deulofe e Ernesto Antonio (Tito) Puente.

O primeiro, tendo nascido (1900) em Girona/Espanha, aos três anos se mudou com a família para Havana, onde obteve sua grande influência musical, em função dos ritmos que tomavam conta da Ilha. Impregnado pelo som do mambo, derivou para a rumba, a salsa, o merengue e o chá-chá-chá, com suas variações rítmicas. Já adulto, o sucesso local o levou para Los Angeles/USA, onde passou a desenvolver duas atividades paralelas: de dia, cartunista do jornal *Los Angeles Times* e, de noite, maestro de orquestras incipientes.

Em 1928, Cougat instalou oficialmente a sua orquestra e obteve o primeiro grande contrato com a famosa boate *Coconut Grove* (Los Angeles). Juntos, mas separados, com o seu "desafeto" Pérez Prado, já conhecido como o Rei do Mambo, e com Cougat tornando-se alcunhado de o Rei da Rumba, ambos proporcionaram uma grande popularização dos ritmos cubanos, universalizando-os. Era a época dos dançantes

ritmos calientes. Tanto é que ambos, com as respectivas orquestras, gravaram os grandes sucessos da época: Mambo nº 5, Mambo nº 8, Perfídia, Frenesi, Siboney, El Manisero (*The Peanuts Vendor*), Maria Bonita, Maria La O, Patrícia, Coimbra (*April in Portugal*), Tequilla, Granada, Valência, Malagueña, Cezeza Rosa (*Cherry Pink and Apple Blossom White*), Adiós e muitas outras.

Com várias aparições em produções cinematográficas da Metro Goldwyn Mayer (MGM), em que interpretava a si próprio, Xavier Cougat contracenou com estrelas, como Jane Powell e a nossa Carmen Miranda. Aposentado desde 1971, vítima de um AVC, faleceu em Barcelona, em 1990.

Embora nascido em New York, Tito Puente (1923-2000) tinha formação musical de claro segmento à tradição musical cubana. Compositor, arranjador, percussionista, mentor e, afinal, *band-leader*, tinha uma ascendência em Porto Rico, outro país cultivador dos chamados ritmos cubanos. Como não poderia deixar de ser, no mercado musical da época, foi cognominado de *El Rey del Timbal* (variação do mambo). Com cerca de quatrocentas composições no gênero, preferia

gravar suas próprias músicas sem deixar de enveredar por outros *hits* executados e popularizados na época. O sucesso levou-o a ganhar por cinco vezes o ambicionado *Grammy Awards*, nos anos de 1979, 1983, 1985, 1990 e 2000. No mundo, digamos, "não musical", Puente, alistou-se na Marinha dos EE.UU., mesmo assim passou a tocar saxofone e bateria na banda do navio. Os anos 50, já novamente em terra, sua banda foi classificada como uma das três melhores orquestras da eferescente New York City, no momento em que reinavam o mambo e chá-chá-chá. Uma das razões da louvação que se fazia à sua banda certamente foi a

sua incursão pelo mundo do jazz, que ele buscou latinizar.

Ainda em vida, chegou a receber medalhas e tributos à sua arte musical, uma, por sinal, lhe foi ofertada pelo presidente Bill Clinton, em 1997. O seu álbum *Dancemania* foi classificado entre os 25 melhores e mais influentes do século XX. De sua filmografia, merece destaque pelo sucesso alcançado o filme *The Mambo Kings* (Os Reis do Mambo), e o seu repertório, além de composições próprias, como Mambo Gallego, 3d Mambo, Mambo Birdland, Mambo Gozon, Salsa y Sabor, Ran Can Can, enveredou pelos sucessos congêneres de Pérez Prado e Xavier Cougat.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walthoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Grupo Nordestão chegou à Paraíba com o SuperFácil Atacado

O SuperFácil Atacado foi aberta ao público na quarta-feira (19), com ênfase no atendimento diferenciado e preço baixo.

Com 11 lojas operadas no Rio Grande do Norte e 48 anos de história no mercado varejista, o Grupo Nordestão que passou a ser o SuperFácil João Pessoa, fortalecendo ainda mais o processo de expansão no segmento do atacarejo. A companhia desembarca em solo paraibano com uma loja ampla, moderna e com atendimento diferenciado.

O SuperFácil João Pessoa conta com mais de 5.000 m² de área de vendas, extensa seção de frutas e verduras, 26 check-outs e 426 vagas de estacionamento. A loja, que criou mais de 300 postos de trabalho na região, também terá grande foco na sustentabilidade, estando preparada para ser abastecida por 12.000 m² de painéis de energia solar.

Com a proposta de dar mais praticidade do atacado aos seus clientes, o SuperFácil João Pessoa abrirá com padaria própria, açougue com atendimento diferenciado e carne de sol a granel. Além de todas as vantagens citadas, o SuperFácil João Pessoa abre as portas recebendo diversas bandeiras de cartões de crédito e vales-alimentação.

A conveniência dos clientes também está no centro do projeto, que, futuramente, oferecerá uma ampla central de serviços bancários, praça de alimentação integrada,

clínicas médicas e academia com 1.000 m².

Acreditando que o melhor caminho para demonstrar respeito a um estado é a apreciação da sua cultura, o atacarejo convidou o artista Jurandir Maciel para construir um monumento em cobre, escultura essa que traz a figura de um pescador, personagem escolhido por representar o trabalhador do litoral, elo que liga os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. O monumento é adornado por placa decorativa que traz os versos do poeta Nonato Costa, e toda a proposta do supermercado foi ilustrada pelo desenhista paraibano Paulo Moreira, em peças de divulgação.

Localizado entre a Rua Diógenes Chianca e Avenida Hilton Souto Maior, o SuperFácil Atacado, com atenção especial para medidas de sanitização, a fim de proporcionar uma experiência de compras segura para os paraibanos e, em especial, para todos os pessoenses.

O Nordestão é uma empresa moderna, vitoriosa e líder no mercado potiguar.

Em seus 48 anos de atuação, a rede de supermercados conta com uma trajetória de sucesso marcada pela coragem e união dos fundadores, dedicação de milhares de funcionários, fidelidade de mais de um milhão de clientes e confiança de centenas de empresas parceiras. Em 2021, o Nordestão abre sua primeira loja em João Pessoa, o SuperFácil Atacado, que será a décima segunda loja do grupo, que hoje conta com 9 lojas no varejo e 2 no atacado em solo potiguar. A empresa conquistou o 1º lugar em vendas por check-out no Nordeste.

E hoje está na capital da Paraíba.



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA Milanesa de Frango

Ingredientes

- 200g de filé de frango empanado em ovo
- farinha de trigo, ovo e farinha de rosca, sal e pimenta do reino a gosto.
- 200g de batata frita.
- 1 caixinha de molho de tomate.
- 2 fatias de presunto
- 2 fatias de queijo mozzarella
- 30g de azeitonas em rodela
- Orégano a gosto

Modo de preparo:

■ Aqueça o óleo e acrescente a milanesa de frango para fritar por aproximadamente 05 a 08 minutos, e também a batata para fritar. Retire o máximo de excesso de óleo dos dois. Em seguida acrescente a batata no prato e coloque em uma forma de pizza para ao forno pré aquecido a 200 graus. Da mesma forma o frango já frito com o molho de tomate, as fatias de presunto, queijo e a azeitona. Deixe no forno para gratinar ou até derreter bem o queijo ao sair do forno polvilhe com orégano e sirva conforme a fotografia, pode ser acompanhado com arroz branco ou com um espaguete alho e óleo.

QUENTINHAS

Se você está querendo um Chef de Cozinha para fazer um almoço ou um jantar na sua casa ou num evento mais restrito seguindo as normas de distanciamento, pode entrar em contato com este colunista através do direct do meu Instagram @walthoulysses

Camaratuba Hotel Fazenda, que fica a apenas 70km de João Pessoa. Um local para desfrutar da natureza e seus filhos terem contatos com vários tipos de animais que só uma Fazenda pode proporcionar, vem fazendo uma reforma muito legal e vai ficar melhor que já era, e quem sabe vem uma consultoria de pratos com o chef aqui. Seu contato no WhatsApp 98892-0696 e seu Instagram é @camaratubahotel

Quem é cliente da Verd Nova Hortifruti sabe que a qualidade nos produtos que chegam até nossa casa é extraordinária. A empresa entrega frutas, verduras e legumes selecionados e embalados que você nem precisa ir até um supermercado. Vale muito a pena falar com eles e fazer um pedido pelo Instagram @verdnova ou pelo WhatsApp 98880-6659.

Fica de olho no meu Instagram que vem poucas vagas para o curso com Direct a degustação de Hamburger e serão vagas limitadas, com vários toques especiais. Meu Instagram @walthoulysses

PITADAS A GOSTO

Um atacado tele entrega consegue reunir bons fornecedores, mix maior de produtos e todos esses quesitos citados anteriormente em um só lugar. Tudo de forma simples e prática, facilitando, assim, o processo de compras e o recebimento das mercadorias, com apenas um cadastro feito.

Comprando em um atacado por telefone, é possível finalizar um pedido em poucos minutos, assim como realizar comparações de preços, consultas de informações de produtos e estoque em tempo real. Tudo isso no momento que for mais conveniente a você, sem perder tempo de deslocamento e nem pagar nada a mais por essas facilidades, que não param por aí.

Então aproveita a novidade que chegou até você. @superfacilatacado

Individualismo gera incapacidade de sentir a dor do outro e alimenta o negacionismo

André Resende
andreolimpio89@gmail.com

Como nós conseguimos não nos afetar diante da dor de uma outra pessoa? Somos testemunhas oculares, diariamente, do sofrimento alheio. Nos sinais de trânsito, nas áreas esquecidas da cidade, na porta de nossas casas. A fragilidade, a miséria, a vulnerabilidade chegam até nós recorrente e incessantemente. Poucas são as vezes em que nos sensibilizamos e agimos, inúmeras são as que nos falta sensibilidade ou que somente escolhemos não confrontar aquele problema.

As situações que nos fazem ser indiferentes ao sofrimento de outra pessoa são variadas, mas o padrão de comportamento é o mesmo. É o que explica a doutora em Educação Popular e professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Marísia Oliveira. A indiferença, na maioria dos casos, está associada a um mecanismo de defesa do "eu". Um reflexo quase que automático do ser humano que, ao se deparar com uma situação de crise, encontra meios de negar ou de escapar da realidade, bem como de justificar sua passividade ou inação.

"A empatia é uma dimensão humana muito importante, porque ela é a base das outras, dos principais sentimentos. Nós não existimos sem o outro. O outro é o que me constitui. A própria crise que enfrentamos neste momento, a pandemia, mostra isso. A humanidade é uma só. Quando eu não tenho consciência de que me constituo a partir do outro, a gente está muito alienado. A consciência de si envolve a consciência do outro.

A negação do real é uma forma de indiferença em que o indivíduo engana a si mesmo e aos outros", explica Marísia Oliveira. O negacionismo é, portanto, uma das formas de representação da indiferença que aliena a todos. Para a professora, a base da sociedade contemporânea é negacionista.

"Quando não praticamos a empatia, estamos também negando a realidade. O negacionismo é um mecanismo de defesa que usamos quando é muito pesado encarar os fatos. O escape da realidade vem com a busca de um refúgio. As pessoas que mais negam a experiência do outro, quem mais pratica a indiferença, sabe muito pouco de si, revela uma indiferença até de si", acrescenta a professora.

Em circunstâncias normais, a indiferença se dá nas relações no cotidiano, principalmente perante às situações em que as desigualdades sociais são mais latentes. A macroestrutura é amplamente favorável à indiferença. O capitalismo, em sua essência, é competir. Somos instruídos desde muito novos a mais que competir, vencer. Esse bombardeio de pressões psicológicas, muitas vezes provenientes das microestruturas, como a própria família, favorece uma postura individualista. A gente é ensinado a primeiro

nos preocupar conosco e depois, no máximo, com a nossa família.

A professora Marísia Oliveira, no entanto, explica que é preciso separar o individualismo da individualidade. O primeiro provém de um comportamento calcado no egoísmo. O sujeito age primeiramente para satisfazer seus desejos e, de certa forma, atender aos anseios dos seus próximos, indiferente à condição dos outros. A individualidade, por sua vez, tem a ver com a nossa marca pessoal no mundo, nossa singularidade, as particularidades que nos constituem como um todo.

"Infelizmente, na nossa educação, as nossas instituições não nos ajudam a ter uma consciência mais empática, para além do 'eu'. Vivemos sob uma alienação constante, e quando somos alienados, somos incompletos. As pessoas que não praticam a empatia, as pessoas alienadas, muitas vezes se colocam no mundo não como pessoas, mas como objetos, estão muito mais suscetíveis às influências midiáticas, a seguirem padrões sem questionar", acrescenta a professora.

Mas se, em condições normais de temperatura e pressão, as pessoas são impelidas pela estrutura a expor cada vez mais seu individualismo, a partir de uma ótica eminentemente capitalista, como avaliar numa conjuntura atípica e caótica de pandemia? Marísia Oliveira avalia que há um recrudescimento desse padrão de comportamento, embora a saída para a crise seja, justamente, o caminho da empatia. Na pandemia, o negacionismo e a indiferença são duas faces da mesma moeda.

"A gente nega muitas vezes quando não dá conta de encarar. A negação é um mecanismo de defesa. Diante de uma pandemia, a maior crise das últimas gerações, o negacionismo se torna ainda mais visível. Os fatos são negados e pior, as pessoas são encorajadas por discursos públicos dos políticos a assumirem o negacionismo. Esse comportamento é prejudicial no aspecto social porque a desigualdade, amplificada na crise, é agravada com o negacionismo", explica.

“

A negação do real é uma forma de indiferença em que o indivíduo engana a si mesmo e aos outros”

Marísia Oliveira



Inferiorizando o sofrimento do mais vulnerável

Negar, por exemplo, que as medidas de precaução mais basilares como uso de máscaras e distanciamento ou isolamento sociais são eficazes neste momento é defender, indiretamente, que as pessoas mais vulneráveis, muitas em situação de fome, se arrisquem a contrair a covid-19 para trabalhar como em tempos não-pandêmicos. É mais cruel que somente não mostrar interesse, é inferiorizar o sofrimento do outro.

A professora de psicologia explica que o negacionismo pôde ser visto nesta pandemia, seja nos bares lotados ou nas igrejas cheias de fiéis. O negacionismo, enquanto forma de demonstrar indiferença, quase sempre vem acompanhado de um refúgio, uma situação em que o indivíduo busca incessantemente para se distanciar da realidade.

"As pessoas que fogem da realidade buscam um refúgio. Na nossa sociedade temos vários. Algumas pessoas se jogam nas baladas, nos bares, na bebida para esquecer o que enxerga. Outros se apegam à fé, à religiosidade, tentam encontrar na espiritualidade um lugar distante da realidade. A fuga da realidade pressupõe esse refúgio", comenta a professora da UFPB.

Refugiados de uma realidade das mais cruéis, o negacionismo se alimenta do próprio negacionismo. A postura do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (sem partido), ao lon-

go desta pandemia, tem afetado as psiques de milhares de brasileiros. Alguns, sensíveis à gravidade do momento, muitas vezes, por medo ou autopreservação, se deixam levar pelo discurso obscurantista.

Contudo, a professora do Curso de Psicologia da UFPB alerta que, por mais que sejamos influenciados pela estrutura, o ser humano não é mera reprodução. Existe uma capacidade crítica em cada um que nos torna capazes de discernir. O sujeito tem responsabilidade sobre seus atos, por mais que as circunstâncias favoreçam um determinado comportamento.

"Não só o indivíduo, não só ele, mas também ele. Somos seres críticos, temos a possibilidade de ressignificar certos valores, de problematizar, de refletir, não somos meras reprodução, mas a gente também é transformação, temos essas duas possibilidades. Diante de um discurso prejudicial, não somos obrigados a obedecer, podemos e devemos reagir", alerta Marísia Oliveira.



Faces

da pandemia e indiferença à morte

Humanos e desumanos na existência

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

O filósofo alemão Martin Heidegger, pensador da relação do ser humano com o tempo, foi preciso em afirmar que nós, seres humanos, somos seres para a morte. Desde que nascemos, estamos destinados a morrer. A morte sempre esteve presente na vida, e nós, ao tomarmos consciência disso, desenvolvemos mecanismos de defesa para que ela não seja notada de forma recorrente. Porém, nenhum exercício de fuga desse nosso único mal irremediável foi suficiente para escapar da pressão psicológica causada pela pandemia.

Nossa postura em relação à morte, como a encaramos, mostra o lado mais humano e desumano da existência. A doutora em educação popular Marísia Oliveira, professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), analisa que a pandemia do novo coronavírus, que provoca a covid-19, amplificou a indiferença das pessoas em relação à morte. Não somente por uma questão ideológica, política, mas também por um movimento de autopreservação.

“A pandemia traz a consciência da possibilidade de deixarmos de existir a qualquer momento. Isso é muito ameaçador para o ‘eu’. Essa sensação é muito cruel. Ter essa dimensão, de que a gente pode morrer a qualquer momento, nunca ficou tão claro pra nós como agora. É por conta desse cenário que muitas pessoas embarcam no discurso fácil de que o que vivemos não é tão grave assim, ou que fazem de conta que não estamos passando por uma crise sanitária global que já matou milhões”, alerta a professora.

A morte, a perda, o luto e a ameaça provenientes da covid-19 se tornaram habituais no noticiário, nas redes sociais, até mesmo nas conversas com amigos e familiares. O uso das máscaras, o incômodo sentido em espaços públicos com muitas pessoas, as medidas de isolamento social, na pandemia, poucos são os momentos em que conseguimos esquecer a crise em que estamos imersos. Os lembretes surgem o tempo todo em todos os lugares.

“O que fecha o ciclo humano é a morte e nós tentamos encontrar justificativas para não sermos lembrados dela. Acontece que na pandemia estamos sendo forçados quase que 24 horas por dia a viver isso. Não existe a menor condição humana de passarmos por isso, seria enlouquecedor. Por isso, os mecanismos de defesa do ego. Por isso, as pessoas muitas vezes endossam o discurso do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) de negar a realidade. Nem sempre é ideologia, às vezes é fragilidade, desespero”, comenta Marísia Oliveira.

Quanto mais fragilizadas as pessoas



A pandemia traz a consciência da possibilidade de deixarmos de existir a qualquer momento. Isso é muito ameaçador para o ‘eu’. Essa sensação é muito cruel”

Marísia Oliveira

estiverem, mais propensas a negar a realidade também vão estar, acrescenta a professora. Entretanto, neste cenário de negacionismo, é importante destrinchar que a indiferença também se dá pelo desprezo da vida alheia, pelo entendimento individualista de que uma vida tem mais valor que a outra e, sendo assim, antes a morte de desconhecidos do que a minha.

Esse padrão de comportamento é muito mais reflexo do individualismo, do que de uma eventual perturbação pela consciência da morte. Mais do que demonstrar ausência de empatia, o desdém com a morte de outras pessoas, a indiferença com o luto, com a perda, traz uma outra dimensão à indiferença, que é a inação, ou à ausência de compaixão.

“A empatia é uma potencialidade humana, é inquestionável. Rousseau falava que o ser humano é o único animal capaz de compaixão, de sentir a dor do outro como se fosse o outro, capaz de se colocar no lugar do outro, se sensibilizar. Temos a empatia que é uma dimensão do se importar, mas existe a compaixão, que é quando você se move para querer ajudar. A empatia é o importar-se, a compaixão é o importar-se e agir”, explicou a professora de psicologia da UFPB.

Tanto a empatia, quanto a compaixão, são dimensões humanas fundamentais para vivência em sociedade. Ambas devem ser ensinadas desde pequeno, pois, quando criança, o ser humano tem uma capacidade de apreender valores sólidos que vão orientar suas decisões na fase adulta da vida. Marísia Oliveira conta que as crianças têm mais habilidades na compreensão, dos fatos cognitivos e relacionais.



Empatia como preocupação pedagógica

A professora Marísia Oliveira relata que em algumas escolas em países do exterior, a empatia é uma preocupação pedagógica. As crianças são ensinadas a desenvolver empatia. “Piaget, pensador francês, teórico do desenvolvimento cognitivo, compreende que a falta de empatia pode ser considerada como um déficit cognitivo. Então, ela deve se fazer presente principalmente nas operações formais, fase do desenvolvimento humano do fim da infância”, explica Marísia.

A preocupação de ensinar empatia nas escolas, entretanto, não exime o papel da família, dos pais, na missão de ajudar as crianças a serem mais empáticas. Marísia Oliveira comenta que desenvolver a empatia é papel primordial dos pais. Por meio do ensino da empatia, as crianças também desenvolvem o pensamento crítico, são instruídas a refletir sobre suas relações com os outros e sobre si mesmas.

“Se eu aceito tudo sem questionar, eu não estou desenvolvendo minha cognição. A empatia pode e deve ser atualizada. É possível, inclusive nós, psicólogos, que trabalhamos com Psicologia como ciência, podemos refinar a empatia. Quando eu não tenho consciência de mim e do outro, eu penso desvinculado do outro, da minha comunidade, do meu país”, conclui a professora.

Uma sociedade de crianças menos empáticas gera, conseqüentemente, uma sociedade de adultos menos empáticos. A pesquisadora e professora da UFPB defende, a partir de uma abordagem humanística, centrada na pessoa, com base nos tratados psiquiátricos, de que o comportamento adulto é uma construção. Se valores como a empatia e a compaixão são ensinados desde cedo, a possibilidade da criança se tornar um adulto preocupado com a existência do outro é muito maior.

“Ninguém nasce algo, torna-se algo”

“As crianças precisam ter mais oportunidade de expressar seus sentimentos, sem que ele precise falar disso. As crianças são treinadas a negar, são reprimidas, violentadas nos seus sentimentos. Os pais impõem suas preferências, não aceitam as escolhas feitas pelas crianças. As neuroses, as psicopatias, muitas vezes nascem de circunstâncias em que os pais frustram sistematicamente a capacidade de desenvolvimento cognitivo das crianças. Ninguém nasce algo, torna-se algo”, acrescenta Marísia Oliveira.

Nesse aspecto, a violência acaba sendo fruto de uma construção repressiva, da criação que é dada ao indivíduo, e de uma estrutura opressiva, em que a sociedade, o sistema, violenta os mais fragilizados. “Como posso pensar na ausência da violência se a sociedade é violenta? A nossa própria sociedade reverbera violências quando, por exemplo, não se compadece de quem passa fome, em quem não teve as condições básicas necessárias para conseguir sua subsistência”, complementa a professora de Psicologia da UFPB.

A racionalização do sofrimento do outro, externalizado no discurso de que “se aquela pessoa passa fome é porque não trabalhou”, justificando a violência do sistema como culpa exclusiva do indivíduo, eximindo-se da responsabilidade que quem pensa assim, enquanto cidadão, também tem. É nesta sociedade reprodutora de discursos como esses que teorias excludentes e nada empáticas, como a da meritocracia ganham mais adeptos.

“Eu estava refletindo recentemente, muito se fala em luta de classes no Brasil, mas esse nível de debate não é



possível, porque para haver luta é preciso que haja primeiro consciência. E o povo brasileiro não tem consciência de classe. Todos somos alienados da nossa própria condição”, finaliza a professora.

A normalização da pandemia diz muito da sociedade em que vivemos e diz mais ainda das pessoas que pregam discursos indiferentes à pilha de mortos que o Brasil acumula desde o início da maior crise sanitária da nossa história. Evitar pensar na morte como um mecanismo de preservação do ego é um comportamento essencialmente humano, se mostrar indiferente à perda de centenas de milhares de vidas é o traço mais desumano da nossa sociedade.

No encontro do único mal irremediável, a marca do nosso destino na terra, como bem nos lembrou o escritor paraibano Ariano Suassuna, nós, esse só rebanho de condenados somos duplamente penalizados pela política da imunização de rebanho.

E daí?



Imagens: Pixabay

Sentimentos diversos interferem nas relações

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O dicionário traduz indiferença como um estado de tranquilidade daquele que não se envolve com as situações, desprendimento. Diz que é falta de interesse, de atenção, de cuidado, de consideração e traz como sinônimos o descaso e o desdém. Também pode ser a ausência de comoção ou interesse para com qualquer estímulo, apatia ou, num termo mais difícil, ataxia. Pode ser ainda o estado daquele que não se deixa conduzir por sentimentos arrebatadores como amor, ódio, raiva.

Ser indiferente, em alguns casos, é ser neutro. É não se importar com o sentimento alheio. Isso pode ser externado nas diversas nuances que o sentimento possui e se manifestar em vários aspectos do ser humano. Uma pessoa indiferente seria como alguém que não sente, não sofre, nem se incomoda. É um sentimento que pode manter à margem a pessoa que se comporta assim, sendo capaz de produzir feridas dolorosas nas pessoas ou grupos da sociedade com os quais se relaciona.

Na prática, a indiferença está associada à insensibilidade, ao desapego, à frieza, ao distanciamento em maior ou menor grau. Que o diga a dona de casa Lúcia Lima, de 47 anos, que detesta os programas relacionados a esportes, as loucuras que as pessoas cometem para estarem perto

de seus clubes e ídolos, mas que se transforma durante a Copa do Mundo de Futebol. “Eu realmente não tenho a menor paciência com esportes e muito menos com certas coisas que as pessoas fazem. Tem gente que pinta a casa, compra toalha do time do coração, cola adesivo, coloca nome de jogador em filho, faz até tatuagem. Acho um exagero”, observou.

Porém, o coração da dona de casa derrete a cada quatro anos para ver a seleção brasileira de futebol jogar. “Aí, a coisa muda de figura, é diferente, é o mundo inteiro envolvido. Eu e meu marido reunimos os amigos, a família e fazemos a maior festa. Parece que a competição é na minha casa. Todo mundo vestido a caráter. É muita diversão e, por que não dizer emoção?”, confessou. O electricista Edimilson de Oliveira Lima, marido dela, compartilha da paixão pela seleção. “Sou um entusiasta do futebol arte, não do comercial”, frisou.

Enquanto a dona de casa que não gosta de esportes abre uma brecha para a maior competição mundial de futebol, o desempregado Luiz Ferreira, de 61 anos, não pode nem ouvir falar em outro assunto: política. “Minha justificativa é simples. A mentira norteia tudo que se faz nesse meio. Raros são os que querem ajudar o povo e as promessas nunca são cumpridas. Eu me considero indiferente às campanhas políticas”, relatou.

Amor, sexo e sonhos desfeitos

Um dia, o coração da aposentada Maria Lúcia Vicente (nome fictício), 73 anos, bateu forte por alguém. Na verdade, ela teve dois ou três namorados, o último na fase adulta, por volta dos 40 anos. O pretendente veio de outro estado. “Quando bati os olhos, achei que era a pessoa que eu esperava e que aquele seria o momento de deixar a solteirice de lado e ser feliz”, lembrou. Mas o que parecia ser um sonho se desfez quando ele propôs que os dois fossem embora sem casar. “Eu disse não, ele foi embora, nunca mais nos vi-

mos e eu desisti do amor”, resumiu.

Talvez a decepção tenha tornado a aposentada indiferente ao amor e, em consequência, ao sexo. “Nunca vi a necessidade de ter uma relação sexual só por ter. Se tivesse dado certo, teria acontecido. Não sinto falta, nem me sinto frustrada, mas não quero mais ninguém nem para namorar, nem para firmar compromisso e muito menos relacionamentos vazios. Sou feliz assim. Vou morrer virgem e isso não faz nenhuma diferença para mim”, garantiu.



+ Indiferença que leva ao desprezo e à frieza

Quando se fala em indiferença, há vários significados, como explica a psicóloga clínica Danielle Azevedo. “Existe a característica do que se pode manter tranquilo, quando não se demonstra preocupação, e até outro tipo de indiferença que é quando existe a falta de consideração por alguém ou a ausência de interesse. É como se a gente tivesse certa indiferença pelos sentimentos dos outros e, nessa definição, é com-

parada com o desprezo, a frieza”, observou.

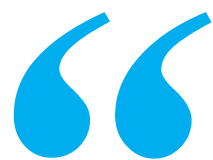
Algumas pessoas, segundo ela, até falam que a indiferença é a pior maneira de desprezar uma pessoa, quando não se dá a devida atenção àquilo que poderia ser mais apreciado pelo sentimento, pelo reconhecimento. “A indiferença dentro de um relacionamento pode ser interpretada de várias formas e essa é uma queixa muito comum no consultório. Quando o pa-

ciente relata a indiferença do cônjuge, geralmente é aquele silêncio que traz incerteza, que traz a própria monotonia na relação onde não existe diálogo. Esse sentimento é capaz de desgastar muito a relação, e muitos relacionamentos acabam sendo prejudicados por isso”, avaliou.

O diálogo se torna estruturante em toda e qualquer relação, principalmente quando se fala em relação afetiva, con-

jugal, sexual e, por isso, conforme a psicóloga, é preciso tratar dessas questões emocionais de forma mais ampla. Nesse caso, a indiferença está associada à ausência de consideração, cuidado. “Consequentemente, a pessoa passa a não se sentir amada, desejada, querida, e acaba se transformando num problema que a gente pode mencionar a saúde mental em torno disso”, frisou Danielle Azevedo.

Mecanismo de defesa



Não consigo ser passiva ou agressiva, preciso ser assertiva, o momento de equilíbrio que preciso para essa escuta ser terapêutica”.

“Está mais do que comprovado que quando se é indiferente a uma pessoa que está ao lado, um amigo, um parceiro é como se as pessoas interpretassem com agressividade e com dor. Sempre tem uma interpretação deturpada e sempre há algo negativo por trás. Quando alguém mostra sua indiferença a outra pessoa é como se estivesse confirmando que não há mais sentimento suficiente ou adequado para aquele contexto”, comentou a psicóloga.

Para ela, no entanto, a indiferença pode ter um lado positivo. “Costumo

dizer que nem sempre a indiferença é negativa, porque ela pode ser também um mecanismo de defesa, quando as pessoas querem parar de sofrer, quando não querem mais permitir serem decepcionadas. É uma forma de dizer indiretamente: ‘pare, eu não quero mais que você faça isso comigo”.

E emendou: “Se a gente não pudesse recorrer à neutralidade e tivesse que dar uma resposta positiva ou negativa para cada estímulo que a gente recebe, ficaríamos completamente esgotados. É importante sempre ter-

mos uma resposta adequada àquilo que a gente está sentindo. Isso se chama assertividade”, disse.

Para Danielle, é muito difícil as pessoas serem complacentes quando elas estão expondo sentimento. “Não consigo ser passiva ou agressiva, preciso ser assertiva, esse meio termo, o momento de equilíbrio que preciso para essa escuta ser terapêutica. E aí a gente sabe que vai ser relacionada ao que esse paciente está vivendo, uma forma talvez vingativa, punitiva, frustrada de se relacionar com aquela questão”.

Assexuada?

Uma pessoa assexuada é aquela que não tem desejo sexual, não tem vontade de viver, nem sentir. Tem pouca ou nenhuma atração ou desejo sexual. Um quadro parecido com o da aposentada Maria Lúcia Vicente que, depois da decepção, se fechou. “E aí a gente entra num universo de questionamentos tanto para quem é vítima, como para quem é causador da situação”, disse Danielle Azevedo.

Isso, segundo ela, envolve a feminilidade, o altruísmo, a sexualidade, a forma de autoafirmação, autocobrança, autoestima. “Envolve a maneira como essa pessoa se cobra, se ela se sente inferior ou não, a relação com o corpo, o membro, o pênis ou a vagina. Existem várias questões que estão por trás disso, desde situações traumáticas até as próprias disfunções sexuais”, afirmou a psicóloga Danielle Azevedo.

Antigamente, segundo ela, era comum ouvir o termo “frígida”, mas ele foi excluído do código de identificação diagnóstica de saúde mental e o caso é tratado como assexualidade, quando as pessoas são indiferentes a sexo.

Psicopatas

A indiferença é um tema que possui muitas particularidades, podendo envolver a indiferença presente em alguns transtornos mentais, como depressão e psicopatia, ou ser um traço da personalidade. “O psicopata não desenvolveu a capacidade de gostar do outro. Por isso ele tem uma individualidade muito premente, que precisa ser satisfeita de forma intensa”, disse Hilda Moana, da Associação Brasileira de Psiquiatria, durante audiência pública realizada em 2018, na Câmara dos Deputados.

Na ocasião, ela afirmou

que ser indiferente aos demais é uma das características do psicopata, um indivíduo que não tem empatia, ou seja, que é indiferente às outras pessoas. No mesmo encontro, a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, autora do livro ‘Mentes perigosas’, que aborda o tema da psicopatia, comentou o quão os psicopatas podem ser perigosos, mesmo sem o uso da violência, e cita a corrupção como exemplo.

“Todo corruptor contumaz, na minha opinião, é um psicopata. Porque há uma indiferença com a população, há uma inconsequência com seus atos no sentido de não ver o que está tirando do outro”, observou. Os depoimentos de ambas estão na matéria ‘Psicopatas nem sempre agem com violência, alertam especialistas’, publicada pela Câmara dos Deputados, em Brasília.



Indiferença

Característica da personalidade ou uma condição patológica?

Lucilene Meireles
lucilene@epc.pb.gov.br

Quando se fala em indiferença afetiva, pensa-se imediatamente em pessoas frias e secas, ou mesmo na psicopatia. Quando se fala em indiferença sexual, pensa-se logo em frieza. Se alguém diz que é indiferente no amor, é logo julgado como incapaz de amar ou de que é daquela forma por não ter sido correspondido. A observação é do psiquiatra Estácio Amaro, doutor em Neurociência Cognitiva e Comportamento pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestre em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cientista e professor do Curso de Medicina da UFPB.

indiferença competitiva, como, por exemplo, nos jogos e esportes, pensa-se logo em sentimento de fracasso, baixa autoestima e estranhamento. Atualmente ser indiferente é, muitas vezes, saudável, exemplificando, principalmente, em relação a posicionamento político. Não só partidário, mas no geral. Proteção ou ausência de sentimentos?”, pontuou.

Assim como afirmou a psicóloga Danielle Azevedo, o psiquiatra analisa que a indiferença pode ser um mecanismo de defesa para evitar o sofrimento, mas pode ser também resiliência, que seria a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças. “Até que ponto não amar, não competir, ser neutro é

saudável?”, questionou.

Na análise do psiquiatra, existe uma linha muito tênue entre ser indiferente como característica e ser por algum transtorno mental ou de personalidade. “É necessário investigar se há sofrimento, sentimento, prazer ou sem emoção, diferenciar e, assim, individualizar. Fazendo uma analogia simples: ‘quem chora está triste’. Nem sempre! Pode ser choro de alegria, de dor física, de empatia, mas também de tristeza”, enfatizou.

Existem transtornos de personalidade que são caracterizados por indiferença. Não há desejo de manter relações mais próximas nem íntimas, como no transtorno de personalidade esquizoide, exemplificando. Frieza emocional é muito frequente na personalidade antissocial (psicopatia, no senso comum). Assim, não há uma resposta direta que defina o que é ser indiferente.



Quando se pensa em indiferença competitiva, como, por exemplo, nos jogos e esportes, pensa-se logo em sentimento de fracasso, baixa autoestima e estranhamento”

Estácio Amaro



Medo de ser o centro das atenções

Dizer o que significa indiferença depende da perspectiva do questionamento. O autista, por exemplo, pode ser indiferente aos pares por apresentar dificuldade de interação social. De acordo com o psiquiatra Estácio Amaro, ele geralmente não quer interagir socialmente, o que já diferencia de quem tem fobia social, que apresenta o desejo, mas não consegue ser julgado, geralmente devido à timidez excessiva ou medo de ser o centro das atenções e sofrer críticas.

“A indiferença é considerada um sentimento neutro se isso for, de certa forma, consciente. ‘Eu prefiro ser indiferente a me decepcionar ou ter conflitos com os outros’. Porém, transtornos mentais, como a depressão maior, podem cursar com indiferença, nos quais se poderia pensar em apatia, anedonia (não sentir mais prazer com o que antes lhe era prazeroso) e abulia

(incapacidade de iniciar o que quer que seja ou de tomar decisões)”, explicou o psiquiatra.

Frustrações passadas também podem levar as pessoas a apresentarem um mecanismo de defesa, fechando-se como em concha, sendo indiferentes às emoções e às vivências sociais. “Apatia seria sentir-se indiferente ou sem emoção, muitas vezes como um sinal de depressão ou pelo consumo excessivo de álcool e drogas ilícitas. Ela pode ser ‘normal’ e é um indicador de doença subjacente somente quando os sentimentos se tornam excessivos, obsessivos e interferem na vida cotidiana”, esclareceu.

Ele acrescentou que a indiferença sentida por um amor não correspondido pode levar a uma “evitação” amorosa, solidão, tornando-se, assim, um ciclo vicioso de medo de amor e de não ser amado.

Ser diferente não significa ser indiferente

Existem transtornos da sexualidade, como a diminuição da libido, vaginismo, dispareunia ou mesmo a assexualidade. “Por que não essa última? A sociedade patologiza o que não é comum, julga logo que o assexuado foi vítima de abuso, tem traumas, é ‘anormal’. Nós somos necessariamente obrigados a seguir o que a fisiologia pede? Será que é poder mesmo? Ou pode ser querer? Reflexão para todos, inclusive, para cientistas”, ponderou Estácio Amaro.

E ressaltou: “Não deveria, mas pensemos: futebol, política e religião. Devemos falar sobre ou já pode ser motivo de discussões? Talvez aí entre a ‘indiferença da neutralidade’, mas pode ser que o indivíduo realmente não tenha partido político, não torça por nenhum time de futebol e não tenha religião, sendo ou não cristão”.

Para o psiquiatra, ser indiferente soa, na sociedade, como patológico apenas, mas pode ser uma opção

ou que quem seja de acordo com a opinião dos outros, não se sinta e nem veja assim. Ele citou também a alexitimia – termo utilizado para a acentuada dificuldade ou mesmo incapacidade de expressar emoções. “Anestesiado? Indiferente? Ou resultante, inclusive, de medicamentos antidepressivos ou álcool e drogas”, frisou.

Pode-se classificar a indiferença como um substantivo feminino que pode ter significados antagônicos, conforme observou o psiquiatra. “Acredito que até mesmo o dicionário veja a complexidade do tema. Portanto, sentir amor, fazer sexo, praticar e competir algum esporte, fazer política são algumas possibilidades que podem ou não serem desejadas, independentemente da classe social. É importante reconhecer se se trata ou não de um transtorno mental ou de personalidade ou, senão, aceitar que ser diferente dos outros não significa ser indiferente”, completou.

